



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA

ICOMI-Notícias (1964-1967)

Alice David Madureira

Matrícula: 201611290035

Roger Waters Azevedo da Silva

Matrícula: 201611290003

MACAPÁ-AP

2023

ALICE DAVID MADUREIRA
ROGER WATERS AZEVEDO DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA

ICOMI-Notícias (1964-1967)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Carmentilla das Chagas Martins

MACAPÁ/AP

2023

ALICE DAVID MADUREIRA
ROGER WATERS AZEVEDO DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA
ICOMI-Notícias (1964-1967)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Carmentilla das Chagas Martins

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carmentilla das Chagas Martins
Orientadora

Profa. Dra. Júlia Monnerat Barbosa
Profa. Avaliadora

Profa. Dra. Elke Daniele Rocha Nunes
Profa. Avaliadora

Profa. Me. Pollianna Pimentel Ferreira
Profa. Avaliadora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

M183 Madureira, Alice David.

As representações femininas nas fotografias da revista ICOMI-Notícias (1964-1967) / Alice David Madureira, Roger Waters Azevedo da Silva. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 108 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de História, Macapá, 2023.

Orientadora: Carmentilla das Chagas Martins.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Representação. 2. Mulheres. 3. Fotografia. I. Silva, Roger Waters Azevedo da. II. Martins, Carmentilla das Chagas, orientadora. III. Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

CDD 23. ed. – 907

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família: Minha mãe, Elza Maria, meu pai Adenilson Madureira, minha irmã, Aline David, e minha cachorrinha, Nina, por me apoiarem, ao seu modo, em cada momento desta graduação. Por vocês, tudo isso foi possível.

Agradeço profundamente às pessoas do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB-UNIFAP) por toda vivência feliz e construtiva dentro da universidade. Vocês foram, e ainda são, essenciais na minha trajetória acadêmica, política, intelectual e pessoal. Então, lindezas do meu coração: Piedade Lino Videira, Enilton Vieira, Elzilene (Elza), Fernando Canto, Tayrine Batista e César Filho, muito obrigado!

Agradeço às pessoas que fizeram dos corredores da UNIFAP caminhos de trocas acadêmicas, fofocas e afetos em meio a muitos copos de café, o chamado Lirou Santinhas: Juliana Belfor, Queiton Carmo, Lucas Marcel, César Filho, Leandra Marques, Aldenize Almeida, Sabrina Bentes e Herson Lima, muito obrigado por tudo!

Agradeço imensamente à galera do matinho: Natasha Noelle, Anderson Moraes, Letícia Santos e Anderson Rocha, pela companhia e apoio. A amizade de vocês me levou a momentos de autoconhecimento e ampliação de novos horizontes.

Aos companheiros e companheiras que tive a sorte de conhecer durante a experiência de mobilidade acadêmica e permanecem nessa trajetória comigo. Obrigado por toda troca, acolhida e compreensão: Caio Henrique, Gilceany Espindola, Weslen de Lima, Juno Nedel, Rafael Bernardo e Vera Lúcia.

Aos meus colegas e amigos de curso: Ítalo Torres, Marcus Guedes, Jonathan Kristian, Taliany Reis, Evandro Siqueira, Raimunda, Alícia Miranda, Antonio Neto, Willian Feitosa, Francisco Neto e Galdêncio Silva, obrigado por serem tão gentis e parceiros nas lutas e (algumas) vitórias diárias. Reclamar e sorrir ao lado de vocês foi especial.

Aos amigos de outros cursos, obrigado pelo carinho e companhia nos intervalos e almoços no RU: Aline Lima (Artes Visuais), Diego Quaresma (Artes Visuais) e Ana Rita (Biologia) – a interdisciplinaridade que deu certo!

Às pessoas maravilhosas que contribuíram direta e indiretamente para esse trabalho, desde o pré-projeto: Vinícius Matos, Antonio Neto e Profa. Júlia Monnerat. Saibam que vocês foram essenciais para a concretização desta pesquisa e que eu as admiro profundamente e agradeço por tudo.

Meu muito obrigado aos meus amigos Victória Melo, Ranelly Sá e Camilo Balieiro por serem tão carinhosos, pacientes e especiais comigo, e partilhar nossas dores e amores nos momentos de crise me fortaleceu. Obrigado por cada memória feliz que criamos juntos, e mesmo que poucas, me aquecem o coração.

À minha prima, Gabriela Madureira, futura psicóloga, que por tantas vezes me ouviu, brigou, aconselhou e riu comigo dos causos da vida. Tua força me dá força e tua luz sempre vai ser forte por isso, porque queres bem os teus.

Agradeço grandiosamente à nossa orientadora e professora Carmentilla Martins, por ser luz e ter tanto carinho por nós. Não fomos fáceis, mas sua paciência e amor fez deste trabalho o que ele é hoje. Obrigado por tudo!

Por fim, agradeço ao meu melhor amigo e companheiro nesta empreitada que é a vida: Roger Waters Azevedo da Silva. De calouros a futuros Licenciados em História, meu carinho por ti transcende o tempo e espaço. Muito obrigado por todos os momentos de amor e amizade. És essencial na minha vida e na conclusão deste ciclo.

Alice David Madureira

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus familiares, que me apoiaram durante todos estes anos de graduação, dos quais aqui gostaria de agradecer nominalmente: aos meus pais, Anderson Menezes e Denise Calandrini; às minhas avós Maria Rosa e Maria Domingas; ao meu avô Amadeu Ribeiro; aos meus irmãos Nicolas Ferreira, Gustavo Azevedo e Daynara Calandrini, e a todos aqueles não citados aqui, porém presentes em meu coração.

Ao Núcleo de Estudos Afrobrasileiros – NEAB/Unifap por ter me permitido a formação política e intelectual que me guiou durante todos os anos da graduação e sem os quais eu jamais teria concluído esta etapa. Agradeço à Profa. Piedade Videira, Prof. Irlon Ferreira, Profe. Irís Ewejimi, e a Enilton Vieira, Elzilene Garcia e Tayrine Batista.

Agradeço a meus amigos da Escola Augusto dos Anjos e da Banda MOC, que, mesmo após tantos anos, ainda são parte fundamental de minha vida: Klemerson Sá, Bruno Levi, Diego Balieiro, Marcio Cristian, João Fagundes, Camilo Ruan, Ian Bertoldo e Denis Dominique. Obrigado por não esquecerem de mim, mesmo quando a academia tomava todo o meu tempo.

Às Lirou Santinhas, grupo tão importante durante todos esses anos. Sem as nossas reflexões e fofocas, duvido que teria conseguido suportar as penúrias da Unifap: César Filho, Juliana Belfor, Lucas Marcel, Queiton Carmo, Sabrina Bentes, Leandra Marques, Aldenize Almeida e Herson Lima. Rumo a todas santinhas formadas!

À Galera do Matinho, os primeiros amigos que fiz quando entrei na Unifap e jamais esquecerei todos nossos rolês e presepedas. Obrigado por me levantarem sempre: Anderson Moraes, Natasha Noelle, Vinícius Milhomem, Lucas Rilsonney, Adrian Kethen, Tiago Flexa, Anderson Rocha, Leticia Santos e Pablo Leon. Espero que possamos nos juntar novamente para mais uma bebedeira desenfreada.

Aos colegas do curso, gostaria de agradecer aos amigos e amigas da turma 2016.1, mas também aos de outras turmas que me acompanharam durante as diversas matérias em outras disciplinas: Taliany Reis, Ítalo Torres, Jonathan Kristhian, Marcus Guedes, Evandro Siqueira, Ana Karoline, Antônio Neto, Galdêncio Silva, Francisco Neto, William Feitosa, Alicia Miranda, Marlos Vinicius, Aline Lima, Diego Quaresma e Meu Amigo Jack Bishon.

Àqueles que me ajudaram de forma direta e indireta na escrita desta monografia: Marina Russo, Sérgio Meira, Zyon, Freud, Rodolfo, Nina, Lucas Pinheiro, Marivone Ferreira, Elder e sua família, Denise Balieiro e Dimitri Balieiro. Agradeço especialmente à nossa Orientadora, Profa. Carmentilla Martins, por todo o apoio, orientações e parceria, sem as quais jamais conseguiríamos concluir este trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu parceiro de trabalho, David Madureira, que é meu parceiro de vida e caminhada desde o início desse curso. Sem sua companhia e ajuda por todos esses anos eu jamais teria chegado nesse momento. Muito obrigado, amigo! Por fim gostaria de dedicar este trabalho à toda minha ancestralidade, que sempre me impede de cair. Axé.

Roger Waters Azevedo da Silva

RESUMO

Este estudo encontra-se dentro do campo da história cultural e pretende discutir as representações femininas produzidas pela Indústria e Comércio de Minérios S.A. – ICOMI em seu periódico institucional ICOMI-Notícias, veiculado em suas Company Towns de Serra do Navio e Vila Amazonas durante a década de 1960. A partir das fotografias como fontes, buscamos compreender de que forma as mulheres retratadas nessas imagens eram representadas pela empresa. Os principais objetivos desta pesquisa são analisar a relação dessas representações com o discurso modernizante do período, compreender o motivo do interesse em moldar um ideal feminino e explorar a estratégia educativa do olhar utilizada pela empresa para (re)produzir esse ideário. Para alcançar tais objetivos, utilizaremos os conceitos de representação e modernidade. Como recurso metodológico, aplicaremos os apontamentos de Mauad (1996) sobre o tratamento das fotografias como fonte histórica e sobre representações será utilizado Chartier (1990).

Palavras-Chaves: Representação. Mulheres. Fotografia. Revista ICOMI-Notícias.

ABSTRACT

This study is within the field of cultural history and intends to discuss the female representations produced by Indústria e Comércio de Minérios S.A. – ICOMI in its institutional journal ICOMI-Notícias, published in the Company Towns of Serra do Navio and Vila Amazonas during the decade of 1960. Using photographs as sources, we seek to understand how the women portrayed in these images they were represented by the company. The main objectives of this research are to analyze the relationship of these representations with the modernizing discourse of the period, understand the reason for the interest in shaping a feminine ideal and explore the educational strategy of the gaze used by the company to (re)produce this ideology. To achieve these objectives, we will use the concepts of representation and modernity. As a methodological resource, we will apply Mauad's notes (1996) on the treatment of photographs as a historical source and Chartier (1990) will be used on representations.

Key Words: Representation. Women. Photography. Icomi News Magazine.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Cartaz de propaganda Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia produzido por Jean-Pierre Chabloz em 1943	19
Figura 2 - Estrada de Ferro do Amapá	29
Figura 3 - Mapa de localização das minas de manganês na Serra do Navio	31
Figura 4 - Planta Geral de Serra do Navio	33
Figura 5 - Volume da produção e da produtividade física da ICOMI (1957/1997)	34
Figura 6 - Trecho da reportagem da Revista Manchete edição n. 681 de 08/05/1965	37
Figura 7 – Fotografia 01	49
Figura 8 – Fotografia 02.....	50
Figura 9 – Fotografia 03.....	51
Figura 10 – Fotografia 04.....	52
Figura 11 – Fotografia 05.....	53
Figura 12 – Fotografia 06.....	54
Figura 13 – Fotografia 07.....	55
Figura 14 – Fotografia 08.....	56
Figura 15 – Fotografia 09.....	57
Figura 16 – Fotografia 10.....	58
Figura 17 – Fotografia 11.....	59
Figura 18 – Fotografia 12.....	60
Figura 19 – Fotografia 13.....	61
Figura 20 – Fotografia 14.....	62
Figura 21 – Fotografia 15.....	68
Figura 22 – Fotografia 16.....	70
Figura 23 – Fotografia 17 e 18.....	73
Figura 24 – Fotografia 19, 20 e 21	75
Figura 25 – Fotografia 22.....	76
Figura 26 – Fotografia 23.....	79
Figura 27 – Fotografia 24.....	82
Figura 28 – Fotografia 25.....	83

Figura 29 – Fotografia 26.....	85
Figura 30 – Fotografia 27.....	87
Figura 31 – Fotografia 28.....	91
Figura 32 – Fotografia 29.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMCEL - Amapá Florestal e Celulose S.A.
BASA - Banco da Amazônia S/A
BCB – Bando de Crédito e Borracha
BRUMASA - Bruynzeel Madeira S.A.
CAETA - Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores
CDSA - Companhia Docas de Santana
CFA - Companhia Ferro-Ligas do Amapá
CODEPA - Companhia de Dendê do Amapá
DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral
EFA – Estrada de Ferro do Amapá
EXIMBANK - Export-Import Bank of the United States
IAN - Instituto Agrônômico do Norte
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMI – Indústria e Comércio de Minérios S.A.
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JPE - Jaakko Poyre Engenharia
PIN - Programa de Integração Nacional
POLOAMAZONIA - Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia
PROTERRA - Programa de Redistribuição da Terra
SALTE - Saúde, Alimentação, Transporte e Energia
SAVA - Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico
SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia
SESP – Serviço Especial de Saúde Pública
SPVEA - Superintendência de Plano de Valorização da Econômica da Amazônia
SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
TFA – Território Federal do Amapá
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA: O AMAPÁ E A MINERAÇÃO INDUSTRIAL NO SÉCULO XX.....	17
1.1 A AMAZÔNIA NO SÉCULO XX: OS DESAFIOS DO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO	17
1.2 O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ	22
1.3 PROJETO ICOMI – IMPLEMENTAÇÃO, AÇÃO E CONSEQUÊNCIAS	25
2 TEORIA DA FOTOGRAFIA E CARACTERIZAÇÃO DA REVISTA INSTITUCIONAL	40
2.1 BREVE DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE FOTOGRAFIA E REVISTA INSTITUCIONAL	40
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA <i>ICOMI-NOTÍCIAS</i>	46
2.2.1 Folheando as páginas da <i>ICOMI-Notícias</i>	46
3 A BELA MÃE DONA DE CASA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS FOTOGRAFIAS DA ICOMI-NOTÍCIAS.....	67
3.1 A MULHER BELA	67
3.2 A MULHER DONA DE CASA.....	76
3.3 A MULHER MÃE	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

O anseio por realizar esta pesquisa nasce das inquietações surgidas durante todo o processo de graduação, notadamente nas disciplinas em que estudamos a história do Amapá com mais afinco. Assim como nos trabalhos apresentados por diversos colegas do curso, nos quais conseguimos notar a variedade de fontes produzidas pela mineradora Indústria e Comércio de Minérios S. A. (ICOMI), com as quais poderíamos trabalhar e realizar nossa pesquisa histórica. Junta-se a isso o fato de o nome Icomi ainda fazer parte do cotidiano de vários municípios do estado, tanto nos vestígios materiais como nas memórias dessas localidades.

Este trabalho está inserido dentro do campo da História Cultural, pois é a partir deste campo que se torna possível o estudo das representações dos sujeitos históricos através das diversas fontes documentais (BURKE, 2008). Nos localizamos na temática do estudo da utilização de recursos midiáticos para instituir regimes específicos de reprodução da vida, tanto socialmente quanto na esfera privada. Mais especificamente, nesta pesquisa nos desdobraremos sobre a utilização da fotografia nesse processo de propagação da ideologia modernizante ao qual o Grupo Icomi buscava enquadrar as mulheres inseridas em seu projeto de mineração.

Como fonte utilizaremos as fotografias publicadas na revista *Icomi Notícias*, periódico institucional do Grupo Icomi, que foi publicada entre 1964 e 1967. O Projeto Icomi foi o primeiro grande projeto de mineração industrial a ser implantado na Amazônia no século XX, no então Território Federal do Amapá. O empreendimento, que teve duração de cerca de cinquenta anos, consistia inicialmente da mineração e exportação do minério de manganês retirado das minas localizadas na atual Serra do Navio, porém com o tempo foi se diversificando em outras frentes produtivas.

A falta de precedentes de empreendimentos de tal escala na região obrigava a Icomi a ter uma grande preocupação com o controle social exercido sob seus funcionários, pois isto seria fundamental para o sucesso do projeto. Podemos citar as construções das *company town*¹ de Serra

¹ Cidades ou vilas construídas e administradas por empresas para garantir o melhor funcionamento de determinado empreendimento econômico e que são rigidamente controladas para permitir a máxima eficiência produtiva. Para saber mais, ver: PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. Capital, trabalho e moradia em complexos habitacionais de empresa: Serra do Navio e o Amapá na década de 1950. In: AMARAL, Alexandre *et al.* **Do lado de cá:** fragmentos de História do Amapá. Belém: Açáí, 2011. p. 461-468.

do Navio e Santana como o lado tangível desse controle social e a revista *ICOMI-Notícias* como o braço ideológico da formação de um trabalhador e cidadão “icomiano ideal”.

Mesmo não sendo voltada para o público feminino, e sim para o corpo de trabalhadores da empresa, a revista, desde suas primeiras edições, contava com uma sessão voltada às mulheres na qual construía, principalmente de forma imagética, representações das mulheres que viviam nas vilas, as jovens que apareciam para a sociedade através de ações sociais como desfiles e esportes, as que trabalhavam para a empresa, as mães e as donas de casa.

De modo a explorar tais representações, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações imagéticas das mulheres na Revista *ICOMI-Notícias* dentro de um processo de modernização para a Amazônia, iniciado com o projeto de exploração mineral pela Indústria e Comércio de Minérios S. A. (ICOMI), em 1953. Nesta pesquisa busca-se responder, especificamente, às seguintes questões: Quais são as representações de mulheres nas fotografias do periódico e qual sua relação com o discurso de modernização? Por que o Projeto ICOMI se preocupou em construir um ideal de feminino para trabalhadoras da empresa e do lar? Por que se fez tão necessário fixar papéis de gênero por meio de uma estratégia educativa do olhar?

Como instrumentalização desta pesquisa lançaremos mãos de conceitos tais como Modernização (PRADO, 2008), que nos permitirá entender o processo histórico em que a Amazônia, e posteriormente o Amapá, encontrava-se no recorte temporal pesquisado, sendo o desenvolvimentismo a prática da teoria da modernização aplicada nas políticas públicas brasileiras voltadas a esta região, durante a maior parte do século passado.

A partir do conceito de representação como proposto por Roger Chartier (1990), entendemos a realidade através das representações que os seres humanos fazem da sociedade, as quais são socialmente construídas, e sendo assim, possuem intenções existentes atrás de si. A revista *ICOMI-Notícias* está carregada de representações construídas, por meio de uma educação do olhar, feita por um grupo editorial subordinado à mineradora ICOMI.

Portanto, dentro da dialética de “dar nome” de Chartier (1990), o dominador tem o poder de nomear e o dominado é a quem cabe ser nomeado. Dessa forma, as representações feitas sobre as mulheres na revista são como os nomes dados pelos dominadores aos seus dominados, predominando a imagem idealizada da elite hegemônica que se torna modelo para estas mulheres que estão dentro do Projeto ICOMI.

Quanto ao entendimento das fotografias, partiremos primariamente dos estudos de Mauad (1996), que nos permite compreender a fotografia não como uma transposição da realidade, mas sim como produções culturais carregadas de intencionalidades conscientes e inconscientes. A fotografia enquanto possuidora de uma narrativa que é construída a partir da construção dos sentidos e que se desvela ao analista. A autora também nos chama a atenção para entender os sentidos atribuídos pelos produtores de tais imagens e daqueles que as percebem.

Quanto à metodologia e o tratamento das fontes, todas as trinta e seis edições da revista *ICOMI-Notícias* foram analisadas a partir de sua versão digitalizada, que nos foi repassada pela pesquisadora Polliana Ferreira durante a disciplina de patrimônio histórico, cultural e natural. Após a leitura das edições foram selecionadas todas as fotos que continham mulheres em primeiro e segundo plano; então, em uma primeira análise, foram criadas categorias para agrupar essas fotografias que serão trabalhadas nesta pesquisa, e elencamos três: mulher bela, mulher dona de casa e mulher mãe. As fotos que consideramos mais representativas de cada uma dessas categorias serão expostas e analisadas no corpo do texto.

O recorte temporal da pesquisa abrangerá o período de publicação e circulação do periódico *ICOMI-Notícias* no TFA, que se estende de janeiro de 1964 até julho de 1967, totalizando trinta e seis edições publicadas pela empresa.

No primeiro capítulo, intitulado “A modernização da Amazônia: o Amapá e a mineração industrial no século XX”, a partir de análises bibliográficas, abordaremos o processo de políticas de modernização pelo qual a Amazônia passou durante a primeira metade do século XX, a criação do Território Federal do Amapá, assim como os meios pelos quais o Projeto *ICOMI* se estabeleceu e se organizou durante seu período de existência. Com isso buscaremos compreender o contexto social, político e espacial no qual a pesquisa está inserida.

No segundo capítulo, “Teoria da fotografia e caracterização da revista institucional”, será apresentada uma reflexão teórica sobre o uso das fotografias como fontes históricas. Partimos da ampliação das noções de documento propostas pela escola dos *Annales* até chegarmos aos autores que efetivamente teorizaram sobre as formas com as quais as fotografias podem ser trabalhadas dentro da pesquisa histórica, como Mauad (1996) e Meyrer (2011). Também será feita a caracterização da *Revista ICOMI-Notícias*, bem como uma discussão sobre o uso das revistas institucionais.

No terceiro capítulo, “A Bela Mãe Dona De Casa: Representações Femininas nas Fotografias da ICOMI-Notícias”, serão apresentados os resultados das análises das fotografias, assim como a descrição dos critérios adotados para a sua seleção. Com base na seleção e catalogação das fotografias publicadas nas 36 edições da revista, propusemos a análise a partir de três categorias: A primeira delas é a “Mulher bela”, que entende a representação das mulheres em ambientes públicos e em geral relacionada a eventos de beleza, desfiles e premiações. A segunda é a “Mulher dona de casa”, e nesta categoria estão representadas mulheres em ambiente privado e sua relação com os ambientes ditos femininos, com destaque aos seus papéis de cuidadoras e mantenedoras do lar. E por fim, na terceira categoria, temos a “Mulher mãe”, na qual as mulheres aparecem nos dois tipos de ambiente. Reforçamos aqui a sua representação de cuidadora, não sendo somente a cuidadora de sua casa, mas também da prole.

Por fim, são apresentadas as “Considerações finais” e listadas as obras que foram Referência neste estudo.

1 A MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA: O AMAPÁ E A MINERAÇÃO INDUSTRIAL NO SÉCULO XX

Neste capítulo temos por objetivo tratar sobre o tema da modernização na Amazônia durante a primeira metade do século XX, a criação do Território Federal do Amapá, assim como realizar uma caracterização do Projeto ICOMI. Buscamos aqui entender em que contexto político e social encontravam-se os sujeitos contidos nessa pesquisa, já que sem a articulação desses homens e mulheres no seu tempo e espaço não há possibilidade de se construir conhecimento histórico. Para cumprir este objetivo faremos uma revisão bibliográfica acerca dos temas de interesse.

1.1 A AMAZÔNIA NO SÉCULO XX: OS DESAFIOS DO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO

A economia brasileira se encontrava fragilizada após a crise de 1929, e o ideário de progresso, baseado no pensamento positivista e que foi base da fundação da República Brasileira no final do século XIX, juntamente com as ideologias liberais, já não mais serviam como base e motor dos projetos da nação. Caberia a Getúlio Vargas, seguindo a tendência do restante da América Latina, apostar no Nacional-Desenvolvimentismo como a saída para os problemas postos (PRADO, 2008).

Dessa forma, a década de 1930 foi marcada por um intenso processo de mudanças sociais, políticas e econômicas, que provocaram uma acelerada industrialização nos grandes centros urbanos do país à época: São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, Vargas tentava aos poucos, transformar a economia do país, que até então era quase que em sua totalidade voltada à exportação de uma só *commoditie*, o café, para uma economia mais voltada ao mercado interno e menos dependente do mercado internacional (CAPELATO, 2019).

Para que esse fortalecimento da economia interna fosse possível, se fazia necessário integrar ao país suas regiões menos desenvolvidas: a Nordeste, marcada pelas grandes secas, e a

Norte, até então conhecida pelo extrativismo de borracha e o seu “grande vazio demográfico”². É a partir desse momento que a Amazônia passou a ser alvo de diversos planos e políticas do governo federal, que tentaram integrá-la a esse novo Brasil que era construído, a maioria sem sucesso (MATOS, 2022).

Apesar dos afãs modernizadores para a Amazônia, pouco foi feito nos primeiros sete anos do governo de Getúlio Vargas, no que se refere à integração da região ao restante do país. Até o início da Segunda Guerra Mundial, apenas o empreendimento mal-sucedido de Henry Ford (1927-1945) é digno de algum destaque, mas mesmo esse foi tocado com capital privado e estrangeiro. Porém, com a Segunda Guerra, os olhos do mundo ocidental tornaram-se novamente para a borracha brasileira, e iniciou-se a Batalha da Borracha (D’ARAÚJO, 1992).

Também conhecido como 2º ciclo da borracha, foi o esforço de guerra despendido pelas forças militares aliadas, para retomar a produção em larga escala de borracha na Amazônia, pois com a tomada da Malásia pelo Japão, em 1941, o fornecimento da borracha utilizada na guerra cessou. Tal fato levou o governo norte-americano a buscar o governo brasileiro, que até então se matinha em posição de neutralidade no conflito, para que seus estoques não fossem esgotados, o que seria um grande baque já que a borracha era utilizada na confecção de itens bélicos, calçados, itens cirúrgicos e peças automotivas, entre outros (D’ARAÚJO, 1992).

² Escritos de Euclides da Cunha, Alberto Rangel e Alfredo Ladislau no início do século XX, marcaram profundamente o imaginário social do restante do Brasil sobre a Amazônia. Para maior aprofundamento: BOLLE, Willi. O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. **Revista USP**, n. 66, p. 140-155, 2005.

Figura 1 – Cartaz de propaganda Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia produzido por Jean-Pierre Chabloz em 1943



Fonte: Jornal da Unicamp, n. 542 (2012)³

Com a assinatura dos tratados de comércio que ficaram conhecidos como Acordos de Washington, o Estado brasileiro iniciou um programa de propaganda massivo com a intenção de intensificar a migração, para a criação de uma gigantesca colônia agrícola. Os alvos dessas campanhas foram fundamentalmente os homens das regiões mais pobres do Nordeste, como podemos visualizar na gravura acima, onde vemos um homem observar todos os demais indo em

³ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/542/chabloz-emcartaz>. Acesso em: 30 jan. 2023.

direção à Amazônia, com expressões positivas, enquanto ele fica para trás. Esses migrantes ficaram conhecidos como “Soldados da borracha”. Cerca de 50 a 60 mil pessoas deslocaram-se do para os seringais (GUILLEN, 1997).

Para manter o controle da produção e da migração para a Amazônia, o governo federal lançou mão de um aparato nunca antes visto para a região, com a criação de uma miríade de instituições e organizações, das quais destacamos: o Banco de Crédito da Borracha (BCB), o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores (SEMTA) e, mais tarde, a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores (CAETA), o Instituto Agrônomo do Norte (IAN) e a Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA) (GUILLEN, 1997).

Todo esse aparato demonstrava que, enfim, os planos de integração da Amazônia seriam realizados. Entretanto, com o fim da guerra cada vez mais próximo e a gradual substituição da borracha natural pela sintética, a produção que se tinha, a partir de 1944, mal conseguia suprir o mercado interno. Mesmo com o declínio da borracha dos seringais no fim da década, a campanha da borracha serviu como cooptação das elites amazônicas ao regime de Vargas (GUILLEN, 1997). Em 1948, pela primeira vez, o Brasil deixou de exportar borracha natural e, a partir de 1950, passou a importar o produto (GUILLEN, 1997).

Com a redemocratização do país após o fim da ditadura de Vargas, a constituição promulgada em 1946 possuía um viés mais ligado ao liberalismo, ideia pouco presente no governo anterior. Mas apesar dessa tentativa de governo liberal, pouco de liberalismo se viu, com o governo intervindo de forma contundente na economia, utilizando as teorias do planejamento econômico para racionalizar as ações a longo prazo.

O Plano SALTE, sigla para Saúde, Alimentação, Transporte e Energia, foi o plano econômico lançado pelo governo Dutra com a intenção de estimular e desenvolver esses setores considerados estratégicos através do investimento estatal pesado. Com os recursos arrecadados através de empréstimos externos e da receita federal, o plano se mostrou um fracasso e teve curta duração, sendo abandonado em 1951 (SKIDMORE, 2010).

Quanto à Amazônia, no pós-guerra os olhos do Ocidente direcionaram-se para ela, agora com olhares científicos, não só econômicos. Após a Conferência da Unesco de 1945, realizada em Paris, acordou-se em criar uma comissão científica internacional para estudar a região e os

problemas ligados à educação, à saúde, à cultura e à exploração racionalizada dos recursos da floresta.

Apesar de bem recebida pelo governo Dutra, a iniciativa foi alvo de ataques de alas mais nacionalistas, as quais viam com desconfiança os reais interesses por trás dessa organização que ficou conhecida como Instituto Internacional da Hileia Amazônica, e por isso mesmo, teve curta duração (D'ARAÚJO, 1992).

Após vencer as eleições de 1951, Vargas novamente virou sua atenção para a necessidade de desenvolver a Amazônia, e no ano seguinte ele já anunciava que uma equipe técnica havia produzido um extenso relatório sobre a região. Desses estudos sairia, em 1953, por meio da Lei n. 1.806, de janeiro daquele ano, a criação da Superintendência de Plano de Valorização da Econômica da Amazônia (SPVEA). A SPVEA tinha como linhas prioritárias de ações:

1. produção local de alimentos, em uma proporção pelo menos equivalente às suas necessidades, de consumo;
2. produção de matérias-primas e produtos alimentares necessários à economia nacional e que o país precisava importar;
3. exploração das riquezas energéticas e minerais visando à produção de energia a preços baixos;
4. exportação de matérias-primas regionais;
5. conversão gradual da economia extrativista e comercial em economia agrícola, industrial e pecuária;
6. promoção de sistemas de crédito para o aperfeiçoamento dos transportes, principalmente fluviais;
7. elevação do nível de vida e da cultura política e técnica de sua população (FGV, 1955, p.17).

Com a intenção de introduzir o homem amazônico em um novo regime de trabalho, não mais ligado ao extrativismo, mas sim ao tempo do capitalismo, nos 10 anos em que a SPVEA atuou no Amazônia, a Superintendência, entretanto, obteve resultados bem modestos, perto do que era esperado. Para justificar o fracasso das metas propostas, os regionalistas acusavam o Governo Federal de ser incapaz de cumprir com o que era determinado. Outra crítica, feita pelos Militares pós-64, é de que os processos socioculturais da região não permitiam uma aplicação ordeira desse tipo de programa, já que a corrupção local era generalizada (DE BRITO, 1998).

Com a tomada do governo pelos militares em 1964, houve uma reorganização do Estado, agora, baseado em uma visão burocrática autoritária. O regime buscava a “restauração da ordem social” e para isso os militares excluíram os setores populares da política e normatizaram a economia nacional. Na Amazônia, o reflexo da reforma administrativa que ocorria em todo o país foi a criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em outubro de 1966, para substituir a SPVEA; e do Banco da Amazônia S/A (BASA), em setembro de 1966, para substituir o Banco de Crédito da Amazônia (DE BRITO, 1998).

A SUDAM, por cerca de vinte anos foi responsável por gerir a mais sistemática política de planejamento que a Amazônia já experienciara. Nesse período três grandes planos econômicos foram postos em prática na região. Também foram criados o Programa de Integração Nacional (PIN), o Programa de Redistribuição da Terra (PROTERRA) e o Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLOAMAZÔNIA). Uma forte política de incentivos fiscais e créditos subsidiados foi o que permitiu a implementação desses planos na região (DE BRITO, 1998).

A extração mineral em nível industrial foi, em todos esses projetos apresentados anteriormente, uma das principais esperanças para capitanear o desenvolvimento e modernizar de forma rápida a Amazônia. Os governos militares não perderam isso de vista e continuaram investindo e incentivando a instalação de grandes empresas de mineração na região (MONTEIRO, 2005).

Porém, o primeiro e mais duradouro projeto de mineração industrial em larga escala foi implementado e iniciou suas operações ainda antes da chegada dos governos militares ao poder. Estamos falando da exploração de minério de manganês no então Território Federal do Amapá.

1.2 O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

O Decreto-lei n. 5.012, de 13 de setembro de 1943, criou cinco territórios federais: Amapá, Guaporé, Iguaçu, Ponta Porã e Rio Branco, desmembrados, respectivamente, dos estados de Pará, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Amazonas. Para Porto (1999), a criação dos Territórios Federais na Amazônia é vista como

A etapa inicial e a primeira execução de valorização econômica da Amazônia, pois a partir desse tipo de estratégia, desenvolveu-se uma política-piloto de valorização do grande vale, com emprego de medidas que serviriam de base para uma política territorial brasileira. Essas medidas, entre outras, devem ser: maiores recursos; ação planejada, redivisão territorial; imigração e colonização econômica com as áreas internacionais vizinhas; efetivo domínio e recuperação das áreas mortas; formação de administradores territoriais; preparação de núcleos civilizadores que mantenham os atuais limites e preparem as populações que se encontrarão com os grupos vindos do litoral na ocupação dos desertos do centro (PORTO, 1999, p. 05).

Podemos perceber que a criação dos Territórios Federais é resultado da implementação dos ideais Nacionais-Desenvolvimentistas de integração nacional, que foram apresentados

anteriormente, e também das políticas de defesa da soberania territorial nas áreas de fronteira. O Amapá constituía o principal fundamento na questão da defesa territorial. Fazendo fronteira com a Guiana Francesa, a região foi alvo de interesses estrangeiros desde o início de sua colonização pelos portugueses (SILVA, 2011).

No que cabe ao TFA, o seu desmembramento do Estado do Pará já era uma medida discutida desde a década de 1920, como nos mostra Lobato (2014):

Em 1920, representantes das diversas categorias sociais do município de Montenegro (nome que então recebia o município de Amapá) fizeram um abaixo assinado, denunciando ao presidente da República (Epitácio Pessoa) o descaso do governo paraense em relação à região, ou seja: a falta de escolas, hospitais e infraestrutura em geral. Pediam autonomia política da região em relação ao Pará (LOBATO, 2014, p. 277).

A autonomia havia chegado e em 1944, após a construção de uma infraestrutura administrativa, a reorganização espacial do Território e a escolha de Macapá como sua sede administrativa, coube ao interventor indicado pelo presidente, o capitão do exército Janary Gentil Nunes, que já havia servido na região entre os anos de 1936 e 1937, administrar e garantir a modernização no extremo norte do país.

Ao chegar no Amapá, Janary Nunes fez o seguinte discurso:

Recebo a investidura com que espontaneamente me honrou o presidente Getúlio Vargas, vendo nela um dever, uma árdua missão a cumprir [...]. Conheço bem o Território do Amapá, pois já duas vezes ali estive a serviço do Exército. É uma região de plenas possibilidades [...]. Porém tudo, ainda tudo está por fazer. Tendo apenas pouco mais de duas dezenas de milhares de habitantes para dezenas e dezenas de milhares de quilômetros quadrados, o homem desaparece na imensidão. Este é o problema mais difícil da minha tarefa – o de povoá-lo. Para povoar racionalmente é preciso construir habitações, sanear os pontos escolhidos para a localização de núcleos, erguer hospitais e enfermarias nas vilas mais populosas, visando principalmente extinguir a malária, evitando, assim a contaminação dos novos pelos antigos; levantar escolas, abrir estradas, plantar e tudo isso só se faz com homem. Porém só o labor ininterrupto e a vontade de servir a coletividade valerá para vencer o dia a dia, as imensidões de barreiras que terão de ser removidas (CORREIO DO NORTE, 1943).

Janary chegava ao Amapá com a missão de construir uma nova civilização, a partir de um Estado forte e atuante, que controlaria a vida econômica, social e cultural da região. Nunes, assim que assumiu o poder, tratou de reorganizar o poder local, fazendo acordos e inserindo a elite que já existia no quadro administrativo, garantindo assim um controle sobre as forças políticas do Território (PASSOS, 2017). Quanto ao bioma, este deveria ser enquadrado em uma lógica de produção capitalista, tal qual aplicada no Sudeste e Sul do país (LOBATO, 2014).

A economia amapaense, no momento de criação do TFA, era baseada na agricultura de subsistência, pecuária e pesca. Na região de Macapá encontrava-se a extração mineral e o comércio. Já em Montenegro (atual município do Amapá) e em Mazagão, sul do território, havia uma extensa produção de castanha, borracha, óleos vegetais e pecuária de bovinos e bubalinos. Apesar de já possuir uma certa dinamização econômica na região, esta não era capaz de gerar uma produção de excedentes que atendessem às intenções modernizadoras do interventor (LOBATO, 2014).

O modo de vida tradicional dos ribeirinhos e outros povos tradicionais pouco interessava ao projeto janarista, e cabia-lhes se encaixar ao projeto de colonização que estava sendo posto ou continuar à margem da civilização que estava sendo construída (LOBATO, 2014).

Com a desconsideração dos habitantes originários da região, o que imperava no discurso oficial era que a baixa densidade demográfica do Amapá caracterizava o principal entrave do desenvolvimento local. Os estudos feitos à época apontavam uma diminuição populacional desde a queda da produção de borracha na região. Houve alguns lampejos de crescimento quando se deu a descoberta de jazidas de minério de ferro ou de pedras preciosas em algumas localidades, porém sem ocasionar em uma ocupação efetiva (MATOS, 2022).

Essa situação começou a mudar justamente com a criação do TFA: o Território se transformou em um enorme canteiro de obras, o que levou o interventor a buscar mão de obra em todo o país, largando mão de diversas táticas para atrair trabalhadores mais especializados, como viagens aos estados mais próximos e propagandas em jornais de grande circulação (MATOS, 2022).

No Anuário Estatístico de 1957, produzido pelo Serviço de Geografia e Estatística do Amapá, podemos perceber o aumento demográfico significativo que havia acontecido no TFA.

Tabela 1 - População presente estimada no Território Federal do Amapá (1948-1956)⁴

Anos	População estimada
1948	32.562
1949	34.445
1950	36.438
1951	38.546
1952	40.775
1953	42.134
1954	45.629
1955	48.269
1956	52.500

Fonte: IBGE, 1957.

A tabela apresentada por Matos (2022) nos permite perceber que o objetivo de ocupar o TFA estava logrando êxito. Porém, esse aumento populacional não se deu somente com a criação do Território e sua aquecida área de construção civil, mas pela instalação, no início dos anos 1950, de um projeto de mineração nunca antes visto na Amazônia e propulsor de movimentos migratórios massivos para a região.

1.3 PROJETO ICOMI – IMPLEMENTAÇÃO, AÇÃO E CONSEQUÊNCIAS

A história mais difundida sobre o descobrimento do minério de manganês no Amapá conta, que em meados de 1941, o regatão Mario Cruz, acompanhado de mais oito tripulantes, navegavam o Rio Amaparí, afluente do Rio Araguari, em uma viagem para um garimpo onde fariam comércio. Foi quando pela noite se depararam com uma forte tempestade que ameaçava afundar seu barco. Temendo o naufrágio, o barco foi ancorado em uma das margens do rio para aguardar o fim da tempestade até que a viagem, enfim, prosseguisse.

Na manhã seguinte, para garantir a viagem, Mario Cruz retirou algumas pedras negras da encosta do rio e as utilizou como lastro de sua embarcação, que conseguiu realizar sua viagem

⁴ AMAPÁ - Serviço de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Amapá**. IBGE. Macapá, 1957. p. 89.

com êxito. Este evento, que deveria ser apenas mais um caso na vida de um trabalhador dos rios da Amazônia, alguns anos depois seria o responsável pelo início da mineração industrial no Amapá.

Já em 1945, buscando mecanismos que garantissem o desenvolvimento econômico e a estabilidade do Território Federal, diminuindo sua dependência do Governo Federal, Janary Nunes acreditava ser na exploração de recursos minerais onde estaria a possibilidade de gerar recursos de forma rápida e segura que garantissem o alinhamento do território à política nacional de industrialização e modernização (PASSOS, 2017).

A primeira tentativa de Nunes foi a extração de minério de ferro no rio Vila Nova, chegando inclusive a fazer contratos com a mineradora norte-americana Hanna Exploration Company. Porém, após as primeiras prospecções não demonstrarem um grande potencial e as críticas ferrenhas que o governador havia recebido de alas mais nacionalistas, o negócio não foi fechado (PAZ, 2011).

Ainda acreditando nas potencialidades minerais do Amapá, a partir de 1946, o governador publicou vários anúncios nos jornais locais, oferecendo gratificações monetárias para aqueles que trouxessem provas de que haviam mais jazidas de ferro na área do território. Tomando conhecimento dessas recompensas, Mario Cruz resolveu levar aquelas pedras negras, que havia apanhado naquela noite tempestuosa, para o gabinete do governador. Nunes decidiu por enviar aquelas amostras para o Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM no Rio de Janeiro (PAZ, 2011).

As análises feitas pelo geólogo Glycon de Paiva mostraram que aquelas amostras não se tratavam de minério de ferro, mas sim de manganês de alto teor. Após visitas do geólogo ao local de retirada das pedras, foi constatado que ali se encontravam jazidas de grande potencial econômico. Com essas informações, foi promulgado o Decreto-Lei n. 9.858, de 13 de setembro de 1946, que declaravam aquelas terras como Reserva Nacional e garantiam a participação do estado nos futuros empreendimentos que ali viessem a se instalar (NUNES, 2013).

A descoberta dessas reservas de manganês no Amapá ocorrera em um momento estratégico para a valorização desse minério. Com o agravamento das tensões da Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, as relações comerciais entre estas nações foram rompidas. O manganês era um minério considerado

estratégico para a economia mundial por sua participação na indústria siderúrgica, mais especificamente na produção do aço (MARQUES, 2009).

Enfim a oportunidade de garantir a autonomia econômica do território aparecia na sua frente, e em 1947, após a criação da Reserva Nacional, foi aberta uma concorrência internacional, para arrendamento e exploração do manganês amapaense. Candidataram-se à concorrência três empresas: as estrangeiras Hanna Coal & Ore Corporation e United States Steel, e a recém-criada Indústria de Comércio de Minérios Ltda. – ICOMI (NUNES, 2018).

Apesar da participação de gigantes internacionais na disputa, a concorrência foi vencida pela jovem ICOMI, empresa do paulista Augusto Trajano de Azevedo Antunes, que havia sido criada alguns anos antes para beneficiamento de minério em Minas Gerais. A primeira empresa escolhida, na verdade, havia sido a Hanna Company, porém após recursos de Antunes ancorados em um discurso nacionalista, a decisão foi revista pelo Conselho Nacional de Minas e Metalurgia, que consagrou a empresa de Antunes como a vencedora (MARQUES, 2016).

Sobre a vitória da ICOMI, Ivanilda Marques informa que

Além do cenário internacional, contribuíram para a instalação da Icomi no Amapá, nos moldes em que se deu, entre outros, três elementos que queremos destacar. Em primeiro lugar, o manganês não estava no centro do debate nacionalista [...] em segundo lugar, a Icomi soube reverter a seu favor polêmicas entre nacionalistas e desenvolvimentistas (nacionalistas ou liberais), recorrendo a um ou a outro conforme lhe convinha. Em terceiro lugar, o consumo de manganês pela indústria brasileira era ainda muito reduzido, ficando, em 1958, em pouco mais de cinquenta mil toneladas anuais [...] A produção da Serra de Navio superaria em muito o consumo nacional anual. Em razão desses fatos, aliados à distância de Macapá em relação ao mercado consumidor brasileiro (Sudeste), configurou-se uma divisão de papéis: Minas Gerais abasteceria a indústria nacional e o Amapá voltar-se-ia para o mercado externo (MARQUES, 2009 p.137).

Com a assinatura do decreto n. 24.156, de 4 de dezembro de 1947, o Amapá pode enfim celebrar o contrato com a ICOMI. O primeiro passo a ser dado seria a realização de estudos sobre a real quantidade de minério dispostos na reserva, com prazo de ser concluído até 1951. O decreto também estipulava que o mínimo que deveria ser encontrado de manganês para dar início à infraestrutura do empreendimento era de 10.000.000 de toneladas de manganês de alto teor (MATOS, 2022).

Ainda durante as prospecções, a ICOMI alegou faltar aportes financeiros para finalizar os estudos de prospecção e a construção da infraestrutura necessária. Após o pedido de revisão do contrato previamente assinado, o Grupo CAEMI, de Antunes, fez diversas viagens para os

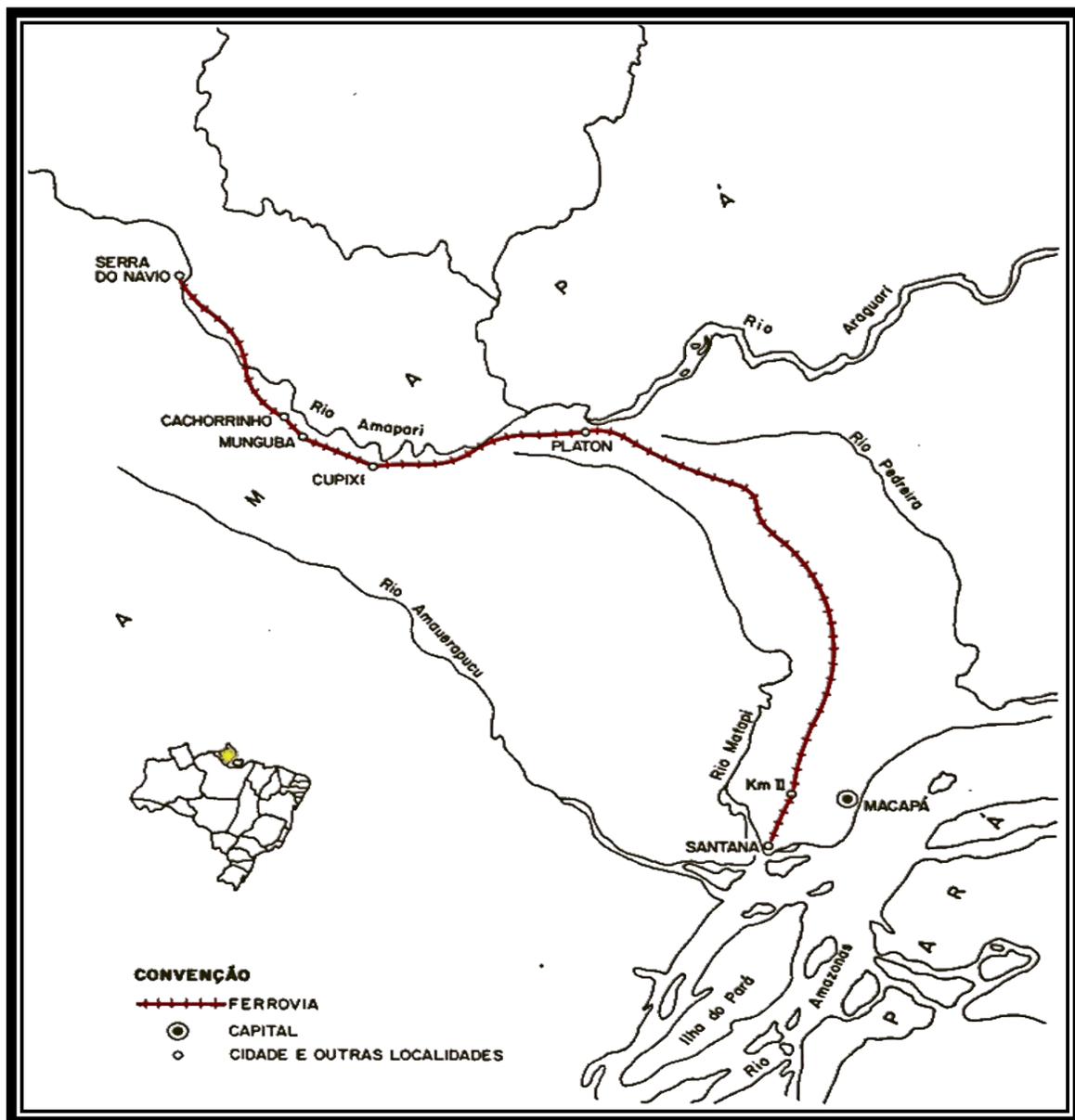
Estados Unidos em busca de parceiros que topassem investir naquele audacioso projeto na Amazônia. Após receber negativas das empresas que haviam concorrido junto a ICOMI, foi feito um convite à multinacional *Bethlehem Steel*, do empresário Arthur B. Homer, que aceitou o convite para ter a participação minoritária de 49% no negócio (NUNES, 2018).

O primeiro contrato, firmado ainda com a Hanna Exploration Company, previa a construção de uma estrada de ferro e de um porto na foz do rio Amazonas. Tal cláusula permaneceu no contrato da ICOMI S.A. A necessidade de edificação de uma vila próxima à mina também se mostrou imperiosa para o sucesso do empreendimento.

Coube à ICOMI e à *Bethlehem* buscarem financiamento para o início das obras, e após diversas negociações o *EXIMBANK* aceitou conceder um empréstimo de 67,5 milhões de dólares, porém, com a garantia do governo brasileiro e também de que ao menos 5,5 milhões de toneladas de manganês seriam exportados para o governo estadunidense (DRUMMOND, PEREIRA, 2007).

Em 1953, após firmar contrato com a empreiteira norte-americana Foley Brothers Inc., tiveram início as obras das edificações da mina, da estrada de ferro e do porto, e por último, foram erguidas as vilas operárias de Serra do Navio, que serviriam de moradia a todos os trabalhadores envolvidos no processo de extração mineral. Já a Vila Amazonas, seria moradia dos trabalhadores do porto e da estrada de ferro (PAZ, 2011).

Figura 2 - Estrada de Ferro do Amapá



Fonte: Centro-Oeste. Site (1985)⁵.

A construção da Estrada de Ferro do Amapá (EFA), iniciada em 1954, foi a mais cara e importante obra do Projeto ICOMI. A linha férrea ligava o Porto de Santana à Serra do Navio. A necessidade de uma ferrovia se dava, segundo NUNES (2018), pela desvantagem que os transportes fluviais e rodoviários apresentavam, o que mantinha o escoamento do minério à

⁵ CENTRO OESTE – Site. **Anuário estatístico dos Transportes 1985 - Geipot**. Apresentação: Flavio R. Cavalcanti. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1984EFAmapa.shtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

mercê das condições meteorológicas. A EFA também reduziria o tempo da viagem entre o porto e a mina, que durava alguns dias via fluvial, para apenas algumas horas. Concluída em 1956, a EFA contava com 193 quilômetros de extensão e funcionou até o ano de 2014.⁶

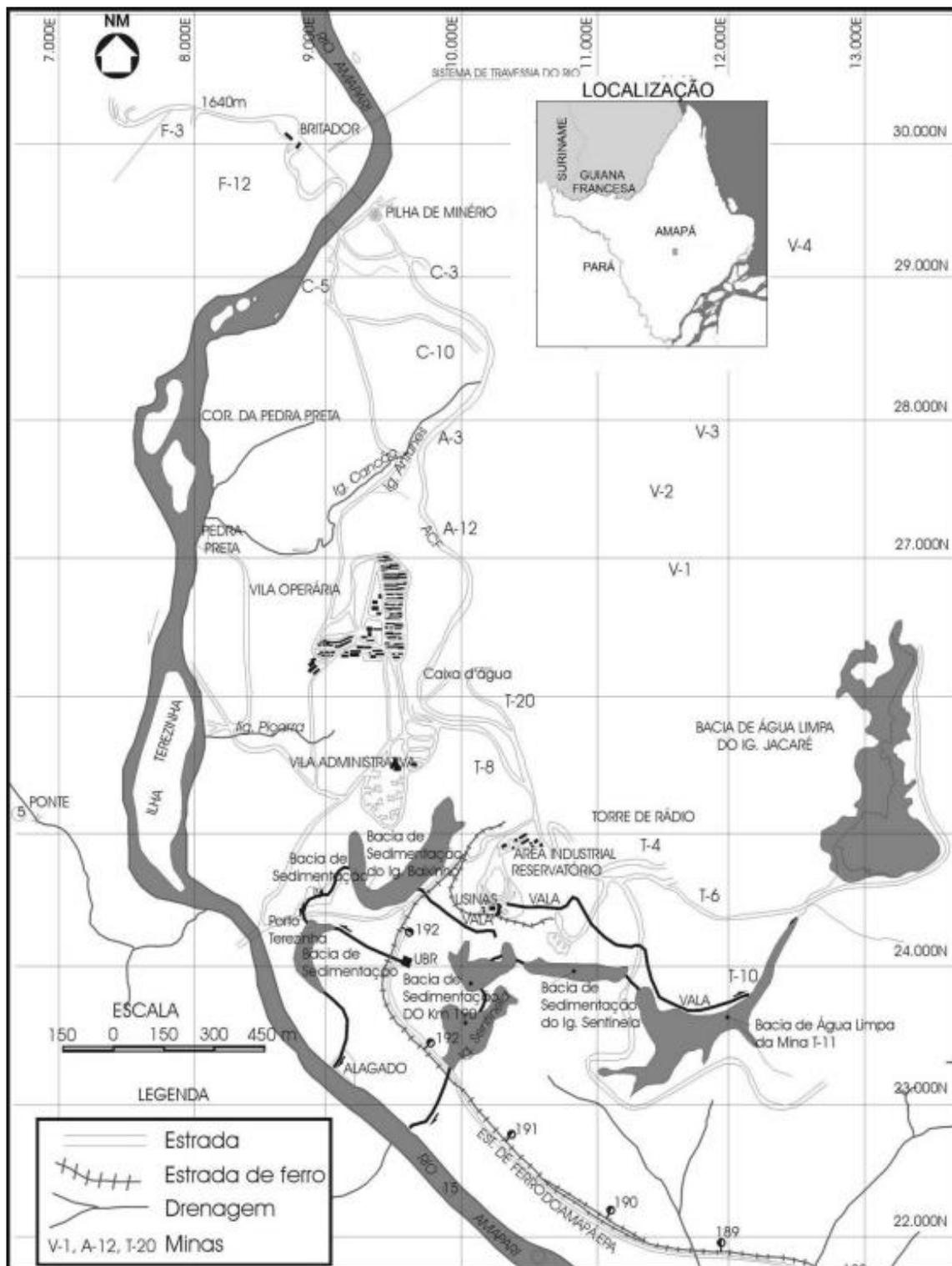
A segunda maior estrutura construída para início das operações da ICOMI no TFA, foi o Porto de Santana. A 22 quilômetros de Macapá, localiza-se na margem esquerda do rio Amazonas e na extremidade sul da EFA. Devido às condições geológicas do leito do rio, foi construído em formato de cais flutuante, com 240 metros de extensão de estruturas metálicas, montadas sobre caixões flutuantes de aço. Além da área de embarcadouro e cais, também foi construído todo um complexo industrial para auxiliar o escoamento de minério (NUNES, 2018).

O porto, além de garantir o rápido e adequado embarque do minério de manganês que provinha de Serra do Navio, também era utilizado para o recebimento de equipamentos e suprimentos para as *Company Town* da empresa. Atualmente, é administrado pela prefeitura da cidade de Santana, através da Companhia Docas de Santana (CDSA) (NUNES, 2018).

Quanto à dinâmica da extração do manganês, foram individualizadas 19 minas na área de Serra do Navio, agrupadas em cinco blocos: Terezinha, que ficava ao sul com as minas T-11, T-10, T-6, T-4, T-20 e T-8, Antunes com as minas centrais A-12 e A-3, Chumbo continha as minas a noroeste C-10, C-7, C-3, C-2, C-1 e C-5, Faria compreendia as minas mais ao norte F-12 e F-3 e, por fim, Veado, com as minas ao nordeste V-1, V-2 e V-4 (ICOMI, 1997, p. 26). Na figura a seguir podemos ver sua disposição no território.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/03/no-amapa-mineradora-anuncia-ferias-coletivas-dois-mil-trabalhadores.html>. Acesso em: 17 de jan. 2023.

Figura 3 - Mapa de localização das minas de manganês na Serra do Navio



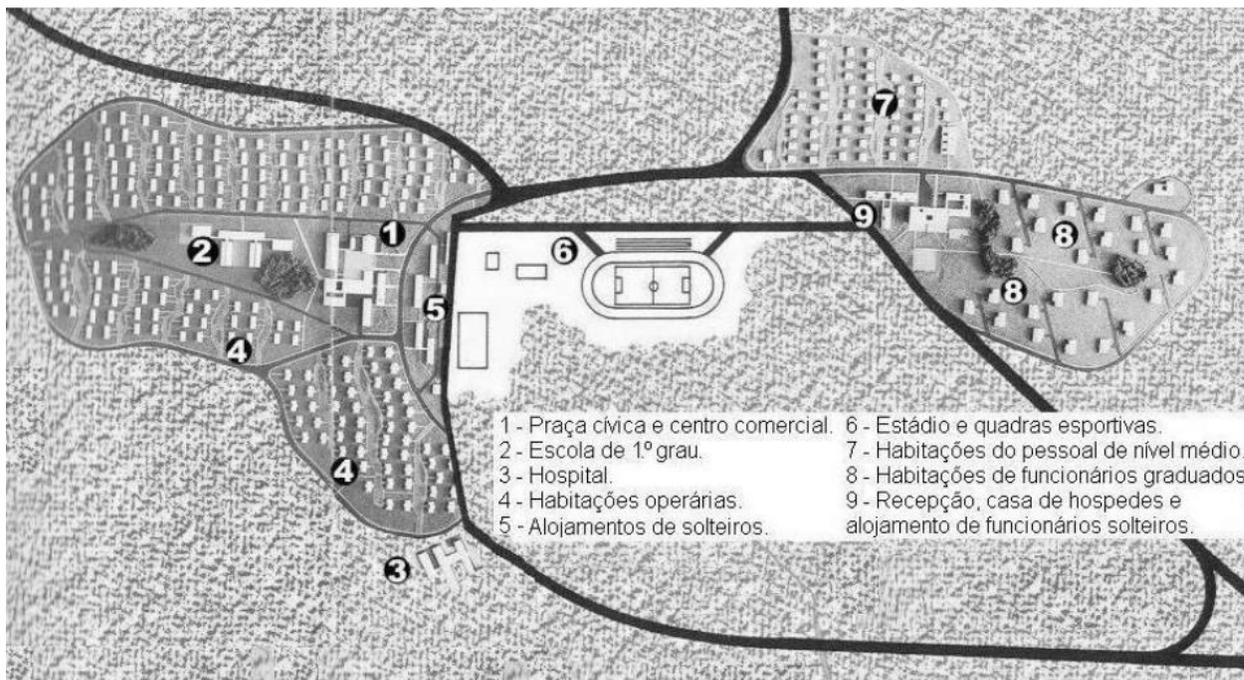
Fonte: ICOMI (1997, p. 27).

As últimas estruturas a serem construídas para início da operação Icomi foram as Vilas de Serra do Navio e Amazonas. Paz (2011) afirma que a construção dessas *Company Town* previa mais do que criar casas para acomodar os trabalhadores. A edificação dessas obras, que possuíam um padrão de urbanização inédito na região, visava, além da sua autossuficiência, atrair profissionais qualificados de outras regiões do país, mas também possuíam a função de normatizar a massa de trabalhadores locais e não especializados para trabalharem e viverem dentro de uma lógica industrial e de ritmo de trabalho capitalista. Por trabalharem e viverem em áreas da empresa, esta buscava condicionar os trabalhadores às formas de lazer, comportamento, alimentação, educação e família que a ICOMI preconizava.

Projetada pelo arquiteto paulistano Oswaldo Arthur Bratke, a obra talvez mais conhecida feita pela ICOMI, chegando inclusive a ser tombada pelo IPHAN, em 2010, como Patrimônio Cultural do Brasil foi a *Company Town* de Serra do Navio, localizada a 1.200 metros da mina, construída para substituir os acampamentos previamente utilizados pela mineradora (NUNES, 2018).

Com a previsão de ser um empreendimento de cerca de cinquenta anos de duração, era de interesse da Empresa contar com uma mão de obra estável e satisfeita, para não pôr em risco o andamento da mineração e os investimentos ali feitos (PAZ, 2011).

Figura 4 - Planta Geral de Serra do Navio



Fonte: Ribeiro (1992, p. 43).

A planta acima nos permite observar a rígida divisão social que era implementada na vila através de seu planejamento. Oficialmente, Serra do Navio era dividida em três setores: a vila do *staff* (8 e 9), que contava com casas amplas e grande área externa para acolher os executivos e eventuais visitantes importantes; a vila intermediária (7) para os trabalhadores de segundo escalão, que era formada de trabalhadores com níveis técnicos; e a vila operária (4). A partir dessa divisão podemos perceber o distanciamento que havia entre os trabalhadores de acordo com seu papel desempenhado no projeto.

Sobre o papel das *Company Town* no projeto, Nunes nos traz:

A importância das vilas para a manutenção do poder disciplinar pela ICOMI sempre fora evidente. Na verdade, a intenção da empresa sempre foi divulgar as vilas, além de toda a infraestrutura que ela havia construído, como um dos símbolos de modernidade vinculados ao suposto progresso alcançado pelo Território Federal a partir do início do projeto desenvolvido pelo empreendimento do manganês no Amapá, no intuito de influenciar a construção e manutenção de uma imagem favorável à empresa junto aos vários segmentos burocráticos do Estado por todo o tempo em que perdurasse o empreendimento (NUNES, 2018, p. 104).

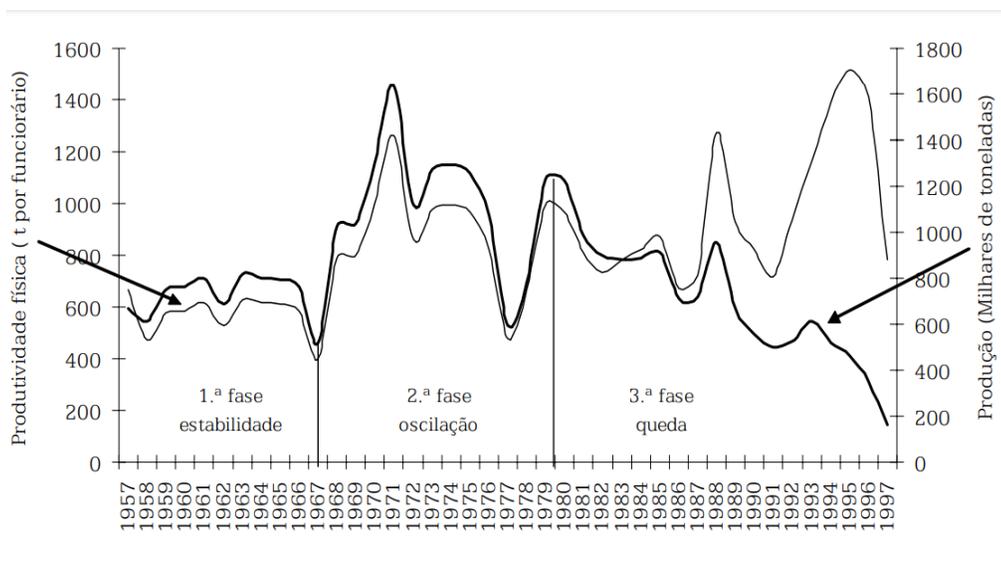
Apesar de ser utilizada como forma de propaganda da modernização que a ICOMI trouxera para o Amapá, na realidade, o que se constata é que a vila era de uso exclusivo pela

companhia e pouco se integrava com o restante das localidades ao redor. Serra do Navio ficou sob total controle da mineradora até 1992, mas com a aproximação do fim do projeto o controle sobre a vila foi diminuindo. Atualmente, a cidade serve como cidade dormitório dos empregados da Mineradora Zamin e de outros projetos de mineração próximos (NUNES, 2018).

Após uma década de estudos, prospecções e construção, a infraestrutura necessária do projeto enfim estava pronta para o início do beneficiamento do manganês. No dia 05 de janeiro de 1957, teve início a extração de manganês pela ICOMI. O início das atividades contou com a presença do então presidente da República, Juscelino Kubistchek, que inclusive viajou pela EFA até Serra do Navio. Além do presidente, a comitiva contava ainda com jornalistas dos principais periódicos do país (MONTEIRO, 2022).

Quanto à produção e produtividade da ICOMI, Monteiro (2003) indica que houve três períodos distintos na história de exploração mineral da empresa. O primeiro, de estabilidade, vai de 1957 até 1966; o segundo, que o autor chama de oscilação, inicia em 1967 e vai até o ano de 1979; e o terceiro período é o de queda, iniciando em 1980 e indo até 1997, com o fim das atividades da empresa na mineração de manganês na região.

Figura 5 - Volume da produção e da produtividade física da ICOMI (1957/1997)



Fonte: Monteiro (2003, p. 131).

Quanto à mercantilização do minério, ela se deu quase que exclusivamente através da venda do manganês para o mercado externo. Em 1957, no primeiro ano de exportação, foram vendidas 668 mil toneladas de minério, com um faturamento estimado em 278 milhões de dólares. Monteiro (2003) afirma que esse foi o ano de maior faturamento da empresa, pois coincidiu com o ano em que o manganês mais esteve valorizado no mercado mundial.

Apesar de manter o volume de produção equilibrado, até 1966, houve baixas no faturamento em decorrência da diminuição do preço, mas ainda assim, a ICOMI manteve uma média de 740 mil toneladas de minério de manganês vendidas por ano. Mesmo com o aumento significativo na quantidade de vendas, atingido o ápice em 1971, com 1,6 milhões de toneladas, tal fato não foi suficiente para passar o faturamento do primeiro ano (MONTEIRO, 2003).

A partir dos anos 1980, a contínua queda da produção mineral acarretou em um faturamento menor do que na última década, porém o aumento dos preços do manganês no mercado internacional serviu como contrabalanceamento e manteve a operação em Serra do Navio operante. Em números de 2003, Monteiro (2003) estima que o faturamento total da ICOMI com a exploração do manganês no Amapá, foi de 4,78 bilhões de dólares; e destes, cerca de 2,3 bilhões foram utilizados para pagar os custos operacionais. Já o valor adicionado, ou seja, a remuneração de acionistas, investidores, trabalhadores e investimentos no Amapá foram de aproximadamente 2,5 bilhões de dólares.

Com a obrigatoriedade contratual de reinvestir 20% dos lucros líquidos da extração mineral no próprio Amapá, a ICOMI, para cumprir o acordado, apresentou dois projetos ligados ao próprio beneficiamento do manganês: a usina de pelotização e a usina de sinterização. Além destes projetos ainda relacionados à valorização mineral, o Grupo CAEMI criou a Companhia Ferro-Ligas do Amapá (CFA), a Bruynzeel Madeira S. A. (BRUMASA), a Amapá Florestal e Celulose S. A. (AMCEL) e a Companhia de Dendê do Amapá (CODEPA). Apesar desses investimentos, apenas cerca de 10% dos valores obtidos com a mineração foram de fato reinvestidos no estado (MONTEIRO, 2003).

Quanto aos impactos socioambientais do Projeto ICOMI no Amapá, é importante frisar que toda ação humana de exploração de recursos naturais causa alterações na natureza. A mineração em nível industrial, por sua vez, é propícia a gerar grandes impactos ambientais ao seu redor (DRUMMOND, 2000).

Em 1997, a empresa Jaakko Poyre Engenharia – JPE foi contratada para fazer uma auditoria ambiental nas áreas de atuação industrial da ICOMI na cidade de Santana. Esta auditoria constatou um grau de contaminação por manganês e arsênio acima do permitido legalmente, no solo e nas águas próximas aos empreendimentos da ICOMI, principalmente na comunidade do Elesbão, localizada nas margens do rio Amazonas (FAURO, SOUZA, 2008).

O arsênio, subproduto do beneficiamento do manganês no processo de pelletização, junto com os demais rejeitos eram depositados em uma barragem artificial ao lado da usina. Em decorrência desse descarte incorreto dos rejeitos houve a contaminação das águas da barragem e do lençol freático. A exposição ao arsênio está relacionada a distúrbios gástricos, intestinais, renais, problemas no sistema nervoso central e ao desenvolvimento de câncer pulmonar (FAURO; SOUZA, 2008).

Sobre os passivos ambientais, ou seja, os danos causados pela empresa que ainda carecem de ser recompensados, em Serra Navio podemos destacar o desmatamento, escavação de solos, desmonte de morros, erosão, assoreamento de rios, construção de lagos de deposição, disposição de rejeitos, entre outros que ainda hoje geram problemas na cidade (DRUMMOND, 2000).

Socialmente, o legado deixado pela ICOMI na cidade após o fim da mineração é o da inércia. Mesmo com o aviso prévio de que as operações mineiras terminariam, pouco foi debatido e nada posto em prática para inserir Serra do Navio em redes de desenvolvimento regional (NUNES, 2018).

Apesar dos impactos sociais e ambientais majoritariamente negativos, Nunes (2018), em sua tese de doutoramento, ao fazer entrevistas com antigos trabalhadores da empresa, nos mostra que impera um saudosismo entre os entrevistados do período da ICOMI, devido a real melhoria de condições de vida que estes trabalhadores e suas famílias possuíram durante os anos do empreendimento.

Podemos perceber que a utilização pela empresa da ideologia da modernização foi fundamental para garantir a efetivação do projeto. A ICOMI não media esforços para propagandear suas cidades operárias para fora e dentro do Amapá, como forma de mostrar a modernização em curso no extremo norte graças às suas ações, e dessa forma, manter sua boa imagem com a população e com os governos estaduais. Como exemplo disso temos a seguinte matéria intitulada “O tesouro do Amapá”, publicada na Revista Manchete, de maio de 1965.

Figura 6 - Trecho da reportagem da Revista Manchete edição n. 681 de 08/05/1965



Fonte: Revista Manchete (1965)⁷

Em um dos periódicos de maior circulação na época a Icomi emplacou uma matéria que ocupava sete páginas da edição, todas com fotos coloridas onde eram propagandeados todos os benefícios que o Projeto Icomi trouxe ao TFA, principalmente dos índices sociais obtidos por suas *company town*.

⁷ Disponível em: <https://josealbertostes.blogspot.com/2011/05/revista-manchete-de-1965-tesouro-do.html>. Acesso em: 30 mar. 2023.

Na página destacada acima podemos observar que a foto com o trem carregado percorrendo a EFA e desbravando a selva amazônica ocupa quase toda a página. O trem imponente com seus intermináveis vagões em meio à mata fechada demonstra bem esse aspecto de portadora da chama do progresso no qual a Icomi se colocava. Onde antes “só” havia floresta agora o desenvolvimento se faz presente.

No breve texto acima da foto é louvada toda a infraestrutura construída pela empresa, principalmente as obras da EFA e das *company towns*. Percebe-se ainda como é vangloriada a falta de investimento estatal nas obras apresentadas, apesar de já termos mostrado anteriormente que o Estado foi o fiador de todos os empréstimos feitos para a realização do projeto.

Além da infraestrutura, é muito alardeado na reportagem o aumento de qualidade de vida existente dentro das vilas, principalmente em Serra do Navio, que tinha índices socioeconômicos que superavam todas as cidades da região Norte no período. Porém, essa modernidade, além de restrita àqueles que podiam acessar os portões das cidades da Icomi, também teve sua restrição temporal, pois existiu enquanto funcionaram as minas. Já para os que estavam do lado de fora dos portões da Icomi, a realidade estava longe de ser essa.

Para que essa sociedade tão singular pudesse ser mantida dentro do controle da empresa, a Icomi mantinha um rígido controle social a partir de como suas vilas eram projetadas, como foi exposto anteriormente, mas também era necessário criar outros meios de propagar essa nova forma de configuração social em que a empresa estava inserindo seus trabalhadores.

Lembremos que a maioria dos novos empregados que atuavam como operários nas minas vieram da Amazônia e do Nordeste, e não estavam habituados ao modelo urbano de vida que encontraram nas vilas da Icomi.

Essas informações nos levam a entender as *company towns* da ICOMI como cidades artificiais. Partindo dos estudos do urbanista austríaco Christopher Alexander (1966), as cidades artificiais são cidades projetadas do zero e, geralmente, após finalizadas recebem moradores de outros lugares para ali habitar. Esse tipo de organização difere das chamadas cidades naturais, que surgem de forma espontânea e vão se desenvolvendo com o passar do tempo.

Alexander critica os modernistas por suas cidades reduzirem a capacidade de interação e relações dentro da cidade projetada que geralmente obedece a um nível de hierarquia rígido, limitando, quando não proibindo, a livre circulação dos habitantes. A ICOMI logo deve ter

percebido a possibilidade de geração de conflitos dentro de suas vilas e algum tempo depois do início do trabalho nas minas premiações e eventos foram instituídos para incentivar os bons modos dos trabalhadores, mas a publicação do periódico *ICOMI-Notícias* talvez seja o mais explícito desses esforços.

Em suas trinta e seis edições fica nítido o intuito pedagógico e disciplinador contido em suas páginas. Era a partir daquela revista que a ICOMI iria construir a representação de seus trabalhadores ideais, que seriam cidadãos urbanos, modernos e prontos para servir de maneira exemplar aos interesses da empresa. E é fazendo o recorte de como as mulheres apareciam nessa revista que daremos continuidade à pesquisa.

2 TEORIA DA FOTOGRAFIA E CARACTERIZAÇÃO DA REVISTA INSTITUCIONAL

O objetivo neste capítulo é realizarmos uma discussão teórica sobre os usos da fotografia como fonte histórica, os aspectos relevantes a serem considerados em sua análise e a metodologia adequada para esse estudo. Além disso, pretendemos fazer uma breve apresentação de como se constitui uma revista institucional. Para alcançarmos a completude dessas representações, também buscamos caracterizar o periódico ICOMI-Notícias (1964-1967), levando em conta tanto sua materialidade física quanto seu conteúdo.

2.1 BREVE DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE FOTOGRAFIA E REVISTA INSTITUCIONAL

A veracidade de um testemunho, por muito tempo, teve o documento escrito como principal escopo em relação a outros tipos de fontes históricas. Uma primazia endossada pela Escola Histórica Positivista até o início do século XX, quando Marc Bloch e Lucien Febvre apontaram para a necessidade de ampliação da noção de documento. Afinal, a ausência de documentos escritos não poderia impedir a escrita da História, quando se entende que toda produção humana é fonte histórica (BLOCH, 2001).

Logo, com a expansão de documentos, dentre eles a fotografia, se tornou primordial o estudo dos seus conteúdos e significados. Fez-se necessário um estudo crítico reflexivo, atento aos interesses que guiavam a produção, circulação e recepção das imagens, assim como explorar os significados que surgem das narrativas visuais, bem como de sua construção. Tudo isso permitiu a saída da fotografia do campo meramente ilustrativo para sua admissão como documento fundamental da pesquisa histórica, essencial para a produção eficiente de conhecimento sobre processos históricos.

Dessa maneira, a fotografia ganhou espaço ao fornecer informações visuais não alcançadas pelos documentos escritos (LE GOFF, 1990). Com o entendimento da fotografia como uma forma de representação, traçaram-se inúmeros caminhos para novos estudos dedicados às problemáticas históricas da construção da imagem, como bem aponta Le Goff.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. (LE GOFF, 1990, p.311).

Em *Através da Imagem: Fotografia e História Interface* (1996), Mauad traça as relações entre fotografia e história, enxergando a primeira como uma fonte histórica que exige um novo modelo de crítica aos olhos do(a) historiador(a), onde todo testemunho fotográfico é válido, independentemente se realizado para registrar um acontecimento ou documentar um modo de vida. Ao citar Le Goff sobre a fonte como documento e monumento, Mauad o utiliza ao firmar a fotografia como marca cultural, imagem-documento-monumento, pois nos mostra um passado pelo olhar fotográfico, um espaço-tempo onde ela foi escolhida – e realizada -, assim como, ao mesmo tempo deixa aquele espaço-tempo para se tornar mensagem, representação, sendo tanto imagem/documento como imagem/monumento (CARDOSO; MAUAD, 1997).

Já para Kossoy (2014), a fotografia se consolida como testemunho real pela sua materialidade e representação de fragmento da realidade. Justamente por ser uma parte do real, o autor chama a atenção para o cuidado ao utilizá-la como fonte, pois se trata de um documento construído, apoiado em um realismo fotográfico (de aparência) que pode gerar uma (pseudo) realidade aos olhos de quem vê (KOSSOY, 2014). Logo, a partir da compreensão de que documento e representação estão juntos na análise histórica de fotografias, Kossoy (2014) nos instrui com dois apontamentos:

A proximidade que pode existir entre a fotografia documental e a de propaganda;
A ideologia determina a estética de representação: os mecanismos de produção e de recepção da imagem são governados por este princípio (KOSSOY, p. 136, 2014).

Assim, o autor aponta que documento e representação, estética e ideologia tornam-se indissociáveis, pois denunciam o estilo de vida marcado ideologicamente de um contexto social e geográfico, num período particular da história. São elementos que compõem o conteúdo das fontes iconográficas e se somam para contextualizar e caracterizar os intuitos da produção destas. Da mesma forma, o autor entende que a problematização histórica está nos olhos de quem a vê, quando e como vê, pois a realidade da fotografia é passível de múltiplas interpretações, formadas a partir do repertório cultural, preconceitos, condição socioeconômica e ideologia.

Se estas são múltiplas, também o são os sentidos e significados da fotografia, pois ela mesma não explica nada, como bem disserta Sontag: “Aí está a superfície. Agora, imagine – ou,

antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser realidade, se ela tem este aspecto” (SONTAG, 2004, p. 33). Para ela, a fotografia condiciona uma fatia da realidade na qual devemos acreditar ser a do mundo, e isso não se trata de compreender. Para isso, é preciso conhecer o contexto da representação fotográfica, que junto ao cruzamento de diferentes fontes – sejam orais, literárias ou iconográficas -, evita equívocos históricos ao possibilitar diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto.

Porém, antes de tudo, a primeira perspectiva que se tem, é a do (a) fotógrafo (a), que, desde o momento da invenção da câmara escura, intervém na produção da fotografia ao somar técnica, estética e ideologia, pois como uma pessoa de seu tempo, produz e reproduz representações pertencentes às suas vivências. Nisso, Burke (2001) se direciona aos trabalhos que fazem uso da fotografia como fonte histórica e alerta para as possibilidades de manipulação – como a (re)organização da cena a ser registrada, ângulo, alteração ou recorte a que esta cena está passível – capazes de induzir ou fortalecer uma ideia.

A interferência do(a) fotógrafo(a) ou da instituição a qual este representa na produção das fotografias como as que serão analisadas aqui, vão manifestar os interesses implícitos ou explícitos daqueles. Nesse sentido, Burke (2004) nos alerta para o perigo das ideias preconcebidas do outro, estereótipos que até podem não ser completamente falsos, mas frequentemente exageram em alguns pontos do real e acabam por omitir em outros. Por isso, é necessária a condução de uma análise severa da imagem, assim como se faz com as demais fontes textuais. Cabe a nós, também, nos policiarmos quanto às premissas que adotamos ao realizar as observações e a condução dos estudos, pois somos pessoas do nosso tempo. Logo, estamos mergulhados em representações que podem contaminar nossas perspectivas sobre as fontes.

Leite (2001) salienta outro aspecto desencadeado pela imagem fotográfica: a memória visual, acessada a partir daquela, capaz de alcançar outras camadas da realidade daquele que a vê, como sentimentos, padrões de comportamento e normas sociais. Na perspectiva da autora, não se pode explorar a fotografia apenas com o intuito de comprovar o que se aponta num trabalho científico, mas buscar informações, condições e relações que a escrita não alcança.

Numa perspectiva semelhante, Ciavatta (2002) discorre sobre a fotografia ser o ponto de partida da memória ao sintetizar o sentimento de pertencimento, seja a uma família, um grupo, a

um passado particular. Nisso, o lembrado e o esquecido se confrontam, pois a memória particular de cada ser é tão seletiva quanto a produção de uma fotografia.

Entre o visível, o lembrado e o dito, há os ocultados, esquecidos e não ditos da realidade concreta. Por isso, Ciavatta (2002) nos diz que “o que é visível na fotografia revela e oculta” (CIAVATTA, 2002, p. 66), e que talvez seja isso o que nos seduz nela, o invisível; e para enxergá-lo é preciso buscar outros discursos, outras visões.

Invisível também é a construção de sentido que uma ou um conjunto de fotografias carregam. São camadas de interesses e escolhas produtoras de significados que representam uma fatia da realidade, (re)criada e (re)interpretada (MUAD, 1996). Não somente pelo(a) fotógrafo(a) e seu registro, mas pelos olhos que o observam, munidos de códigos sociais compartilhados no seu tempo e espaço, como explica Mauad (1996)

[...] a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis (MAUAD, 1996, p. 7).

São regras de leitura de textos visuais comuns aos leitores, mas que não são concebidas espontaneamente, pelo contrário, se trata de “[...] uma disputa de significado adequado às representações culturais” (MAUAD, 1996, p. 9). O que engloba o suporte, alcance e consumo das imagens, mas principalmente, sua tomada por diferentes grupos sociais, onde acontece a produção cultural de sentido, e se torna esteio de demarcação de sua posição no embate das dinâmicas sociais. “Portanto, se a cultura comunica, a ideologia estrutura a comunicação e a hegemonia social faz com que a imagem da classe dominante predomine, erigindo-se como modelo para as demais” (MAUAD, 1996, p. 9).

Considerando a colocação acima, nos direcionamos particularmente à estrutura empresarial, com múltiplas formas de o corpo diretivo propagar suas ideologias para as camadas inferiores da empresa, onde estabelece sua hegemonia ao comunicar sua cultura empresarial a partir da estruturação da sua ideologia em um de seus instrumentos de comunicação. Um destes são as revistas institucionais (TORQUATO, 1986).

Disseminadas na década de 1950 no Brasil e atreladas ao seu processo de industrialização, a revista institucional é um produto do jornalismo empresarial, com veiculação direcionada, tendo o propósito de conquistar o público interno de trabalhadores, assim como o externo, de clientes (MICHEL, 2011). Tem o principal intuito de construir e fortalecer a identidade da organização, reforçando seus valores e divulgando a marca, de forma a conquistar maior valor no mercado (MICHEL, 2011, p. 13).

Para isso, realizam-se publicações com matérias que abrangem diferentes conteúdos, “[...] de motivação, educativas, associativas, entretenimento, questões técnicas e operacionais e sociais que se dirijam à família do empregado” (MICHEL, 2011, p. 3). Trata-se de uma comunicação integrada, pois engloba todos os elementos da organização: a instituição, atividades internas, administrativas e mercadológicas, as quais, somadas à publicidade, fazem uso de aspectos visuais inovadores para cativar os públicos. Logo, a disposição de belas fotos e uma diagramação moderna tornam-se elementos imprescindíveis na sedução visual, acessíveis aos códigos de leitura do receptor, para que seja processada também no nível emocional (MICHEL, 2011).

De todo modo, o conjunto de aspectos e objetivos que estruturam uma revista institucional está mergulhado em uma ideologia com finalidade bem definida, mas que durante o processo atinge outros objetivos, culminando para o alcance do objetivo principal, como aponta Torquato (1986)

Internamente por exemplo, as publicações fortalecem o espírito de solidariedade e promovem certos ideais (estímulo, companheirismo, ensinamentos, dedicação, etc). Externamente, as publicações projetam a boa imagem da empresa, mostrando a sua organização seus produtos, sua qualidade, suas técnicas. Tanto num caso, como em outro as empresas usam as publicações como veículos de comunicação instrumental para conquistar seu maior objetivo: o lucro (TORQUATO, 1986, p. 119).

Portanto, para que se atinja lucro, a cultura da empresa é comunicada e estruturada por seus ideais em suporte próprio, onde há uma percepção de que determinados estímulos, impregnados em suas páginas, geram determinadas condutas ou respostas. Podemos comparar a revista institucional com uma vitrine onde é exposto determinado produto ou serviço visando criar ou reforçar hábitos de consumo (DE JESUS, 2019).

Para Asa Briggs (2004), tal tipo de publicação constitui-se a partir de uma tríade da comunicação, sendo informação, educação e entretenimento aspectos sempre presentes em produções midiáticas, de modo geral. Nisso, as revistas institucionais estão incluídas no sentido

de abranger as três dimensões, que no nosso entendimento, acabam por lhes conferir a categoria de veículo pedagógico. Pois, apesar de não terem um caráter especificamente escolar ou diretamente ligado às temáticas do magistério, apresentam-se como lugar de uma educação não formal, principalmente quando dispõem de diferentes métodos de apresentação de ideias e diversidade de objetivos educativos predispostos nas páginas, sejam estes profissionais, informativos, ideológicos ou doutrinários.

Nisso, como método educacional, a fotografia cumpre papel primordial, pois o avanço tecnológico e as novas formas de mídias impressas deram espaço para a foto como grande recurso visual de comunicação. Por meio do olhar, se pode propagar ideias e representações do que se deseja despertar nas pessoas receptoras.

Nesse sentido, um dos métodos mais eficientes que o jornalismo – bem como o jornalismo empresarial - encontrou de acompanhar a sociedade urbanizada e industrializada (MEYRER, 2011) foi a utilização do recurso fotográfico, que desde sua criação e popularização teve o poder de alcançar diretamente quem o observa, de um modo que o texto escrito não é capaz, já que este depende de uma leitura, apreensão e compreensão para ser assimilado. Já a fotografia, como mecanismo de diminuição do caminho entre leitura e assimilação de informações (MEYRER, 2011), ativa as representações sociais, por isso é reconhecida e sua mensagem apreendida.

Com isso, os modos de uso da fotografia foram sendo reinventados, adaptados às necessidades dos suportes, do que e como se deseja comunicar. Dos múltiplos gêneros do fotojornalismo, a fotorreportagem surge com a intenção de informar o leitor por imagens, acompanhada de pequenos textos, de linguagem direta e clara.

Todavia, a fotorreportagem não se trata unicamente do predomínio da fotografia, mas da organização em sequência desta, a fim de encadeá-la em harmonia com o texto escrito, “[...] de modo a contar uma história, mais ou menos como uma história em quadrinhos” (MEYRER, 2011, p. 261). Junto a isso, quando posta em análise, Meyer (2011) propõe atentar para o tamanho da fotografia e a diagramação (a forma como as fotografias e textos se combinam e se complementam na página), pois é fundamental para compreender o sentido atribuído às partes que compõem o todo.

O suporte das fotografias que serão analisadas no presente trabalho possui os aspectos supracitados, faz uso de uma gama de fotografias ao se utilizar o gênero da fotorreportagem na comunicação empresarial. Contudo, para além, esta revista institucional não só comunicava e entretinha, mas principalmente, educava.

Como instrumento pedagógico, todas as produções de sentido geradas no processo que vai desde a captura da imagem fotográfica até sua chegada às mãos de seus destinatários perpassam pela produção e reprodução dos códigos convencionalizados supracitados, a partir da educação do olhar (MAUAD, 1996). Contudo, antes de nos dedicarmos à análise efetiva das fotografias e suas temáticas, nos debruçemos primeiro sob o suporte que as carrega para estarmos munidos de suas características gerais e fundamentais para o entendimento das partes para o todo.

São estes que nos dedicamos a explorar nesta pesquisa, representações de ideais de uma organização que, no estabelecimento deste tipo de comunicação impressa, cria um elemento da sua história institucional. Como bem fez a Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI), ao produzir sua Revista Institucional, *ICOMI-Notícias* (1964-1967). Nesse sentido, é necessário que realizemos a caracterização do suporte midiático que estampa nossas fontes iconográficas, afinal são partes que compõem o todo.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA *ICOMI-NOTÍCIAS*

2.2.1 Folheando as páginas da *ICOMI-Notícias*

Em preto e branco, olhando para frente, com um livro aberto nas mãos e expressão atenta, a menina Maria Dionísia estampa a primeira capa da Revista *ICOMI-Notícias*, de janeiro de 1964. Com a sala de aula desfocada ao fundo, Maria está à frente, com foco todo em si, certamente observando sua professora. Com o conhecimento em mãos, representado pelo livro, e sua postura diante de quem lhe guiará, traduz o objetivo da ICOMI em despertar o sentimento de renovação e sensibilidade.

SURGE UMA NOVA GERAÇÃO (*ICOMI-Notícias*, 1. ed., p. 1): uma geração sob os comandos da ICOMI, responsável por vários aspectos da vida de seus funcionários e familiares, disposta a utilizar seus espaços para introduzir uma moral. Esta fonte é um desses espaços,

consequentemente carrega todos os objetivos e conquistas da empresa nessa empreitada capitalista.

Assim serão caracterizadas as capas da Revista *ICOMI-Notícias* nas 36 edições que circularam pelo Território Federal do Amapá, com temáticas encabeçadas por uma fotografia tema, ponto de partida para o encadeamento de fotos e textos sobre o assunto. Neste tópico, iremos nos dedicar ao detalhamento da *ICOMI-Notícias*, de forma quantitativa e qualitativa.

Editada pelo Departamento de Relações Públicas da ICOMI, foi à primeira revista institucional distribuída no Território, e chegava de forma gratuita aos funcionários e aos que tinham interesse por ela (NUNES, 2018). Com tiragem inicial mensal de três mil exemplares, medindo 25,5x34,0 centímetros, era impressa em papel *Couché*, de modo a garantir uma alta qualidade de impressão, tanto da capa quanto do miolo, pois este papel permite lisura e cores mais vivas em comparação com papéis de uso tradicional (NUNES, 2018) (Anexo 3). Quanto à composição dos textos, era feita em linotipia impressa em *off-set*, de modo a assegurar a melhor visualização.

O número de páginas varia de edição para edição, mas em sua maioria contabilizam 30 (trinta), com detalhes coloridos na capa e outros no miolo, sendo todo o restante em preto e branco, inclusive as fotografias. Estas quase sempre ocupam grande parte da capa, já no miolo, estão distribuídas, e praticamente todas as páginas têm ao menos uma fotografia, que, juntas, somam um total de 2.682 fotos nas 36 edições.

A certificação de uma revista bem produzida fez com que a ICOMI formasse um corpo editorial de reconhecidos profissionais da comunicação regional e nacional (NUNES, 2018). Com sede no Rio de Janeiro, o Departamento de Relações Públicas tinha como Redator-chefe Euvaldo Simas Pereira – professor do curso de divulgação e publicidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUNES, 2018) – e como Redator, Mario Vasconcellos; Revisor, Fernandes Lima; Arte, Mário Parpagnoli; e Técnico-gráfico, Jorge Motta.

Apesar de a sede ser no Rio de Janeiro, eram pontuais as reportagens da empresa na cidade carioca ou sobre a sede de Belém, com uma concentração bem maior de reportagens feitas no Território Federal do Amapá, com todos os olhos votados para as duas cidades empresariais da mineradora, Santana e Serra do Navio. Tanto que havia profissionais para cada uma: Serra do Navio tinha como Coordenador Wilson B. de Lima; Redatores, Juarez Boas Novas Maués e

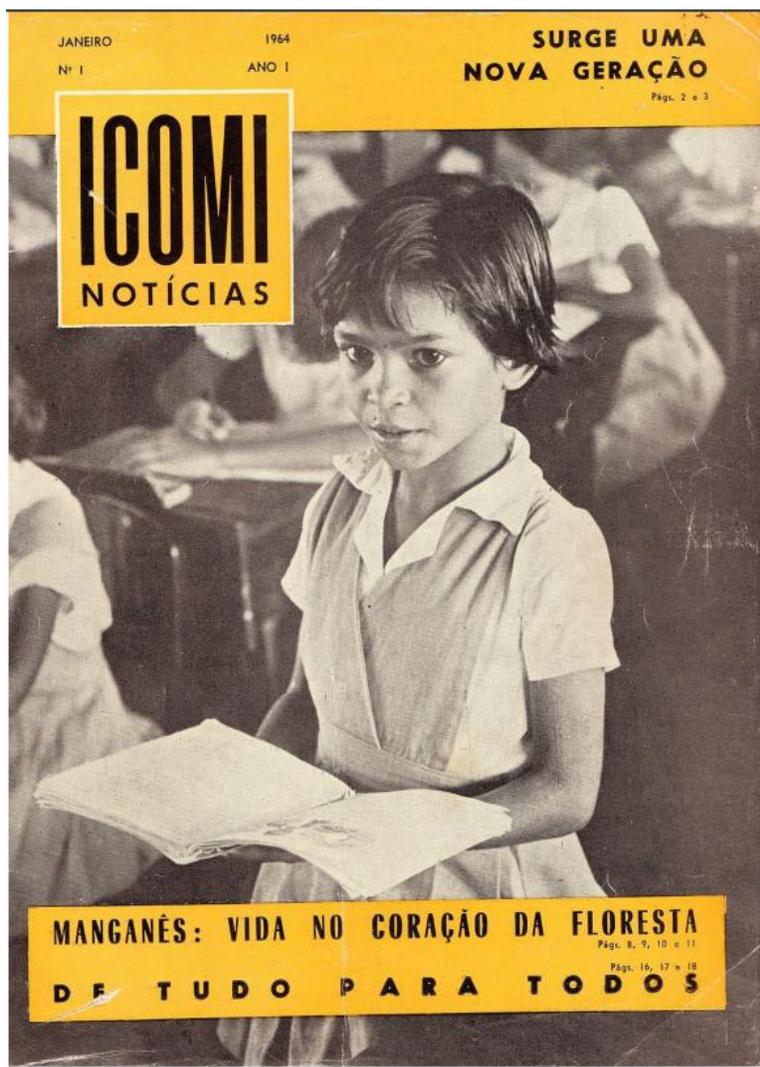
Eduardo Lyra Ferreira; como Fotógrafo, José Antônio Aleixo. E Santana tinha como Redator e fotógrafo: Edilson Sales Abrahim (NUNES, 2018).

Esses profissionais produziam conteúdos sobre atividades econômicas, novas parcerias empresariais, apoio de instituições públicas e privadas, reconhecimento de trabalhadores (novos ou antigos), seu cotidiano e de familiares, ou seja, as realizações da ICOMI, de modo a exibir a próspera vida dentro dos seus muros. Como encarregados pela produção e diagramação da revista, produziam de acordo com os objetivos estabelecidos pela mineradora, a autopropaganda e os implícitos, como construir um ideal de trabalhador, uma moral e o modelo de conduta a ser adotado.

Para isso, organizaram seções regulares nas 36 edições da *ICOMI-Notícias* (tendo sua posição variada de edição para edição). A revista foi criada com edição limitada e demanda estimada, e listaremos suas seções e seu conteúdo aqui como se estivéssemos lendo-a, incorporando fotografias de forma ilustrativa para a dimensionar visualmente; portanto, comecemos pela capa.

Identificada com o mês, ano e número, a publicação traz o título das principais reportagens da edição, mas o que recebe todo destaque é a fotografia, que ou ocupa grande parte da página, ou são mais de uma.

Figura 7 – Fotografia 01



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Capa*, p. 1, janeiro 1964

A contracapa é reservada para *UMA PALAVRA* – nome da seção – de homens importantes da mineradora ou de empresários ligados a ela, como Augusto Antunes (Presidente da ICOMI e da CAEMI). Como chefes deste empreendimento, discursavam sobre seu comprometimento com o desenvolvimento local, afirmavam ter responsabilidade social com funcionários e familiares, relatavam sobre sucessos e novas sociedades, respondiam indiretamente críticas e questionamentos sobre a exploração mineral, mas principalmente, reforçavam o discurso do progresso e da ordem, agora duplamente firmado com o início da ditadura militar, como podemos verificar neste trecho, assinado por Augusto Antunes, sob o título *Novos Horizontes*:

[...] Erros acumulados por muito tempo levaram o País a um caos econômico que se tornou ambiente de cultura da deterioração dos costumes, da anarquia mental, da indisciplina e desordem administrativa, que acabaria nos levando inexoravelmente a uma luta fratricida de duração e consequências imprevisíveis, entre as quais seria de supor o próprio esfacelamento da unidade nacional.

Como por um milagre, esse processo de desagregação foi interrompido pela revolução vitoriosa. Esse feito engrandeceu aqueles que o realizaram, engrandeceu a Nação em si mesma e ensinou a nós todos que o Brasil, nessa grandeza que se evidencia agora, é ainda mais digno do nosso respeito e da nossa admiração (ICOMI-NOTÍCIAS, Ed. 5, 1964, p. 3).

Figura 8 – Fotografia 02

Uma palavra



Augusto Fausto

O PORQUÊ DESTA REVISTA

Estou certo de que todos quantos concorrem com uma parcela de esforço para as atividades desta empresa, encontrarão nesta Revista a realização de velhos anseios de integração social. Nesta publicação serão retratados fatos expressivos da vida das comunidades nas quais vivem e trabalham nossos colaboradores, ao mesmo tempo que servirá ela como veículo de propagação cultural.

ICOMI NOTÍCIAS inscreve entre os seus objetivos principais o de ser um elo de ligação, um fator de coesão entre os milhares de membros da grande família que tem o privilégio de participar da tarefa de construir uma civilização na Amazônia, nesta área imensa que representa um desafio permanente à capacidade realizadora do homem.

Será a nossa revista também um elo de ligação com as demais comunidades do Território Federal do Amapá e com a própria Amazônia, da qual todos, individual e coletivamente, formamos parte integrante. Estamos no Amapá — os amapaenses e os filhos de outros rincões nacionais — reunidos com o mesmo espírito de brasilidade, o mesmo apego à terra, o mesmo desejo de progresso e de ordem, os mesmos ideais. ICOMI NOTÍCIAS servirá a este propósito, não duvido, de concentração de esforços pelo bem comum, por passos mais largos de progresso do Território Federal do Amapá, nos campos da cultura, da economia e do fortalecimento social.

Creio que agiram acertadamente os que vincularam o nome da empresa a esta publicação. Sem ser um veículo empresarial, sendo de todos para todos, traz na capa o nome de um empreendimento que nos anima a novos compromissos e nos integra fraternalmente na Amazônia.

Desejo que minhas palavras, as primeiras desta revista, sejam de saudação à gente amapaense, nela incluídos quantos nesta empresa trabalham, posto que somos como um só bloco. E de votos sinceros de um progresso para o qual não temos regateado esforços, olhando o futuro com confiança na prevalência dos fatores morais e sociais que tanto têm engrandecido a nossa terra.

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Uma palavra*, p. 3, janeiro 1964

Logo, a *VIDA NA ICOMI* – nome da seção –, pela perspectiva que podemos obter da revista, segue de acordo com os princípios difundidos por seus donos. Para consolidá-los, está

seção se dedicava a apresentar diversas ações do cotidiano empresarial, como premiações, admissões, transferências, férias coletivas, reuniões, início e término de cursos, treinamentos, cuidados com segurança e saúde. Tudo de uma forma amistosa, fraternal e familiar, por vezes amenizando situações internas, como acidentes de trabalho e desvios de comportamento nas vilas (MATOS, 2019).

Figura 9 – Fotografia 03

BOAS VINDAS,
ANO NOVO

Vida na ICOMI

Utilizando uma autêntica ponte-aérea, na qual foram empreendidos dezesseis vôos, 526 pessoas, entre empregados e familiares, deixaram o Anápolis para gozarem férias em várias localidades, enquanto outros 650 empregados e suas famílias preferiram permanecer no EPA, para visitarem pontos pitorescos. Pela primeira vez as férias foram coletivas em Santana e Serra do Navio, num grande movimento que, executado sob rigoroso planejamento, funcionou precisamente, com alegria para todos.

As férias coletivas foram precedidas de festas em Santana e Serra do Navio. Em Vila Amazonas realizou-se, em lugar de tradicional "reveillon", uma festa de despedida, que contou a presença do Governador Teófilo Pinto e Família. Na oportunidade, o Santana procedeu à entrega das medalhas e troféus aos vencedores dos I Jogos Esportivos Santanenses, levantados pelo Estréla. Foi eleito, então, a Rainha dos I Jogos, a Senhorita Dulcinéia Trevisani, ficando em segundo lugar a Senhorita Usuko Yamaguti.

Nos salões bem ornamentados do Mangande, realizou-se a festa de despedida em Serra do Navio, festa muito animada que se transformou num belíssimo "carnaval", tendo tido o conjunto musical de Belém, do Maestro Bilecio.

Em nossa próxima edição daremos reportagem detalhada sobre as férias. A todos, os nossos votos de boas vindas e de Feliz Ano Novo!

ENTREGA DOS PREMIOS



Ao alto, a Sra. Osvaldo Pessoa colocando a faixa de Rainha dos I Jogos Santanenses na Senhorita Dulcinéia Trevisani. Em baixo, o Juri, composto de cinco senhoras da sociedade de Vila Amazonas.

O Estréla, agremiação interna do Santana Esporte Clube, primeiro colocado nos I Jogos Santanenses, acumulou três vitórias: basquete, vôlei e futebol-de-sala. Em consequência, além das medalhas individuais distribuídas aos seus atletas, o time recebeu as faixas reservadas a cada uma das modalidades esportivas em que triunfou, mais a de campeão dos "I Jogos". Esta foi entregue pelo presidente do Santana, Antônio Trevisani, enquanto que as de vôlei e basquete o Estréla recebeu-as das mãos do Diretor de Esportes do mesmo clube, Esmerlino Ferreira Monteiro. Somente o troféu intitulado "Osvaldo Serra Pessoa", de futebol-de-sala, foi entregue pelo patrono à agremiação campeão. O Dinamo, vencedor em futebol de campo e vice-campeão dos "I Jogos", e o Montão, que conquistou a "Taca Disciplina", completaram a lista de contemplados.

O JURI



O Juri que escolheu a Rainha e que vemos na foto ao lado (de esquerda para a direita): Sras. Hígida Ohani, Francisco Alfredo Pereira Vianna, Osvaldo Serra Pessoa, Sérgio José Felipe Sartoris e Gustavo C. Nicolai.

NA FACULDADE DE HIGIENE DE SÃO PAULO

Na expressiva solenidade de formatura da Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, realizada em 4 de janeiro passado, recebeu o diploma de Médica Sanitarista a Dr. Edmundo Juárez, figura de relevo nos círculos médicos lusitanos.

Ato de homenagem especial, foi parabenizado de Turma, tendo pronunciado um importante discurso, o Dr. Paulo Antônio, na realidade um dos grandes nomes da Medicina Sanitária brasileira.

Na mesma cerimônia, D. Solange Sanchez, Enfermeira-Chefe da ICOMI, recebeu o diploma por haver concluído o Curso de Administração Hospitalar.

4

Fonte: ICOMI-Notícias, n. 1, Vida na ICOMI, p. 7, janeiro 1964

Figura 10 – Fotografia 04

vida na icomi

CRIANÇAS SOB CONTRÔLE MÉDICO

Em recente inquérito procedido pela Divisão de Saúde, em Serra do Navio, 442 crianças, entre 1 e 5 anos, foram submetidas a exame para constatação do índice de portadores da parasitose intestinal. Segundo constatou-se a que efeito o pediatra orientador desse inquérito, Dr. Francisco Balas, em mais de 60% foi positiva a presença do parasita, or seja, em apenas 167 crianças os resultados foram negativos. Os afetados pelo mal foram devidamente medicados, passando ao controle médico, e serão periodicamente examinados.

Está em visita à Serra do Navio, onde permaneceu por vários dias a convite da Divisão de Saúde, a enfermeira Celina de Arruda Camargo, do Hospital das Clínicas do Estado de São Paulo, especializada em recuperação e reabilitação de doentes. A enfermeira Celina, que vem de concluir, nos Estados Unidos, um curso de reabilitação, realizou durante sua permanência em Serra do Navio três importantes palestras cujos temas foram os seguintes: *Prática no Trabalho Hospitalar, Processo de Treinamento, e Reabilitação*. Todas contando com uma boa assistência.

Regressou à Serra do Navio o Dr. Rubens de Barabona, médico-cirurgião, que vem de concluir em São Paulo, um estágio de especialização na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Encontram-se em São Paulo, em estágio de especialização, os Drs. Wesley Müller e Edmundo Jones, membros da Divisão de Saúde da ICOMI em Serra do Navio. O primeiro fará um curso de anestesiologia, no Hospital das Clínicas, enquanto o segundo está concluindo o curso de Saúde Pública, na Faculdade de Higiene daquele Estado.

Os Geólogos Carlos Alberto Marotta e Aldeir Faganelli Barboza vêm de tomar parte no Congresso de Geologia realizado em Recife, como representantes da ICOMI.

O congresso foi dividido em duas partes, uma das quais durou três dias, destinada à apresentação de trabalhos, e a outra referente às excursões pelos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, em visita a várias minas de estanho, fluorita, tungstênio e outros minerais. Tais minas estão agora em vias de recuperação pela SUDENE, que dispõe, para esse fim, de Geólogos e Engenheiros de Minas.

Em recente reunião semanal em Santana o Sr. Carlos Alberto Marotta agradeceu, em seu nome e no de Aldeir Faganelli Barboza, a oportunidade que lhes foi proporcionada de figurarem no referido Congresso de Geologia. Informando das viagens que resultaram, para os Delegados, da troca de idéias, estabelecendo contatos, conferido e atualizado suas técnicas de trabalho.

A contribuição da ICOMI, por eles apresentada ao Congresso, versando sobre os trabalhos de geologia (gravimetria) em Serra do Navio, despertou grande interesse, sendo digno de nota que o método vem sendo também utilizado pela Petrobrás. Salientou ainda, o Sr. Marotta, ter sido esse trabalho, gráfico e tecnicamente, o melhor apresentado, ao Congresso.

Várias obras foram executadas e outras se encontram em execução na Escola da Vila Amazonas, como melhorias em salas de aulas, construção da galeria do drenagem da área da escola e asfaltamento de toda a área.

ABRIGOS JUNTO À EFA

As longo da linha da Estrada de Ferro do Amapá são cada vez mais numerosos os abrigos. O de Pedra Branca ficou pronto há alguns meses, e sucederam-se os de Cachorrinho e Mangaba. Alentam a preocupação na EFA em proporcionar melhores condições a quantos utilizam os seus serviços. Como se sabe, a Estrada de Ferro do Amapá, embora sendo uma estrada industrial, confere ao seu público parte apreciável de sua capacidade e às margens do seu leito desenvolve-se a colonização. O transporte assegurado facilita a vida. Por isso mesmo a ICOMI está construindo para o interior uma estrada de rodagem, de sorte que os colonos terão uma outra via de penetração.

6



Já está em pleno funcionamento, no 12º andar do edifício onde se localizam as escritórios da CAEMI e ICOMI, o novo refeitório. Claro, agradável e muito bem arranjado, vem sendo alvo de elogios gerais. Foi uma boa iniciativa.

HOMENAGEM AS PROFESSORAS

No último dia de dezembro, véspera do seu embarque no aeroporto de Macapá para Belém, São Luís, Fortaleza, Rio e São Paulo, cidades de onde provêm, as professoras em atividade nas escolas de Vila Amazonas e Serra do Navio receberam uma homenagem, que contou com o papel de honra do Sarcana Esporte Clube. Jamais em tão diamante na sede do trabalho intenso, e a homenagem significou a simpatia com que são cercadas as educadoras, não só pelas crianças, como pelos pais.

Em fevereiro estarão de volta, para reinício das aulas.



Esta é a turma que assegura a boa refeição aos funcionários da CAEMI e da ICOMI. A cozinheira, D. Irena de Oliveira e D. Maria Uliadja dos Santos. À direita, D. Maria Eudécio dos Santos Rique.

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Vida na ICOMI*, p. 8, janeiro 1964

Uma forma eficaz de reconhecimento é por alguém *EM DESTAQUE*, tanto que a ICOMI reservou uma seção para homenagear dois funcionários, contando suas trajetórias, tanto de origem quanto trabalhista, ressaltando qualidades no desempenho de suas funções. Ao fim de cada relato, estampou fotos desses junto às suas famílias em atividades comuns dentro de seus lares, como ler ou ouvir o rádio.

Figura 11 – Fotografia 05

em destaque

2



TREVISANI



JOSINO

E o comandante do Corpo Voluntário de Defesa Contra Incêndio. E todos sabem onde encontrá-lo numa emergência. No Santana, a cuja presidência acaba de ascender pelo voto dos companheiros, no porto, onde é capataz, ou em casa, onde reina sobre uma simpática tribo...

Tranquilo, sereno mas ativo e vigilante, só no Santana, no porto e em casa, nas emoções do futebol, nas tarefas de empilhamento e embarque, e na vida doméstica, Antônio Trevisani dá sinais de agitação. Mas sinais imperceptíveis para os que não o conhecem.

Foi assim desde menino, quando, aos oito anos, seguindo os familiares que deixavam a cidade natal de Santa Luzia de Carangola, em Minas, obteve emprego em Colatina, no Espírito Santo. Trabalhava e estudava na Escola Pública local.

Mais tarde, já aos 20 anos, empregou-se na Morrison Knudsen, de onde saiu, dois anos depois, para ingressar na Companhia Vale do Rio Doce. Corria o ano de 1951 quando um dia reencontrou o Sr. Paul Selger, seu antigo chefe na Morrison Knudsen, que o convidou para trabalhar na ICOMI. Conhecendo bem o seu ex-chefe e amigo, Trevisani não hesitou em aceitar. Embarcou imediatamente com a esposa e filhos para o Amapá, onde iniciou com as funções de subcapataz nas obras de terraplenagem do Porto de Santana. Entretanto, devido à falta de técnicos na época, foi designado para operar a "Dragline" no desembarque de materiais para construção de Pier. Lembra, com orgulho, haver desembarcado, também, a quase totalidade dos trilhos da RFA e uma das locomotivas Diesel elétricas da empresa. Casado com D. Dulce Trevisani, tem três filhos: Dulcísia, de 15 anos — recentemente eleita "Miss" Simpatia de Vila Amazonas — Antônio Sérgio, de 13, e Mauro Sérgio, de 12. Homem maripado e amigo do lar, só duas coisas o tiram de casa aos domingos: o futebol, do qual é grande aficionado, e uma boa partida de sinuca com os amigos.

Poucos como ele conhecer os segredos do velho Amapari, o rio antigo que durante muitos anos lhe dera o sustento acessório à sobrevivência. De Porto Platão a Serra do Navio, percorria todo o seu leito de bacia em pedras, à procura dos cascalhos de diamantes, ou de outras pedras preciosas, por vezes misturados às areias.

Assim viveu Josino Falcão Maciel, o garimpador que a ICOMI recrutou para seus serviços em 10 de abril de 1956, depois de convencê-lo a trocar aquela vida incerta por um emprego seguro. Jamais deixou o Território, onde nasceu a 6 de setembro de 1924, na cidade de Amapá, quando esta pertencia a um município do Estado do Pará. Suas qualidades de profundo conhecedor do rio Amapari, principalmente no trecho em que garimpava, valeram-lhe a primeira ocupação que teve na ICOMI, os seis meses de Vila Mas Josino, homem lutador e resoluto, não se acomodou naquela tarefa, em que pesem os bons serviços prestados durante o tempo em que a exerceu. Sua conduta irrequieta e a vontade constante de progredir na vida foram fatores decisivos para que ele alcançasse as promoções de motorista de motor de pólvora e mecânico, depois de passar por diversas fases de um treinamento intensivo. Atualmente, especializado em electricidade de automóveis, é considerado um dos melhores nessa categoria profissional. Com 33 anos de casa e tudo que hoje é, é próprio o reconhecer, deve ao seu esforço pessoal e à empresa que tão bem o acolheu. Fêz sua iniciação escolar no Curso Supletivo de Alfabetização de Adultos, mantido pela ICOMI em Serra do Navio, onde aprendeu a ler e a escrever.

Vive feliz ao lado de sua esposa, D. Maria dos Santos Maciel, e não tem filhos. Gosta de cinema e de dançar. Entretanto, suas fins-de-semana preferem passá-los subindo o rio. Não mais para garimpagem, é claro, mas para caçar e pescar, que são hoje seus passatempos preferidos.

Após um dia de trabalho, Trevisani e família escutam um solo de acordeão executado por sua filha.



Em seu lar em Serra do Navio, Josino e esposa desfrutam um momento de tranquilidade.



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, 2 em destaque, p. 18, janeiro 1964

De modo a trazer *DE TUDO PARA TODOS*, redatores desta seção atualizavam amapaenses sobre o que acontecia no TFA – desde saúde, educação, até infraestrutura -, não se limitando a Vila Amazonas e Serra do Navio.

Figura 12 – Fotografia 06

DE TUDO

Para a conclusão da Usina Coaracy Nunes

Para um esquema financeiro capaz de assegurar fundos de obras necessárias à entrada em funcionamento das primeiras unidades geradoras da Usina Hidroelétrica Coaracy Nunes (Paredão) nos próximos três anos, e do qual participam a Eletroluz, a SPVEA e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, além de verba especial do pedido do sr. Presidente da República ao Congresso, o Governo do Território, solicita a contribuição da ICOMI. Esta contribuição consistiria na aplicação de um milhão de cruzeiros, no prazo também de três anos, por meio de aquisição de ações da Companhia de Eletricidade do Amapá.

A Diretoria da ICOMI detestou concordar com a solicitação, visando a concorrer para a concretização de uma obra que repete do mais alto interesse social e econômico para o Território, através de um programa ao qual estarão ligadas, como dissemos, importantes realidades federais, integrando-se, assim, em uma indispensável linha de esforços.

Como se sabe, a ICOMI vem pagando desde 1957 "royalties" pela exportação do manganês, os quais atingiram até o fim do ano passado pouco mais de 2 bilhões e meio de cruzeiros. Indícios do Governo do Território, nos dois meses seguintes a cada trimestre veniente, as importâncias correspondentes a estes "royalties" são, por lei, transferidas à Companhia de Eletricidade do Amapá.

Do Diretor do Serviço de Geografia e Estatística do Território Federal do Amapá, Sr. Luiz Gonzaga Pereira de Souza, recebeu a Administração da ICOMI a oferta do Anuário Estatístico de 1963, editado por aquele Serviço.

No tocante às atividades econômicas registra, o Anuário, um pequeno histórico da atuação da ICOMI no Amapá, na extração e exportação de manganês — minério que constitui a principal fonte de receita do Município de Macapá. Fatos do embarque de manganês no Porto de Santana e do Irilicó, em Serra do Navio, são apresentados.

No capítulo "Situação Demográfica" o Anuário revela que em 1950 a população do Território era de 27.477 habitantes e em 1959 de 88.386, dos quais 25.398 população urbana e 33.489 população rural.

Hoje esta população é certamente bem maior, indicando o progresso do Território.

Especialmente convidados pela Gerência da ICOMI, os membros do Lion's Clube do Macapá estiveram em Serra do Navio, onde lhes foram prestadas cordiais homenagens.

Percorreram todo o complexo industrial de mineração, escola, hospital, a vila residencial e as demais obras assistenciais construídas pela Empresa para seus empregados. Nos dois dias de sua permanência em Serra do Navio, cumpriram um programa cívico-recreativo, no Barrelo da Última e na sede do Manganês Esporte Clube, que consistiu de uma palestra feita pelo Dr. Antônio Seabra, Subgerente de Operações, e da reunião tipicamente "leonesa", com "janta aberta" aos presentes, além de um bingo realizado pelos visitantes, com prêmio aos moradores da Serra. Associando-se às homenagens que foram prestadas aos Lions, o Manganês Esporte Clube ofereceu-lhes uma festa em sua sede social.

Na caravana do Lion's Clube de Macapá, com o seu presidente Cl. Clarck Platon, constituída de Cl. Heriberto Rossetti, Mário Simões Para, Guilherme Cruz, Douglas Lopes, Akasiro Souza e Thomas Sales, acompanhados de suas respectivas "domadoras". A ICOMI esteve representada nesse acontecimento pelo Cl. Carlos (Nazare) Vinha e Cl. José (Raimunda) Lara.

Comitiva do Banco do Brasil

Em visita à ICOMI esteve em Santana, Macapá, nos primeiros dias de dezembro, uma comitiva de funcionários da alta direção do Banco do Brasil.

A delegação cumpriu largo programa, durante seis dias de permanência no Amapá, sendo movida inicialmente na Vila Amazonas e depois levada a conhecer a Fazenda Campos Verde. Nos dias subsequentes os visitantes, encaminhados a Serra do Navio, ali percorreram a mina, as dependências industriais, a área residencial e instituições assistenciais. De volta a Macapá, visitaram o Palácio do Governo do Território e outros pontos de interesse, sendo viajada no dia 11 para Belém do Pará.

Companham a comitiva os Srs. Alberto Corrêa Castro, da Chefia de Grêmios da Carteira de Câmbio; Eduardo Carvalho, Chefe do Setor de Exportação FI-BAN; Jorge Mendes, Subgerente da Carteira de Câmbio; Alberto Fonseca, Chefe do Setor Típus da CACEX; Oswaldo Ferracini, Chefe da Subgerência de Exportação; Maurício Aracua, Secretário da Subgerência de Câmbio; Mário Willmersdorf, Chefe do Setor de Grêmios de Exportação da Carteira de Câmbio; Eras Carvalho Silva, Assessor da Subgerência de Exportação; Paulo M. Carvalho, Assessor da SETEL; Maurício J. Hildebrandt, Assessor FI-BAN e Mauro Pena, dos escritórios da ICOMI no Rio de Janeiro.

Com um "stand" de trinta metros quadrados, no qual faz um relato de suas atividades sociais e industriais no Território Federal do Amapá através de fotografias, o Gemma e o quando vem colaborando em "royalties" (mais de 2 bilhões e meio até 1963) e novos projetos para a economia amapaense, a ICOMI está participando do 1º Salão Industrial do Amapá, que se realiza em Belém, de 29 de dezembro a 22 de janeiro.

O programa de atividades do Manganês Esporte Clube não se restringe apenas à prática de competições esportivas, excurses ou balés. Em sua sede social, entre outras realizações, existem programações culturais, como a que vem de ser levada a efeito em fins de ano passado, com a apresentação da poesia e professora Aracy Mont'Alveres, especialmente convidada pelo Clube. De sua autoria foram declamados os poemas Marcapá Cinderela, As Duas Espônas, A Criança e A Escola, Mucuna, Rio Amazonas, além de outros, despertando em todos os preséus o verdadeiro sentimento de belo. (Foi muito sucesso, ganhando a preferência do auditório, a poesia Macapá Cinderela que, segundo a autora, teve a mesma receptividade no Rio, em São Paulo, na Argentina e em outros lugares).

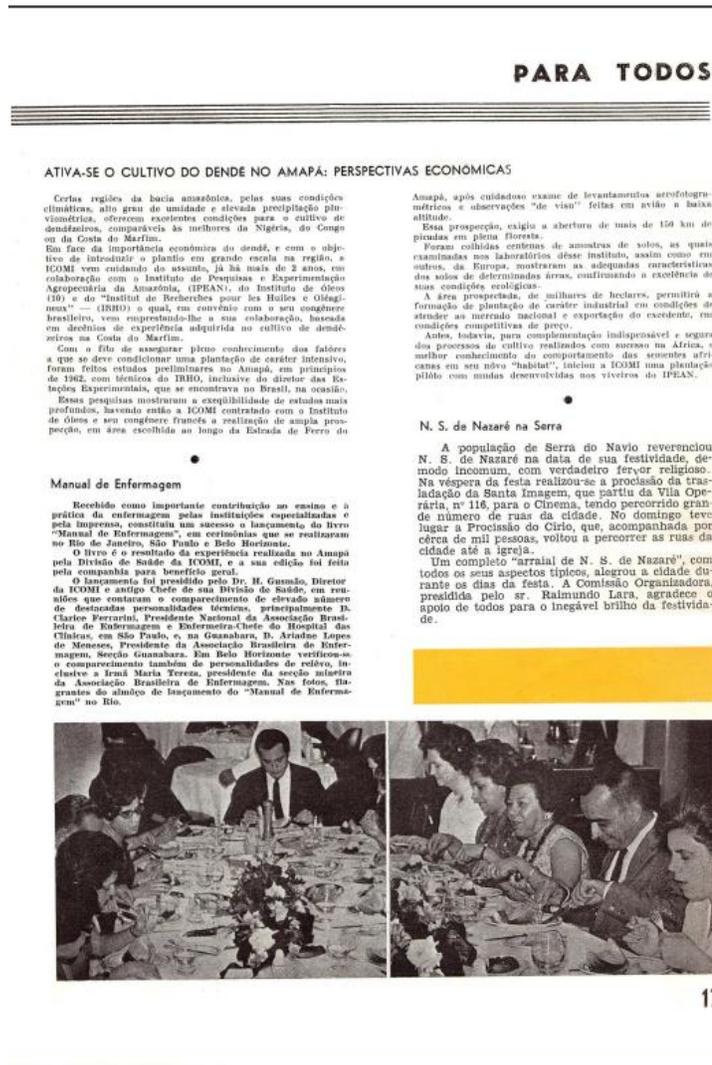
Outras programações desse gênero serão lançadas pelos dirigentes do ME, durante o ano em curso, tendo em vista o feito alcançado na apresentação da professora Aracy Mont'Alveres, que se vê à direita, na foto abaixo, juntamente com professoras das Escolas VAM-STM e Sec. Flor Mendes.



16

Fonte: ICOMI-Notícias, n. 1, De tudo para todos, p. 19, janeiro 1964

Figura 13 – Fotografia 07



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *De tudo para todos*, p. 20, janeiro 1964

Com tantos *VISITANTES* curiosos, a ICOMI fez questão de anunciar, fotografar e publicar aqueles mais ilustres nas páginas de sua revista. Apesar de não ter um título ou localização certa, esta seção atribuía grande valor aos trabalhos da mineradora no TFA, justificado pela ida de políticos, cientistas e estudantes (de diferentes áreas) às suas instalações em Serra do Navio e Santana.

Além disso, tais vilas tinham suas agendas cheias de eventos *SOCIAIS*, onde eram feitos registros de ritos sociais como noivados, casamentos e aniversários. Já as *VÁRIAS* outras comemorações de funcionários, ganhavam espaço nesta sessão que englobava demais eventos do cotidiano familiar e empresarial, como jantares e transferências de sede.

Figura 14 – Fotografia 08

FELIZES ANIVERSÁRIOS	
Mês: Janeiro	
1	Antônio Correa de Araujo
2	Cesário dos Santos Franca
3	Floriberto Abreu da Conceição
4	João Cantalera Nascimento
5	José Geraldo de Sousa
6	Jose Francisco Muniz de Sousa
7	Manoel Alves dos Santos
8	Antônio de Nazaré Neves
11	Antônio Barros Nunes
12	Herculano Ferreira Barros
13	Ricardo de Oliveira Rodrigues
14	Pedro André da Silva
14	Omar Cavalcante Costa
14	Vasilj Sitarsky
14	Luciano Amaral
15	Raimundo Magalhães da Silva
16	Alexandre Vales Gonçalves
16	Honorato Perdigão da Silva
17	Antônio de Farias Prado
17	Domingos Barbosa
20	Jose Severino da Silva Filho
20	Sebastião Medeiros de Lima
25	Raimundo Melo de Almeida
28	Paulo Batista da Costa
30	Eduardo de Lyra Ferrúta
EM BELEM	
7	Miguel Machado da Rocha
20	Maria do Carmo Moreira da Costa Beckman
EM PORTO PLATAN	
7	Miguel Silva de Carvalho
16	Francisco Ferreira de Paula
23	Jary de Moura Rebelo
26	Josquim Pantofole da Silva
EM SANTANA	
1	Estelias Soares de Oliveira
	Deboriano Monteiro
	Walter Hyacinth
	Francisco Casaldrafa Nascimento
2	Aimerindo Antônio dos Santos
	Helião Rodrigues Quintana
	Josquim Casemiro de Souza Carvalho
3	Antônio Façanha de Oliveira
4	Jose Barboza da Silva
5	Arthur Ferreira de Melo
	Raimundo Ferreira Monteiro
	Benedicto da Silva Morais
8	Neomar Rodrigues Santiago
	Cleto Pereira da Nóbrega
	Pedro Costa Rodrigues
	Raimundo Nogueira Tavares
8	Mário Rodrigues dos Santos
9	Antônio Bezerra Nunes
	Adriano Brito de Santana
10	Raimundo Viana da Silva
13	Luiz Carlos Huet de Barcelhar
	Francisco Martins de Oliveira
17	Valestino de Oliveira Paula
17	Durval Fernandes dos Santos
19	Raimundo Augusto Mattos
	Schaatão Guedes Geremônio de Oliveira
20	João Jerônimo Pereira
	Ozório Maria dos Santos
	Américo dos Reis Alves Filho
21	Percy Arantes Salviano
22	Sebastião Gomes Bahia
25	Raimundo de Paulo Lobato
26	Jose Adamor Gomes da Silva
27	Jobo Nunes de Melo
28	Rosalina dos Santos Sacramento
	Paulo Roberto Alves de Souza
	Washington Mendes Ferreira
NO RIO DE JANEIRO	
2	José Eugênio de Campos Fonseca
10	Ney Mendes Rodrigues
11	Maria Augusta de Souza
16	Eliu Alves Moreira
17	Ivete Mairan
18	Pedro Delson de Moraes
21	Lina José Reis
29	Luclia Laurindo da Silva Figueiredo
31	Dr. Geraldo Costa e Silva

14

SOCIAIS



HORA DO GURI

O programa "Hora do Guri", uma promoção do Mangatê Esporte Clube destinada aos filhos de seus associados, tornou-se motivo de grande atração para a petizada de Serra do Navio. Realiza-se aos domingos, em forma de piquenique, levando aos recantos mais aprazíveis da Serra um considerável grupo de crianças, acompanhadas dos pais ou responsáveis, que desta forma também se divertem. Um dos locais mais frequentados ultimamente pelos excursionistas tem sido o Recreio Administrativo, que dispõe de uma casa-de-campo com excelentes instalações, além de grande área arborizada, riacho, quadras de vôlei e futebol, local para fazer churrasco, bancos e mesas por toda parte e uma série de outras coisas que tornam aquele lugar um dos pontos mais pitorescos da região. Sem qualquer risco, as crianças se divertem livremente, enquanto os adultos procuram suas distrações em jogos desportivos, pesca, palestras, etc.

Está em festa, no dia 4 do mês passado, o lar de nosso companheiro Francisco Chagas e Silva e de sua esposa d. Luclia Silva, pela passagem do 14º aniversário natalício de sua filha Srta. Maria das Graças Silva e Silva. A aniversariante (foto abaixo) recebeu seus amiguinhos com uma lauta mesa de doces e foi alvo de muitos abraços e felicitações.



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Sociais*, p 17. 26, janeiro 1964

Figura 15 – Fotografia 09



Realizou-se, neste final de ano, a festa que a Comissão Interna de Prevenção Contra Acidentes (CIPA) programou para a eleição da "I Miss Segurança" de Serra do Navio. Os saíes do Manganes Esporte Clube ficaram superlotados, e antes de ter início o desfile das candidatas dançou-se animadamente ao som da orquestra do Professor Soares, um dos melhores conjuntos musicais do Território do Amapá.

Somente aos primeiros minutos do dia seguinte, ante a expectativa do grande público presente, as candidatas, em número de oito, deram entrada na passarela para o desfile de praxe. Portadoras de graça e beleza próprias da moça da região, foram todas muito aplaudidas. Cerca de uma hora depois estava concluída a apuração dos votos, em número de 98.480, que foram vendidos em benefício do NATAL DAS CRIANÇAS POBRES DOS RIOS. A vitória coube à senhora Maria Idames, que obteve 26.391 votos e era a representante da Divisão de Mina. Nas colocações imediatas ficaram Mirian Costa (21.014) e Maria José (16.327) consequentemente primeira e segunda princesas. A "I Miss Segurança" recebeu a faixa das mãos de D. Olga Silva, esposa do Dr. Idio Silva, presidente da CIPA em Serra do Navio. Na foto ao lado, a "Miss" e as "Princesas".

Também em Vila Amazonas foi realizada animada "Festa da Segurança", nos saíes do Santana.

CASAMENTO

Em acontecimento social que reuniu grande número de parentes e amigos do nítel casal, consorciaram-se em 14 de novembro passado a Sr. José Maria Fátima Gomes, que emprega suas atividades na Divisão de Materiais, e a Senhora Ely Pinheiro Gomes.

O ato foi celebrado pelo Padre Damião Gordi, Vigário de Pôrta Grande. Os noivos passaram a residir na Vila Operária n. 292.



Ainda está na lembrança de todos a brilhante participação do Amapá no Concurso Miss Universo de 1962, por intermédio da Senhora Themia Koller Cunha, representante de receita da sociedade marcupaense. A bela Miss Amapá não só se destacou pelos seus dotes pessoais, como pela irradiante simpatia que a todos enantou. Em sua estada no Rio, Miss Amapá 63 foi homenageada pela ICOMI e Companhia Auxiliar de Mineração, em "cock-tail" que contou com numerosa presença. Na foto acima vemos a senhora Themia Koller Cunha entre funcionárias das duas companhias, e, ao lado, recebendo um mimo das mãos do Dr. Paulo Antunes. Estão presentes o Dr. Orlando Saloysa, Governador Substituto do Amapá, e Miss Pará, Senhora Nilda Medeiros, também presentada.



15

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Sociais*, p 18. janeiro 1964

A mulher desta mineradora, a *FEMINA*, ganhou espaço nas páginas da *ICOMI-Notícias* com fotografias de donas de casa no seu ambiente tido como mais íntimo, a cozinha, apresentando receitas típicas do Amapá, assim como dicas de organização do lar, costura e beleza.

Figura 16 – Fotografia 10

femina

ECONOMIA DOMÉSTICA

Quando fizer suas cortinas, tire as medidas cuidadosamente e de cada janella. Muitas vezes, embora pareçam iguais, existe alguma diferença entre elas.

—OO—

Dê sempre uma margem de cinco centímetros para o encaixe da vara, na parte de cima, para cortinas de vidraça. Outros cinco centímetros deverão ser dados para a margem da parte inferior.

—OO—

Antes de serem lavadas as cortinas, devem ser tiradas os acessórios e soltas as pregas. Entretanto, nada disto será necessário, se fizermos a lavagem a seco. Antes de lavar, é necessário que você desmanche as bainhas. Para que não se inutilizem as cortinas é conveniente um acréscimo de 10 cm na bainha. Para lavar cortinas, a primeira água deverá ser morna. As vezes há necessidade de repetir a enxaguadura. Depois em espuma de sabão e água morna. Depois enxágue, até que a água saia limpa.

CASTANHA DO PARÁ GLACÊ

Esta receita é deliciosa. Pode ser feita em grande quantidade e guardada em latas fechadas.

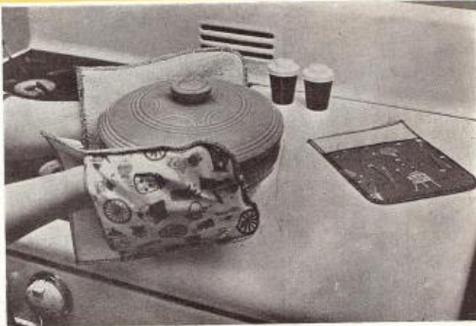
INGREDIENTES:
2 xícaras de açúcar;
1 xícara de melado (ou xarope de milho);
1 xícara de água;
½ xícara de castanhas do Pará (para cada receita).

MODO DE FAZER:
Misture 2 xícaras de açúcar e 1 de melado com água e ponha tudo a cozinhar em banho-maria. Assim que estiver bem quente, depois de 15 minutos passe a panela para o fogo direto. Tire do fogo, deixe esfriar um pouco e ponha outra vez em banho-maria. Misture as castanhas do Pará, em punhadões. Quando estiverem bem cozidas, tire uma por uma e coloque na pedra mármore, untadas com manteiga e peneladas com açúcar. Guarde em caixinhas, alternando folhas de papel impermeável para que não adriam umas às outras.



Bonito vestido para a dona de casa elegante. De linhas clássicas, ligeiramente rodado, gola esporte e mangas três quartos, proporciona, ao mesmo tempo, conforto e aquele ar alegre de quem confia em sua apreciação. O tecido é algodão estampado. (Foto ICAPRESS para ICOMI NOTÍCIAS)

Apresentamos abaixo uma sugestão muito boa para a dona de casa: uma espécie de latas para segurar panelas quentes e que também servem nos trabalhos de limpeza. Fáceis de fazer, estes seguradores constituem ainda uma sugestão feliz para presente. (Foto ICAPRESS — De N. Cotton Council para ICOMI NOTÍCIAS).



19

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Femina*, p. 22, janeiro 1964

Como forte incentivadora de *ESPORTES*, houve certa dedicação ao cenário esportivo do TFA, pois junto a esta sessão sobre os jogos dos clubes locais, estudantis e demais campeonatos, elegiam um *CRAQUE DO MÊS*, dedicando-lhe uma página com curta biografia e foto.

Figura 17 – Fotografia 11

SANTANA: TRICAMPEÃO

Cometeríamos grande falta se, no primeiro número de ICOMI-Notícias, não evidenciássemos a grande conquista do Santana, levantando o tricampeonato amapaense de futebol. De todos os títulos, um tricampeonato (1960-61-62) é sempre o mais almejado, o mais festejado. Uma agremiação, muitas vezes, conquista quatro, cinco ou mais campeonatos, mas a melhor festa, a maior alegria é a da conquista do terceiro. Atualmente o Santana ostenta em Macapá o título de tricampeão da cidade, após uma campanha embora árdua, das mais brilhantes, conseguindo ganhar de maneira clara os dois turnos do campeonato oficial da cidade. Na fase inicial do certame sofreu alguns tropeços, como sempre acontece com as equipes em formação, para logo encetar a caminhada firme em busca do título, que iniciara nos dois anos anteriores. Eis os resultados dos jogos:

1º turno — Santana 4 x Juventus 0; Santana 7 x Latitudo 0; Santana 7 x América 2; Santana 2 x Macapá 3; Santana 10 x Amapá 2 e Santana 0 x Cea Clube 0. Neste turno, terminaram em igualdade de condições as equipes do Macapá, do Cea Clube e Santana. Na decisão o Macapá venceu o Cea por dois tentos a um e o "canário amapaense" suprepunhou o Macapá por 2 a 0. No turno final, quando o esquadrão santanense confirmou o título por antecipação, sofreu uma só derrota frente ao Cea Clube, mas uma semana após derrota a Seleção Amapaense pelo score mínimo, numa demonstração de superioridade incontestável.

2º turno: Santana 4 x Juventus 2; Santana 5 x Latitudo 4; Santana 3 x América 0; Santana 3 x Macapá 2; Santana 2 x Amapá 1 e Cea Clube 2 x Santana 1. Nesta memorável campanha colaboraram os seguintes dirigentes: Michel Abrahão, presidente e José Chagas Lara, diretor de futebol. Técnicos: Wenceslau do Espírito Santo (15), no primeiro turno e Juarez Maués no final. massagistas: Jason Cardoso e ma's os seguintes atletas: Wanderley, Vasconcelos, Esmelino, Sabá, Mara-

O valoroso esquadrão do Santana. Ao centro, o Dr. Osvaldo Pesson.



21

esportes

I JOGOS SECUNDARISTAS

A juventude amapaense viveu dias de grande entusiasmo com a realização dos "Jogos Secundaristas", promoção do Departamento Esportivo da União dos Estudantes dos Cursos Secundários do Amapá. Recebendo incondicional apoio dos governos territorial e municipal, além da ajuda de ICOMI, a estudiantada amapaense viu tornar-se realidade um velho e acientado sonho.

Moldados nos mesmos sistemas adotados em grandes cidades do País, os "Jogos Secundaristas do Amapá", do qual participaram o Colégio Amapaense, Colégio Comercial do Amapá, Escola Industrial e Escola Normal de Macapá foram iniciados com majestoso desfile, presenciado pelo Governador do Território, Cel. Fernando Porto.

O Colégio Comercial do Amapá, foi o grande campeão dos jogos, totalizando 150 pontos. Nas demais colocações seguiram-se: Escola Industrial de Macapá com 83 pontos; Escola Normal com 74 pontos e Colégio Amapaense com 70 pontos. As competições femininas, tiveram enorme assistência, com as torcidas organizadas dos estabelecimentos de ensino entoando hinos e cânticos, para incentivar as jovens atletas.

nhão, Mundico, Mário, Elair, Nilton, Palito, Cico, Castanhal, Ceará, Alvaro, Curio, Carrito, Moacir, Olivar, Waldir, Ruy, Joaquinho, Guilherme, Sussu, Saraiva e Pedro Bala, este tragicamente desaparecido e o único que não comemorou o título que ajudou a conquistar. Pedro Bala foi o artilheiro do turno e Palito terminou como artilheiro do campeonato.

Figura 18 – Fotografia 12

preito de saudade

Há pouco mais de um ano toda a cidade chorava a perda de um de seus ídolos, o famoso craque do Santana Esporte Clube e excelente companheiro de trabalho na ICOMI, Pedro de Oliveira Gomes, o popular Pedro Bala. Desaparecido tragicamente, seu nome ficou inscrito nos anais do esporte amapaense, a cada seleção preferenciada, defendendo-a com desvelo, todas as vezes que foi convocado para integrá-la. O destino parou, neste, sua vida jovem, em pleno fluir da glória e cheia de esperanças, para dar lugar, apenas, a estas amargas recordações. Lembra-mos, como se tivesse ocorrido ontem, o seu desgracioso acidente. Estávamos no dia 24 de dezembro de 1962, véspera de Natal, portanto, quando Pedro Bala passou pelo escritório central, brincando com todos, prometendo, como sempre o fazia, dar mais um campeonato ao Santana "artilheiro", de certeza. Depois disso, sem que soubéssemos o destino que tomara, não demorou muito e a folha informava: "Desastre na rodovia Santana-Macapá, Pedro Bala está muito mal". Julgávamos ter ouvido mal e até chegamos a pensar num equívoco, pois não havia muito tempo que estivera conosco... Ainda sem acreditar no que ouvimos, encontramos-nos espantados. Mas, para infelicidade de todos, inclusive de sua esposa, pois Pedro era casado de pouco, a notícia foi confirmada e repetida por algumas vezes. E, para aumentar a nossa tristeza, soube-se a seguir que, não resistindo à gravidade dos ferimentos, falecera antes de receber os primeiros socorros. Lá mesmo na estrada, de cara de existir o amigo, o desportista nº 1 de Santana, o funcionário padrão, que toda a cidade tem por recorda-ção e a quem nós, neste primeiro número de ICOMI-Notícias, rendemos o nosso PREITO DE SAUDADE.

O CRAQUE DO MÊS

Em cada número de ICOMI-Notícias será focalizado um craque de futebol, atuante em um dos clubes da Empresa, de Santana ou de Serra do Navio. O nosso escolhido para este número, José Domingos dos Santos Neto, o "Palito", pertence ao Santana Esporte Clube. Vejamos o que respondeu "Palito", às perguntas do repórter de IN:

Nome completo?
— José Domingos dos Santos Neto.

Tem apelido?
— Sim, Palito.

Onde e quando nasceu?
— Belém do Pará, em 16.12.1937.

Desde que idade pratica o esporte?
— Iniciei aos 10 anos, no Gratório da Prelazia de Macapá.

Quais?
— Futebol, Vólibol, Basquetebol, Futebol-de-Salão e Tênis-de-Mesa.

Qual o preferido?
— Aprecio mais o futebol.

Por quais equipes prelieu?
— Esporte Clube Macapá, Trem Esporte Clube Beneficente, Amapá Clube e atualmente o Santana Esporte Clube.

Formou em seleção?
— Já formei na seleção amapaense de futebol por duas vezes e em vólibol na de juvenil que disputou o Campeonato Brasileiro da modalidade em Belo Horizonte.

Já tentou a sorte fora do Território?
— Fiz estágio no Vasco da Gama do Rio, em 1958. Treinei uma vez no Clube do Remo, mas, apesar de interesse da agremiação paraense, não me interessei pela proposta e retornei a Macapá.

Quais os clubes de sua predileção?
— Santana E. Clube, em Macapá; Poissandu, em Belém; Vasco da Gama, no Rio de Janeiro e Santos, em São Paulo.

Prefere o amadorismo ou o profissionalismo? Por que?
— Amadorismo. Não há profissionalismo no Território do Amapá.

Onde trabalha?
— ICOMI — Divisão do Pôrto, como operador de Marim. Estou satisfeitiíssimo.





José Domingos dos Santos, o popular "Palito".

Seu estado civil?
— Casado com dona Marina. Tenho um garoto de um ano de idade, o Mário Guilherme, que espero seja o meu continuador no esporte.

Onde reside?
— Na Vila Amazonas, n. 122. As ordens dos amigos.

Considera-se bom atleta?
— Dizem os fãs. E eu, sem falsa modéstia, também concordo.

Qual a sua maior alegria no esporte?
— Quando ganhei dois campeonatos pelo E. C. Macapá e ultimamente o tri-campeonato pelo Santana, em memorável campanha.

E a maior tristeza?
— A derrota de 8 a 0 frente ao Remo, após exaustiva excursão em São Luís.

Tem vícios?
— Fumo. Bebo muito pouco em ocasiões festivas.

Sua religião?
— Católica Apostólica Romana.

Quando deseja parar?
— Aos trinta anos de idade.

Deseja dizer alguma coisa a seus fãs?
— Por enquanto, nada.

Fonte: ICOMI-Notícias, n. 1, O Craque do mês, p. 25, janeiro 1964

Ainda com temática esportiva, um *PÉ DE PÁGINA* sempre era direcionado a pequenas notas sobre outras modalidades, como vôlei e basquete. Algo semelhante ao *BIPS...BOPS...*, notas curtas sobre o esporte no TFA de modo geral.

Figura 19 – Fotografia 13

Ferrovário: Campeão Invicto

Já se tornou tradicional em Serra do Navio, a disputa do torneio de futebol-de-salão intitulado "Bento Pascoli", do qual se sagrou campeão invicto, em 1963, o valoroso quadro do Ferrovário Esporte Clube (foto à direita) agremiação interna do Mangangá Esporte Clube. O vencedor foi, sem sombra de dúvida, a melhor equipe inscrita no torneio. Para comprová-lo, bastaria chamarmos que o seu mais sério adversário, o Serra do Navio Esporte Clube, que com ele vinha disputando, palmo a palmo, a liderança do certame, foi derrotado pelo placar de 6 x 1, no jogo decisivo. O "Ferrinho", como é carinhosamente chamado o FEC pela sua torcida, levantou o campeonato com: Orlando, Cremildo, Aragão I, Aragão II, Gessé e Lilto. Atuaram em outros jogos e muito colaboraram para a manutenção de sua invencibilidade no campeonato, os seguintes "players": Genu, Castanhal, Alsey e William.



com o "Milão". Ganhou de um a zero. Parece até obra do destino. Se os craques não fossem tão ruins...

★ Em organização a equipe feminina do Santana E. Clube. As idosas realizaram dois jogos. Uma vitória e uma derrota. Ainda não jogam bem, mas são tão bonitas que tudo o mais é dispensável...

★ Grande lição de esportividade nos deu a equipe do Montesa durante a realização dos "Jogos Santanenses". Sua equipe de futebol-de-salão levou cada surra de "lanceira", mas sempre estava presente para enfrentar seus adversários. Especial mereço os maiores elogios. Herói moral do Barão de Cooperin.

★ CAS também estava em tódas. Jogou futebol como gente grande. "Vistas as partidas de futebol-de-salão, vólei e basquetebol. Deu lição e grande, na rapaziada que não quer nada com a "pilota"...

"BIP-BOPS" ESPORTIVOS

★ Os "Jogos Esportivos Santanenses" foram o marco de trabalho bem planejado e força de vontade do Diretor de Esportes do Santana. Este são terrenos grandes realizações no setor esportivo do "quadro".

★ Os jogos de "saúde", entre os mais "enferrujados" astros do passado, levaram ao estádio Augusto Antunes o maior e mais atualizado público esportivo que podemos apresentar em Vila Amazonas. Quatro equipes foram organizadas: "Real Madrid", "Benfica", "Milão" e "Santos". Este, foi o campeão e decidiu

PÉ DE PÁGINA

CLUBES EM PASSO CERTO

Evidentemente os dois clubes santomens, Santana e Mangangá, andam de passo certo. O Santana, que nasceu adulto, tem abdicando todos os equipamentos disputados, inclusive o da segunda divisão. Há cinco anos vem se constituindo o hábito de tomar do esporte amapaense.

Clubes de fora que nos visitam, encontram no "quadro amapaense" uma barreira difícil de ser transposta. No ano passado, somente o Clube do Remo de Belém conseguiu vencer o Santana, numa partida onde a falta de sorte do time amapaense foi fator decisivo da vitória azulina. Houve jogos com o Paissandu, time amapaense; com o Freze de Campina Grande, o famoso "Galo da Barborema", e mais famosa equipe do Nordeste brasileiro, com o Moto Clube do Maranhão; com o Avante, também de Belém, e quatro partidas com equipes da nossa gloriosa Marinha de Guerra. Em tódas, a fibra, a classe, a bonita padrão de jogo da equipe do Santana, mereceram as maiores e melhores referências das representações visitantes. No vólei, no basquetebol, em futebol-de-salão as equipes do clube do Pórtio são bem representadas e classificadas entre as melhores do Território Federal do Amapá.

O Santana também presta ajuda aos clubes pequenos.

Como exemplo podemos citar o despojo de um jogo completo de caxinas no estádio Latitude Zero, cujo entreponto constituiu-se em fato sem precedentes na vida esportiva da cidade.

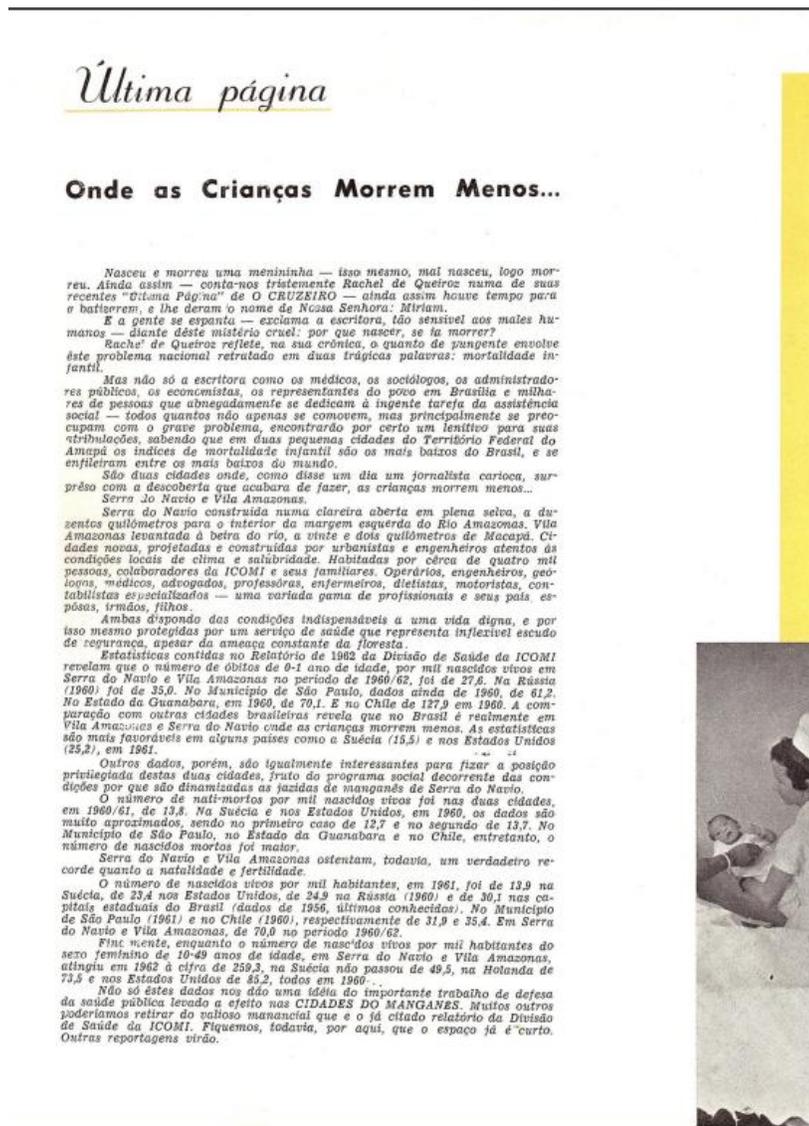
Lá em cima, na Serra do Navio, o Mangangá é o antídoto perfeito que recebe com regularidade todos os clubes de Macapá. Uma excursão à Serra é disputadíssima e o Mangangá atende a todos, de acordo com o seu calendário bem planejado. Além dos clubes internos, sediada Liga Esportiva, o clube serrano possui poderosas equipes de futebol, vólei, basquetebol e futebol-de-salão, e ainda excelentes nadadores, campeões brasileiros da famosa seleção juvenil amapaense que em São Paulo, sob o comando do Cap. Euclides Rodrigues, trouxe para o Território o ouro máximo da aquática nacional da categoria. Em vólei, e especialmente em futebol-de-salão, o Mangangá, entre os clubes competentes, permanece invicto há mais de três anos. Suas promoções sociais são dignas de nota e os convites para as festas são sempre recebidos com grande satisfação. Carimbas, o Santana e Mangangá, de passo certo, na rota traçada de bem servirem ao esporte amapaense.

23

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Bips-Bops e Pé de página*, p. 26, janeiro 1964

Assim, a *ÚLTIMA PÁGINA* anunciava com o próprio nome o fim da edição, ao passo que indicava o próximo tema a ser abordado no número seguinte, seguido da apresentação das pessoas responsáveis pela redação e edição da revista, assim como as localizações destes e o departamento a que pertenciam.

Figura 20 – Fotografia 14



Fonte: ICOMI-Notícias, n. 1, *Última página*, p. 27, janeiro 1964

As sessões foram sofrendo mudanças sutis no decorrer dos anos sejam de localização ou tamanho. Contudo, a partir da publicação de número 20, de agosto de 1965, é possível observar mudanças mais drásticas. A exemplo, ocorre a inclusão de sumário na contracapa, nos moldes da fotorreportagem, onde no topo da página há uma fotografia tema, seguida da listagem das seções e nomes de diretor, redator e demais profissionais constituintes do departamento de relações públicas – que antes vinham no pé da *Última página*.

Outra é a seção *Sociais*, que passou a perder espaço para a sessão *Aniversários*, a qual por sua vez, antes bem diagramada com fotos das festas de aniversariantes, agora apenas listava os nomes e as datas dos natalícios. Algo semelhante ocorreu com a seção *Femina*, a qual, apesar não ter uma regularidade e posição exata desde o número 1, vai se extinguindo até que, a partir da edição 18, deixa de ser publicada.

São esses os primeiros indícios das constantes reestruturações nas sociedades da ICOMI, refletindo na regularidade da revista, já que, a partir da edição 30, de junho de 1966, a revista passou a ter sua distribuição bimestral, deixando de circular já em julho de 1967 quando parte de sua equipe de redatores solicitou demissão do Grupo CAEMI, seguindo para outros Estados Brasileiros (NUNES, 2014).

Apesar de a *ICOMI-Notícias* não ser voltada para o público externo, mas limitada e direcionada aos funcionários, ainda carregou características de revistas comuns dos grandes centros urbanos. Como a criação de uma sessão destinada ao público feminino, com trocadilho simples e criativo, evocava a mulher da mineradora, não a trabalhadora da ICOMI, mas a dona de casa que zelava pelo lar e pela família, a chamada *Femina*. Demonstração do objetivo de incluir na representação de seus valores institucionais todas as pessoas que compõem o Projeto ICOMI.

A aglutinação das palavras “feminina” e “mina” para dar nome à seção demonstra o desígnio do departamento de comunicação e, por conseguinte, da própria ICOMI, em se direcionar ao público feminino da mineradora com a exclusividade de uma seção. Por sua vez, com abordagens temáticas semelhantes às de revistas femininas da época, desse modo realizou a (re)produção de representações já difundidas por estas, como *Jornal das Moças* (1914-1961), *Vida Doméstica* 1920-1963) e *Querida* (1954-1970).

Observa-se que as mulheres não configuravam o público principal do periódico, mas são grandes destinatárias dos discursos por ele defendidos, de modo a serem representadas em muitas de suas páginas. São esses os apontamentos mobilizadores das reflexões a seguir, onde se pretende identificar e analisar as representações femininas presentes nas fotografias do periódico *ICOMI-Notícias*.

Para dar conta disso, utilizamos o conceito elaborado por Roger Chartier (1990). Para esse historiador, as representações são produções destinadas a público e lugar específicos. Por isso, se faz necessário associar os discursos à posição de quem os profere, já que este não é neutro, mas

sim instrumento da consolidação de estratégias e práticas sociais que se condensam e tornam-se mecanismo de imposição de dado grupo sobre outro, de forma a legitimar ou justificar determinado projeto para os próprios sujeitos envolvidos, assim como suas escolhas e comportamentos (CHARTIER, 2002). O que equivale à importância do estudo das representações, com o da luta de classes, no sentido de compreender os instrumentos de dominação e imposição – ou a sua tentativa.

Nessa perspectiva, dialogamos também com as considerações de Del Priori (1998) sobre as revistas – ainda mais as femininas – serem fundamentais na experiência histórica das mulheres por expressarem a hegemonia de um dado lugar, por um dado grupo, na tentativa de moldar comportamentos e definir seus papéis sociais. São estes os geradores dos modelos ideais de ser mulher, a bela, a dona de casa e a boa mãe, o que, segundo a autora, compõe o conjunto de objetivos das publicações, pois induzem à reprodução de tais modelos de dominação.

Contudo, num estudo de perspectiva semelhante sobre as revistas e as representações ali contidas, Bassanezi (1997) nos chama a atenção para compreender que não se trata de uma linearidade uníssona de que “todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado” (BASSANEZI, 1997, p. 608). A investigação realizada nesta pesquisa busca identificar as representações que circularam entre moradores e moradoras das vilas de Santana e Serra do Navio.

Partindo desses pressupostos, do mesmo modo que um fotógrafo escolhe o enquadramento e fotografa, historiadores também o fazem, recortam e delimitam fontes e tema. Sendo a nossa interpretação uma escolha dentro de um conjunto de escolhas possíveis, versaremos pelo estudo das representações femininas dispostas nas fotografias das páginas da revista institucional, *ICOMI-Notícias*.

Cabe ressaltar que todas as 36 edições estão em formato digital, e por isso houve dificuldade em mensurar o tamanho exato de cada fotografia. Então buscamos fazer uma descrição minuciosa da localização e do tamanho em comparativo com o tamanho real das páginas, que é de 25,5x34,0 centímetros.

Inicialmente, foi realizada uma seleção geral das fotografias que continham registros de mulheres, independentemente de qualquer outro parâmetro, totalizaram 700 fotografias. As imagens foram reunidas em uma pasta conforme a edição da revista, sendo nomeada com seu

referido número, mês e ano. Em seguida, fez-se um *print* da tela do computador, direcionando cada fotografia para o *Paint*, onde foi colada e recortada e, por fim, salva na pasta de sua edição, sendo nomeada com as identificações primárias: número e página.

A partir disso, realizou-se uma nova seleção das fotografias, agrupando-as não mais por edição, mas por temas, utilizando três critérios sucintos, porém representativos: 1. Mulher-bela, que inclui mulheres representadas como ícones de beleza ou em momentos de autocuidado, totalizando 56 registros; 2. Mulher-dona de casa, que abrange aquelas fotografadas em atividades do lar, com um total de 20 fotografias; e, por fim, 3. Mulher-mãe, representada junto aos seus filhos, em atos de cuidado, contando com 37 fotografias.

As fotografias selecionadas e incorporadas no texto são amostras, fazem parte de um total de 700 fotografias, todas retratando mulheres. São 20 registros de mulheres no lar, em atividades domésticas; 37 registros de mulheres em ações de cuidado com a prole e 56 fotografias de mulheres em momentos de beleza, sejam desfiles, sessões de autocuidado ou algo relacionado a moda.

Por conseguinte, faremos um estudo das fotografias de cada grupo, atentando primeiramente para o levantamento máximo de informações sobre estas, tratando do seu conteúdo: as pessoas representadas, local e disposição dos objetos, tudo que compõe a fotografia, a fim de alcançarmos a interpretação do que não está posto. Afinal,

A fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se, enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens. (MAUAD, 1996, p. 12).

Partindo do plano do conteúdo para o plano da expressão, analisaremos as técnicas e estéticas fotográficas, enquadramento, ângulo, luz, nitidez etc. Juntamente a isso, considerando as pessoas como elemento central de análise, serão realizadas interpretações sobre suas posturas e modos de “posar”, no intuito de desenvolver hipóteses sobre as formas de construção e reafirmação das representações de mulheres no ato de serem fotografadas.

Os dois segmentos indicados, conteúdo e expressão, organizam uma mensagem e se completam no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, podendo ser separados na execução da análise, mas, para compreendê-los de fato, apenas sendo um todo integrado.

(MAUAD, 1996). Nesse sentido, separamos quatro fotografias de cada grupo temático para incluir e analisar no desenvolvimento deste.

Por fim, neste capítulo tivemos como objetivo realizar uma reflexão teórica sobre o uso das fotografias como fontes históricas e a função da revista institucional como uma ferramenta de administração empresarial para a disseminação de ideais e fortalecimento de valores institucionais. Além disso, procuramos descrever a *Revista ICOMI-Notícias*, destacando seus elementos físicos e a sequência de seções padrão, a fim de proporcionarmos uma experiência de leitura mais completa e aprofundada deste veículo.

3 A BELA MÃE DONA DE CASA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS FOTOGRAFIAS DA ICOMI-NOTÍCIAS

Neste último capítulo descrevemos e analisamos as fontes desta pesquisa: as fotografias, advindas do suporte midiático caracterizado no capítulo anterior. Para organizar e apresentar as representações que se sobressaíram no processo de estudo e catalogação, criamos três categorias e elegemos as quatro fotografias mais emblemáticas de cada grupo: a Mulher Bela, onde apresentamos fotografias com as representações de mulheres como símbolo de beleza e vaidade; a Mulher Dona de Casa, onde analisamos fotografias com mulheres naturalizadas em espaços domésticos; e por fim, a Mulher Mãe, onde dissertamos sobre as representações da mulher cuidadora.

3.1 A MULHER BELA

Durante a catalogação inicial, constatamos certa quantidade de registros onde as mulheres foram fotografadas em eventos sociais nos quais a beleza era o motivo de tal encontro coletivo. Concursos, desfiles e premiações faziam parte da agenda das vilas de Serra do Navio e Vila Amazonas, e todos tinham plena cobertura fotográfica da equipe da *ICOMI-Notícias* (NUNES, 2018). De modo a garantir contundentes perspectivas desses eventos, como a fotografia a seguir, que dentro do gênero da fotorreportagem, é a que encabeça a temática desta edição de abril de 1964.

Na imagem estampada na capa (Figura 21 - Fotografia 15), em preto e branco, no sentido vertical e ocupando praticamente toda a página, temos dois planos na mesma foto. No primeiro, em foco, à direita, temos uma mulher que posa de lado, direciona a cabeça para a direita, sorri e olha para a câmera. Com cabelos soltos, usa um chapéu de mineiro e um vestido de alça rodado e marcado na cintura. Uma faixa lhe corta o corpo na diagonal, e pelo ângulo podemos ler apenas parte do que está escrito: “Rainha dos mineiros 1963”. Atrás desta, em segundo plano, mas preenchendo todo o fundo da foto, vemos uma grande, volumosa e imponente montanha, e parte de uma máquina tão grande quanto, chamada de “caçamba”, que por sua vez está cheia de minério.

Figura 21 – Fotografia 15



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 4, p. 1, abril 1964

Não há uma ação que condicione ou nos faça ver, logo de primeira, uma representação de beleza; e isso não apenas pelo título de rainha dos mineiros não estar totalmente visível. Podemos reparar no ângulo tomado pelo fotografo e a posição de cada elemento: no primeiro plano, claro e nítido pela luz natural do dia, ele captura a beleza condecorada de uma mulher que posa à frente do que representa o seu corpo, o minério e os que trabalham com ele.

Ao falar de beleza, nos referimos diretamente às noções de aparência do corpo. As exigências da beleza feminina, muitas vezes, aparecem como compulsórias, e a “boa aparência” se instala como um atributo fundamental feminino nas mensagens. Estar na posição de “a mais bela” concede a esta mulher um *status* de patrimônio, de capital cultural que supera outras características constituintes do sujeito mulher, na qual ganha destaque a busca por uma boa apresentação, cenário em que as roupas e acessórios da moda, o corpo belo e jovem, a boa forma e outros valores constituintes da feminilidade não são apenas abordados com destaque, mas se apresentam como definidores da identidade das mulheres, moldando corpos, gestos e condutas. Nisso, ainda podemos adicionar outro elemento: a associação da boa aparência com a boa índole, a hipótese de que a mineradora ICOMI criou e se apropriou da própria representação produzida sobre o corpo feminino para ilustrar o retorno de seu investimento, onde “para os homens, o poder concreto; para as mulheres, a imagem corporal” (BUITONI, 2009, p. 205). Nesta mesma direção, demonstrando como a associação entre boa aparência e boa índole é feita com frequência, Eco explica que:

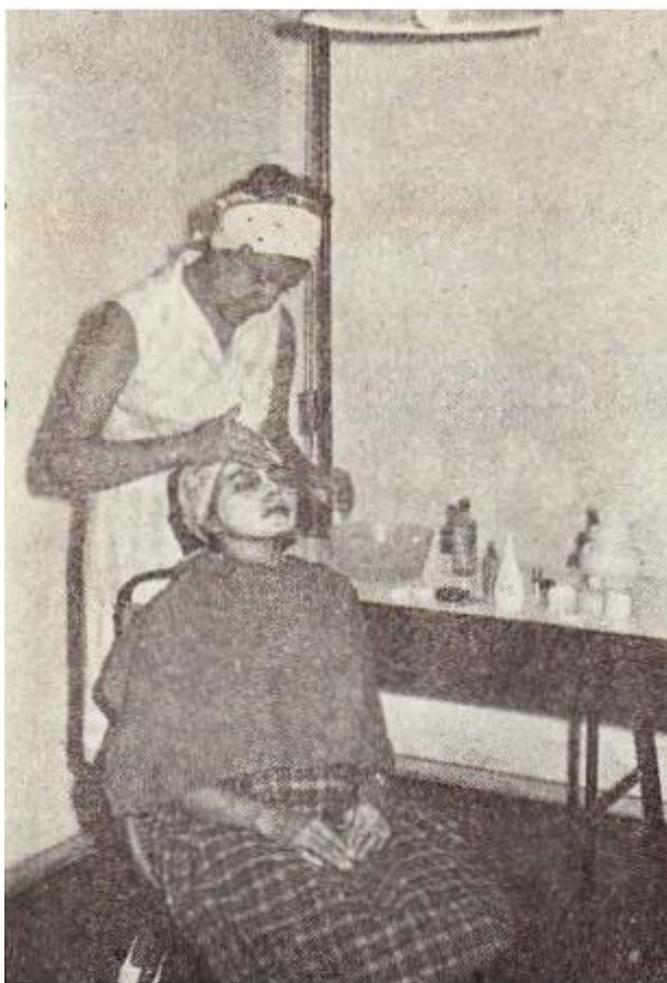
[...] “belo” – junto com “gracioso”, “bonito” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual a aquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom (ECO, 2004, p. 8).

Se a expressão do que caracteriza o feminino é dada pela aparência, a sua manutenção entra em questão também. Assim como em diversas revistas femininas da década de 60 (COSTA, 2010), a *ICOMI-Notícias* também se preocupou em publicar conselhos práticos às mulheres, especialmente na seção *Femina*. Um dos ensinamentos construtores do ideal de beleza feminino estava na modificação do corpo e da aparência, consistindo em algo essencial para a existência feminina. E no ato de aderência a esses anseios, as mulheres tornaram-se alvos do mercado de produtos para cada parte do corpo, e o culto à beleza tornou-as presas fáceis da sociedade de consumo (COSTA, 2010). Algo que podemos observar na Figura 22.

Em preto e branco, centralizada entre duas colunas, sendo a única da página, a foto ocupa seu topo junto ao nome da seção. São vistas duas mulheres: a primeira está de pé, atrás e inclinada sob a outra, com as mãos sobre o rosto desta, espalhando um produto, e transmite delicadeza. Usa um vestido de tons claros, de cabelos amarrados e seguros por uma faixa. A sua frente, há a segunda mulher: de olhos fechados e cabeça inclinada para trás, está sentada com as

mãos sobre as pernas. Um tecido lhe cobre do pescoço aos cotovelos e também possui seus cabelo presos com uma faixa. Ao lado destas, há uma mesa com vários frascos e potes.

Figura 22 – Fotografia 16



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 6, *Femina*, p. 31, junho 1964

Considerando o ângulo tomado (de frente, na diagonal), observamos certa preocupação em registrar todo o momento o cuidado, ainda mais ao notarmos que o registro foi feito dentro de um espaço fechado, que, mesmo com luzes internas, não seria suficiente para obter a clareza e nitidez da cena, sendo necessária a utilização de *flash*, como é possível constatarmos pela sombra da mulher que está de pé.

Como apontado anteriormente, o suporte destas fontes fotográficas não possui algumas características de revistas convencionais, como a publicação de anúncios comerciais. Contudo, o

que podemos conceber ao observar os elementos que compõem a fotografia acima e o seu nível de importância ao ser publicado, é a representação do consumo de tornar-se bela, respaldado no discurso popularizado nas décadas de 50 e 60 a respeito de novas práticas de cuidado pessoal (OLIVEIRA, 2005). Ao ter a ideia de beleza redimensionada, partindo de algo dado como natural para a algo que pode ser obtido através de determinados produtos, esse discurso tornou o público feminino seu principal alvo (OLIVEIRA, 2005).

Tal discurso corrobora para a concepção do que torna uma mulher completa, pois não se trata de um projeto de beleza para seu próprio bem-estar, mas sim estar bela para os olhos alheios. Desse modo, como aponta Beauvoir (1980), a própria construção do ser mulher se dá na/pela mediação do outro, em todos os seus aspectos construtores: aparência, valores, comportamentos e gestos.

Afinal, ela não pode apenas ser bela, é necessário fazer jus a esta beleza nas formas de agir. Para isso, etiqueta e moda se consolidam na expressão da mulher gentil, delicada e atraente. Algo que podemos observar na análise da fotografia a seguir, uma representação dirigida à busca da beleza no ato de se vestir e no modo de se portar.

No alto da página, no sentido vertical e ocupando-a do centro ao canto direito, temos a fotografia de uma mulher, centralizada no primeiro plano, que está de pé – não identificada na legenda que acompanha –, sorrindo enquanto direciona o olhar para a sua esquerda. Com seu braço direito levemente erguido, posa com a perna direita mais à frente, dando forma e visibilidade ao seu vestido, alinhado e de cintura marcada, com as mangas até os cotovelos e o comprimento abaixo do joelho, bem ornado aos seus delicados sapatos brancos.

Mesmo com a gradual inserção da mulher nos espaços públicos pós-segunda guerra (COSTA, 2009), a perspectiva que se define nas páginas da *ICOMI-Notícias* é a predominância da representação da mulher do lar, restrita a esse espaço privado, dado como seu ambiente natural, onde é exercida a sua feminilidade máxima. Discurso esse que pode ser justificado pelo corpo editorial da revista ser composto integralmente por homens, pois “não há registro da participação de nenhuma mulher ao longo dos quatro anos que a Revista circulou” (NUNES, 2018, p. 147).

O espaço que a cerca, em segundo plano, possui elementos de um jardim, com vasos de plantas e cadeiras, e não se pode identificar se se trata dos fundos de uma casa ou de um pátio,

mas vê-se que é um ambiente domiciliar. Duas atribuições representadas nas Fotografias 17 e 18 (Figura 23) que, por estarem conectadas à mesma legenda e ocuparem a mesma seção, consideramos mantê-las juntas pela narrativa visual, a literalidade harmoniosa do ser bela e do lar.

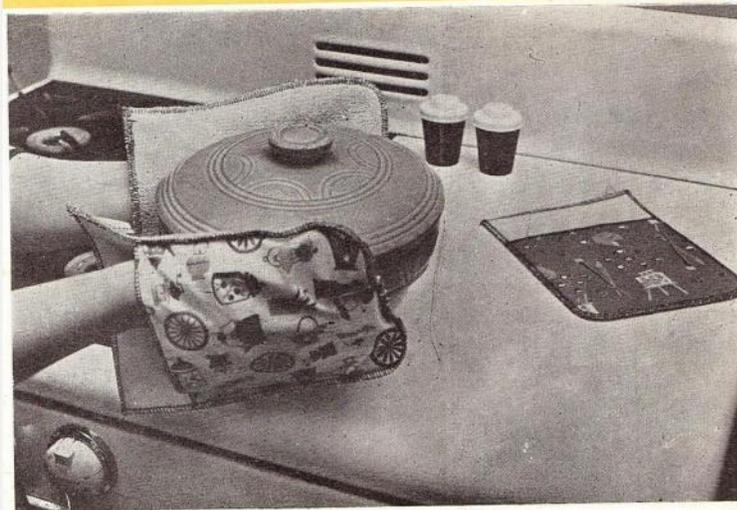
Afinal, a Fotografia 18 nos mostra um elemento comum ao cotidiano da dona de casa: a panela e a cozinha, que, desde a primeira edição do periódico, aparecem como um adorno, do mesmo modo que um belo vestido e um penteado (Fotografia 17). O que será explorado na próxima categoria a ser analisada, porém, antes dessa mulher ser dona de casa e companheira das panelas, ela é noiva, e dentro da construção da esfera do feminino, o casamento e todos os detalhes ligados a ele são de extrema beleza e sensibilidade.

Figura 23 – Fotografia 17 e 18



Bonito vestido para a dona de casa elegante. De linhas clássicas, ligeiramente rodado, gola esporte e mangas três quartos, proporciona, ao mesmo tempo, conforto e aquele ar alegre de quem confia em sua apresentação. O tecido é algodão estampado. (Foto ICAPRESS para ICOMI NOTÍCIAS)

Apresentamos abaixo uma sugestão muito boa para a dona de casa: uma espécie de luvas para segurar panelas quentes e que também servem nos trabalhos de limpeza. Fáceis de fazer, estes seguradores constituem ainda uma sugestão feliz para presente. (Foto ICAPRESS — De N. Cotton Council para ICOMI NOTÍCIAS).



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 1, *Femina*, p. 19, janeiro 1964

Nisso, quando folheamos as páginas da ICOMI-Notícias e observamos as fotografias publicadas, notamos como estas se articulam em conteúdo, no sentido de apresentar uma trilha de beleza que indica o caminho até às supostas metas de vida da figura feminina: o casamento e a maternidade (BADINTER, 1917). Tais aspectos encontram-se principalmente, representados nos registros de eventos sociais, como desfiles, concursos e premiações.

Dessa vez, no registro a seguir – o quarteto de fotografias a seguir (Figura 24) é considerado como uma unidade devido ao seu modo de apresentação no número 11 – não temos a representação da beleza ligada exclusivamente à vaidade ou aparência física, mas o que é tido como belo momento da vida.

A junção das quatro fotografias ocupa toda a parte superior da página e é seguida do nome da seção (Femina). Podemos notar que o tema da vez se inicia com a abordagem visual: são quatro jovens trajadas com diferentes modelos de vestidos de noivas e todos os adornos que o acompanham.

Há um padrão do registro: todas estão de frente e sorriem enquanto caminham pelo salão. Não há legendas junto à foto, mas o conteúdo espalhado no restante da página informa sobre o assunto. Trata-se de um evento de recordação, onde as senhoras da sociedade macapaense emprestaram seus vestidos de casamento para serem apresentados e descritos em detalhes sobre sua confecção. Ainda nomearam as mulheres modelos, da esquerda para direita: Ivany Lima, Maria Zagalo, Graça Viana e Altair Coutinho.

Figura 24 – Fotografia 19, 20 e 21



Fonte: *ICOM-Notícias*, n. 11, *Femina*, p. 23, novembro 1964.

Mas afinal, o que tal evento significa? E por que o incluir nesta categoria? Quando observamos as fotografias, o que nos chama a atenção é a sensibilização que a recordação pode gerar. O primeiro aspecto disso é o desencadeamento de importantes memórias para as donas desses vestidos. Não se vê nos registros, mas no texto que os acompanha nos é dito que pertencem à uma elite de Macapá. Ou seja, não são mulheres da *ICOMI*, o que nos leva ao questionamento do por que a equipe da *ICOMI-Notícias* se preocupou em registrar tal desfile e, principalmente, publicá-lo?

Para além de informar sobre o evento e apresentar diversos modelos de vestidos de noiva, intentou-se (de forma consciente ou não) transmitir a beleza do que se foi e influenciar novas mulheres, seja lá qual sua classe, a olhar, admirar e desejar aquele vestido e o momento máximo de significação, o casamento.

A representação do que é belo e pode ser alcançado, a partir de ritos sociais, faz parte dessa noção de feminilidade plena. As fotografias, em especial as da seção *Femina*, alinham-se na fotorreportagem e traçam o caminho a ser trilhado para a garantia da concretização da suposta felicidade feminina – que, após o casamento, encontra outro espaço, da porta para dentro de casa, em meio às panelas e tarefas.

3.2 A MULHER DONA DE CASA

Ocupando dois terços da página, à direita e no sentido horizontal, esta fotografia (Figura 25) possui um enquadramento amplo, com uma visão de toda a extensão da pia de uma cozinha. No centro, uma mulher de pé, com cabelos soltos, de vestido rodado e bem cinturado, despeja algo de uma panela para outra sobre o fogão à sua frente. Na parede acima deste, há um grande tecido decorativo, bordado com os dizeres: “Um conselho, tenha a cosinha[sic] como um espelho”. Abaixo e à direita vemos a ilustração de um casal dançando, do lado esquerdo a encenação de uma cozinha, com linhas que se entrecruzam imitando um chão, e acima, um utensílio suspenso para organizar panelas.

Figura 25 – Fotografia 22



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 5, p. 29, maio 1964

O reflexo da mensagem se concretiza nesta cozinha: ao lado da pia e acima desta mulher há um utensílio suspenso com uma disposição de panelas bastante semelhante. Bem organizada entre formas, tampas e conchas, o que mais se vê nesse reflexo é a dedicação desta mulher no

trato de sua cozinha. O brilho das panelas é seu espelho e o que se enxerga é a dona de casa ideal, bela e prendada. A cena registrada é uma das que mais sugerem ser construídas: a mulher bem vestida e com cabelos penteados, cozinhando na beira de um fogão, com panelas tão bem ariadas que parecem novas.

Tal representação tem a intenção de estimular outras mulheres a se espelharem no modelo construído, não somente pela forma como essa mulher foi representada, mas o fato de ser registrado o reconhecimento pelo seu empenho, que lhe rendeu a captura desse momento e espaço como um troféu dado pela mineradora. Constatamos isso também ao alinharmos o discurso que a cerca, o qual destaca que os casais com as residências mais bem cuidadas seriam premiados de fato (sem informar qual tipo de prêmio), mesmo reconhecendo que a atividade tenha sido desempenhada pelas mães de família.

Um paralelo que podemos estabelecer com o livro de Betty Friedan, *Mística feminina* (1971), onde a autora critica a padronização do estilo de vida restrito ao lar, no qual as mulheres estavam condicionadas na década de 50 e 60, bem como a manipulação dessa feminilidade preconizada pela sociedade do consumo, causadora do que ela descreve como “problema sem nome”. Mesmo que a pesquisa tenha sido desenvolvida nos Estados Unidos, as problemáticas levantadas por Friedan (1971) se aplicam a outras realidades, como destaca Muraro no prefácio da edição brasileira do livro:

[...] Com a costumeira defasagem, a sociedade brasileira também se aproxima dos padrões mais elevados do consumo, principalmente nas grandes cidades. O problema por ela levantado começa, também, a ser o problema da mulher brasileira urbana. Mais do que nunca as grandes indústrias [...] utilizam-se entre nós, dos meios de comunicação de massa para ativar nas classes médias o consumo de produtos tanto mais sofisticados quanto inúteis, seja em vestuário como em comodidades domésticas (MURARO, 1971, p. 7).

Após entrevistar mulheres de várias regiões dos Estados Unidos e analisar as revistas femininas do período, Friedan conclui que o “problema sem nome” está intrínseco à identidade, pois a cultura não permitia ou reconhecia a necessidade das mulheres de alcançarem outras esferas da vida, restringindo suas perspectivas ao lar (FRIEDAN, 1971).

Portanto, quando se observa a Fotografia 22 (Figura 25), é possível associarmos as constatações da autora supracitada no que tange à utilização dos meios de comunicação no endossamento do consumo. Mas aqui neste recorte científico, onde o suporte de nossas fontes é uma revista institucional, podemos apontar outro tipo de consumo, aquele anterior ao consumo

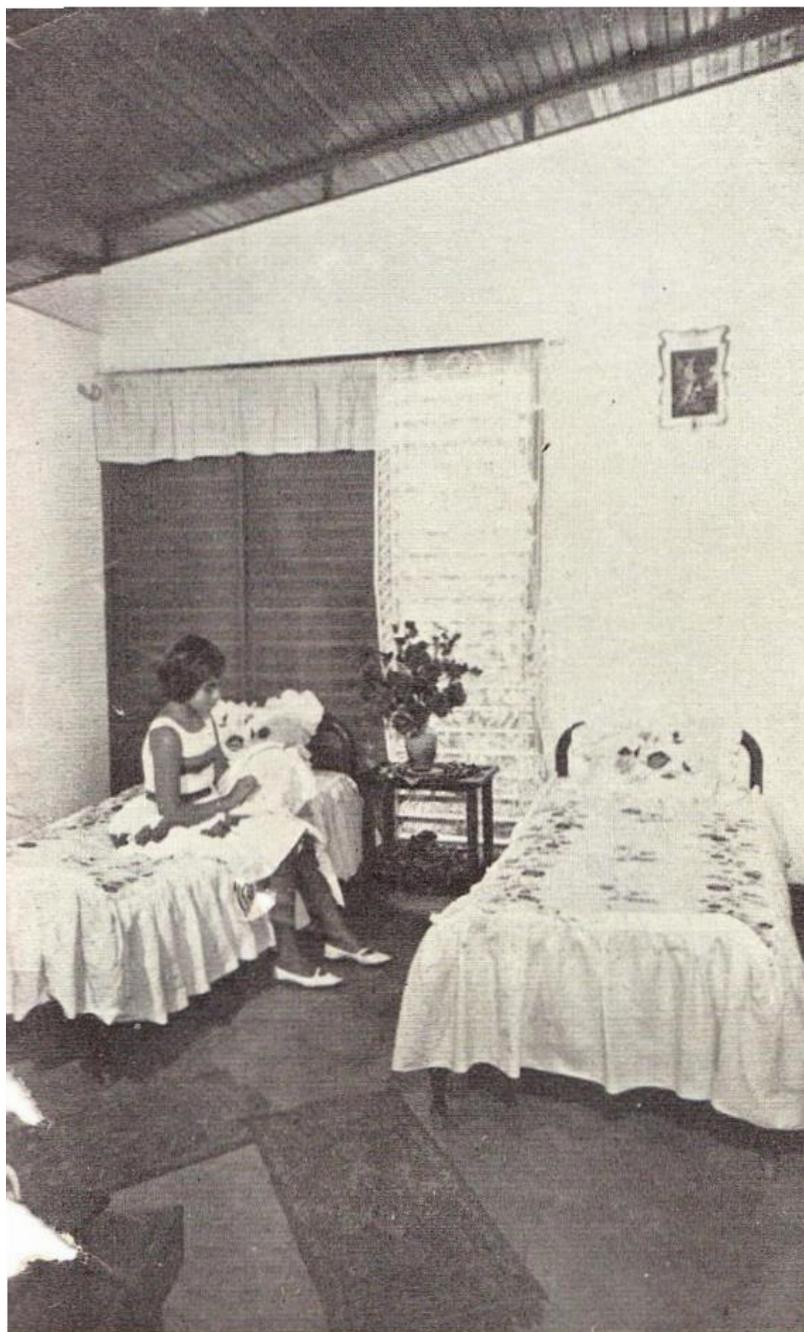
material, o da representação através das fotografias, pois a partir dessa se estabelece a assimilação do que deve ser desejado e consumido pela mulher para o seu reconhecimento social e de si própria, advindo de um grupo social detentor dos meios de comunicação.

Além da manipulação das ideias e representações, a efetividade do controle da mineradora sobre a vida de seus funcionários e familiares se dava ainda mais no corpo a corpo, passando por diversos meios de controle e de certa forma, intimidação social, como aponta Sousa: “as casas eram visitadas por fiscais sanitários da empresa, ocasião em que se avaliava a conservação e manutenção do patrimônio. Comportamentos desviantes da norma institucional no cotidiano das vilas poderiam levar à demissão do trabalhador ou da trabalhadora” (SOUSA, 2018, p. 70).

Depois da cozinha, adentramos em outro espaço doméstico atribuído às mulheres pelo editorial da *ICOMI-Notícias*, que dedica uma página para dar visibilidade aos seus interesses e valores de cuidado e bem-estar nas Vilas.

Ocupando o topo esquerdo da página, no sentido vertical, esta fotografia (Figura 26) é a primeira da sequência de três fotos temáticas. O enquadramento nos dá uma visão ampla do ambiente, do chão ao teto, dos tapetes às cortinas da janela. A distância tomada pelo fotógrafo garantiu a captura de todos os elementos fundamentais para ilustrar a organização do quarto, os tapetes alinhados, as duas camas de solteiro com colchas estampadas e arrumadas, a mesinha entre elas com o vaso de flores, a cortina da janela. E no meio disso, na cama esquerda, vemos uma mulher que, pelo enquadramento, parece bem pequena frente ao tamanho e quantidade de elementos que compõem o espaço. Ela está sentada na cama esquerda, com vestido até os joelhos e sapato branco, segura um bastidor de bordado e o faz para o momento do registro.

Figura 26 – Fotografia 23



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 5, p. 29, maio 1964

Mesmo na foto em preto e branco e tons de cinza, enxergamos uma harmonia, uma combinação bem feita com a geometrização da cena, que deu a esta mulher a premiação da ICOMI. Contudo, o que se sobressai nesta análise é a representação da mulher como mantenedora do lar, onde todas as suas atividades têm um fim na sua manutenção, inclusive o bordado. Junto a

isso, há um sentimento que também se faz presente na cena: o de isolamento, pois entre tapetes e cortinas esta mulher está só, mas orgulhosa de seus feitos domésticos, segundo o editorial icomiano. Friedan (1971) aponta isso como mais um mecanismo de indução ao consumo

Os decoradores planejavam cozinhas com murais de mosaico e quadros originais, pois a cozinha transformara-se no centro da vida feminina. Costurar em casa tornou-se uma indústria milionária. A maioria das mulheres só saía para fazer compras, levar as crianças de um local para outro, ou comparecer a compromissos sociais com o marido (FRIEDAN, 1971, p. 19).

Como uma empresa de mineração, a ICOMI não tinha interesse em gerar uma cultura de consumo de bens domésticos ou ligados ao universo feminino no Amapá, pelo menos não a princípio. Portanto, as matérias e imagens fotográficas da revista intentavam informar e educar seus funcionários e familiares. De modo que a veiculação das representações femininas, a seu modo, tinha o objetivo de influenciar um tipo de consumo, o das ideias, onde se buscou influenciar as mulheres a partir de representações da época, sendo a dona de casa dedicada uma delas.

Quando Nunes (2018) cita Barbosa (2002) no seu estudo sobre a representação das mulheres na Revista *ICOMI-Notícias*, tendo como recorte espacial a Vila de Serra do Navio, disserta sobre como os princípios capitalistas difundidos pela ICOMI, através dos seus meios de comunicação, se impregnaram entre todos os trabalhadores:

[...] identificaram-se os trabalhadores como estando totalmente submetidos aos princípios ideológicos da companhia; por outras palavras, construiu-se uma ideia sobre a imobilidade dos trabalhadores de Serra do Navio a partir de um conjunto de fontes que tinham como principal objetivo homogeneizar e interiorizar no imaginário de seus empregados valores positivos atrelados à nova ideologia do trabalho em escala industrial utilizada pela mesma nas atividades de mineração em Serra do Navio, pois as revistas eram antes de qualquer coisa um instrumento de propaganda e autopropaganda por parte da companhia que formulava os temas, os conteúdos e até as ilustrações das reportagens de acordo com seus principais interesses ideológicos no contexto da década de 1960 (NUNES, 2018, p. 19).

Entre os empreendimentos de homogeneização e interiorização dos valores capitalistas, o progresso é base fundamental do discurso, e dentre as várias problemáticas políticas, econômicas e sociais, a de gênero se mostra tão profunda quanto. Sousa (2018), em sua dissertação sobre as experiências femininas no Projeto ICOMI, é incisivo em argumentar sobre a noção de progresso, difundida pela ICOMI, ser machista, pois os atores desse processo eram os homens e se encontravam centralizados nos discursos representativos (SOUSA, 2018).

Podemos observar que até em momentos onde o objetivo era pôr a figura feminina em foco, os homens ocupavam a cena de forma desproporcional e a tentativa de reconhecimento daquela estava sujeita ao preenchimento dos requisitos estipulados pela mineradora, tentando incentivar hábitos espelhados nos padrões modernistas do gerenciamento e cuidado de seus lares.

A análise da Fotografia 24 (Figura 27) só foi possível pela dupla foto e legenda. Como supracitado, a legenda não pode ser dissociada da fonte iconográfica. Isso se dá, para além da descrição da ação e a nomeação das pessoas, mas a forma como a descrição é feita e o discurso transmitido através dela, são muitas vezes imperceptíveis no primeiro momento.

O registro a seguir nos apresenta três pessoas: dois homens trajados de roupas sociais (à direita) e uma mulher de vestido, acessórios e penteado (à esquerda), fotografados no momento da entrega de premiação. Todos estão de lado, já a posição e ângulo tomado pelo fotógrafo é distante e bem de frente. Os dois homens ocupam grande parte da cena, enquanto a mulher, tanto por seu tamanho quanto pelo enquadramento da foto, parece menor.

Ela recebe uma máquina do homem a sua frente, esboça contentamento ao estender as mãos para pegar o objeto, e foi registrada de olhos fechados e com um sorriso tímido. Se separarmos a fotografia da legenda, a leitura possível é de que ambas as figuras masculinas estão a presenteá-la. Contudo, a legenda nos esclarece e nomeia as pessoas presentes: “[...] Embaixo, o Sr. Manuel Rico entrega ao casal Raimundo e Pedrina Lino uma máquina de costura elétrica, prêmio por ter sido sua residência a colocada em primeiro lugar”.

A representação feliz da mulher dona de casa ao receber um produto de utilidade benéfica para sua família contempla a perspectiva dessa mulher dedicada, apoiadora e cuidadora de seu lar. O reconhecimento social que a ICOMI lhe concede é palpável pelas pessoas moradoras das vilas e demais sedes através desta fotografia. Com isso, a noção de pertencimento ao grupo, objetivado na construção da revista institucional, é atingido e, ao mesmo tempo, serve de exemplo aos demais, em especial, às mulheres.

Figura 27 – Fotografia 24



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 15, p. 5, março 1965

Apesar de esta estar recebendo o prêmio, a nomeação vai para o casal. De certa forma, tal fato delega às mulheres um papel secundário, da porta para dentro da casa, sendo o esteio do lar e a pessoa responsável pelo seu gerenciamento e todo cuidado dos braços do progresso (os homens) e do seu futuro. Pois já não apenas cuida do marido, mas também é encarregada da educação escolar e social das crianças.

Nisso, de modo a transparecer a melhor representação da dona de casa ideal, temos adiante a Fotografia 25 (Figura 28). Na vertical, no canto superior direito da página, ao lado do título da Seção *Femina*, vemos uma mulher sorrindo, capturada pela câmera quase de olhos fechados, que segura uma colher de madeira com a mão direita enquanto mexe uma panela de alumínio à sua frente. Possui cabelos curtos e veste uma blusa estampada e um avental. No segundo plano, no canto esquerdo da foto, vemos uma pequena criança, que parece sorrir e olhar para o momento do registro. Acima dela há uma pequena cesta de frutas e uma boneca de pano

negra, com lenço no cabelo e vestido estampado longo. A legenda descreve: “A senhora Cléa Genu, que nos ensina nesta página como preparar a ‘maniçoba’, na cozinha de sua residência”.

Figura 28 – Fotografia 25



A senhora Cléa Genu, que nos ensina nesta página como preparar a “maniçoba”, na cozinha de sua residência.

Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 3, p. 17, março 1964

Atentemo-nos ao enquadramento tomado desta vez, diferente das fotografias anteriores, onde se tem uma visão mais panorâmica do ambiente. A princípio, nesta é dado enfoque à Dona Cléa e sua panela de maniçoba. O dimensionamento direcionado a ela, contudo, não lhe concede a posição total de elemento principal, já que a escolha do ângulo, na altura da panela e da criança no segundo plano, aparenta privilegiar esses e mais a ação de cozinhar do que quem cozinha.

Tanto que abaixo desta, sob o título “COZINHA DE ICOMI Notícias *apresenta MANIÇOBA*”, o texto que segue descreve a receita de Sra. Cléa Nazaré Silveira Genu, a colaboradora da vez nesta seção. Os demais textos da coluna ao lado (esquerdo) dão dicas rigorosas sobre beleza e cuidados com utensílios domésticos.

O sorriso esboçado no ato de mexer a panela e da criança que encara a câmera expressam a satisfação da ação. Algo que Friedan (1971) – a representação da mulher feliz e a ideia de completude ao realizar afazeres do lar - afirma ser um sentimento reforçado para abafar as insurreições iniciadas na década de 60, “[...] dizendo-se à dona de casa que ela devia compreender o quanto era feliz: dona de si mesma, sem horários, sem competição. Caso contrário, acharia que os homens podem ser felizes neste mundo? Desejaria secretamente ser homem? Ignoraria o quanto vale ser mulher?” (FRIEDAN, 1971, p. 24).

Novamente temos a mulher da ICOMI junto aos objetos sugeridos como indispensáveis ao seu cotidiano, não à toa se fazem presente em várias fotografias junto a elas. Agora, há outro elemento adicionado à cena, a prole, sendo um dos referencias que vêm a compor a vida da mulher e tido erroneamente como fundamental para sua existência plena (BADINTER, 1985). Nesse cenário, além de responsável pelo lar, a mulher é a cuidadora e educadora, moldando as/os menores nos padrões preconcebidos.

3.3 A MULHER MÃE

Ocupando toda a página, deixando apenas o “pé” para o texto escrito, a Fotografia 26 (Figura 29) abre grandiosamente a seção *Vida na ICOMI*. Uma mulher curva-se olhando para algo na mão do bebê no seu colo, e este, por sua vez, nesse ângulo, cobre parte do rosto de sua mãe com a cabeça. A mulher parece falar algo, mesmo que não ouçamos, mas sua mão direita possui uma configuração de indicação, ao mesmo tempo em que segura uma pequena bolsa, com certa elegância.

Figura 29 – Fotografia 26



Fonte: *ICOMI-Notícias*, *Vida na ICOMI*, n. 35, p. 9, maio/junho 1967

Mesmo que o fotógrafo tenha focado naquela, é possível vermos que ao fundo há outras mulheres, e no canto superior à esquerda vemos outra mulher, com sua mão esquerda apoiada num pequeno ombro. Já no canto direito, vemos um cotovelo no alto, segurando um bebê, do qual vemos apenas a perninha.

O texto/legenda abaixo vem seguido do título da seção, no sentido horizontal, pois já não lhe sobrou muito espaço. Relata a importância do dia das mães para a ICOMI, mas especialmente para *ICOMI-Notícias*, já que as comemorações nas Vilas seriam de responsabilidade da revista, com direito a patrocínio. Ainda indica onde há mais detalhes sobre a festa (página 13 desta edição), que tem cinema para as mães e suas crias, distribuição de prêmios e atrações realizadas pelos seus filhos.

Com o ângulo de cima para baixo e o *flash* sobre a cena, o fotógrafo conseguiu registrar o momento exato do cuidado: a mãe atenta, que conduz e ensina o seu bebê sobre determinada ação a ser tomada. Com o intuito de homenagear as mães no seu dia com a representação mais doce e afetuosa que se pode ter, a fotografia sensibiliza e toca a esfera sentimental, desencadeando padrões de representações (LEITE, 2000).

A ideia do amor materno, segundo Badinter (1985) e Friedan (1971), foi difundida a partir do pós-segunda guerra e ganhou força com a imprensa embasada nas teorias freudianas no que tange à passividade feminina e à distinção de papéis (BADINTER, 1985). Além da imprensa, outros agentes são apontados por Badinter como responsáveis pelo processo de construção da “religião mãe” (BADINTER, 1985, p. 237), onde intelectuais e professores universitários foram condicionantes das concepções de mulheres como donas do lar e mães dedicadas.

Nesse sentido, ao considerar os valores capitalistas difundidos pela mineradora e sócios (em parte norte-americanos), estes são perceptíveis tanto nos discursos ditos e escritos quanto nos não ditos, como no caso da fotografia. Quando o corpo editorial da revista se dedica na realização de uma festa e sua cobertura para produção de matérias para o periódico, valoriza socialmente o papel desempenhado por essas mulheres, uma prática de indução e conformação (BADINTER, 1985). Mesmo o grupo de mulheres que não estão como mães, são apresentadas na esfera estendida do lar e do cuidado, como professoras e enfermeiras. Sendo da alçada feminina a garantia da saúde e da educação, dentro e fora do lar. Algo que podemos observar na Fotografia 10, na qual uma mulher acompanha sua prole e a “repassa” aos cuidados de outra mulher.

No sentido horizontal, a fotografia 27 (Figura 30) ocupa todo o topo da página, da esquerda à direita, e tem o nome da seção impresso em cima (canto esquerdo). Em três planos, temos três grupos de elementos, três pessoas no centro da fotografia, duas no segundo plano (no gramado) e as demais enfileiradas mais ao fundo (terceiro plano). Começemos com o terceiro grupo: ao que podemos aferir, há 30 pessoas presentes na área externa da escola, e na ala coberta, uma grande fileira de crianças observa a cena no gramado, onde dois jovens e uma criança – o segundo grupo – estão posicionados diante da bandeira que está sendo preparada para hasteamento.

Figura 30 – Fotografia 27



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 4, *Femina*, p. 23, [s. d.]

A frente desses dois grupos, centralizadas e no primeiro plano, vemos uma mulher de mãos dadas com duas crianças, uma à esquerda e outra à direita. Pelo ângulo tomado pelo fotógrafo, que as registrou na diagonal, temos maior visibilidade da mulher e da criança à sua esquerda; esta última está devidamente uniformizada, de sapato e meias brancas, segura uma

grande pasta e usa faixa na cabeça. Ambas possuem o mesmo penteado, com o corte de cabelo semelhante, e são mãe e filha (conforme a legenda). Contrastando com o tom claro do uniforme, a mãe, dona Sada Hage, usa um vestido escuro, de corte reto, com mangas até o cotovelo e comprimento abaixo do joelho.

Capturadas durante a caminhada em frente às demais crianças da escola, apresentam certa seriedade em seus corpos e expressões, não se pode definir se pelo público que as observa ou pela presença do fotógrafo ou ambos. Um ar de compromisso toma conta da cena, expresso principalmente por Dona Sada, com postura reta e olhos intransigentes, direcionados para sua frente, transmitindo o peso da sua responsabilidade em guiar suas crianças pelo caminho. Não à toa, esta foi a representação escolhida para encabeçar a temática da seção *Femina* de abril de 1964, com o título “Mamãe também vai à escola” (*ICOMI-Notícias*, p. 23, 1964).

A legenda, além destacar Dona Sada Hage, moradora da Vila Amazonas, reforça a ação representada: “[...] acompanha sempre seus filhos à escola”. O que destoava do discurso apresentado seguido da fotografia ao se direcionar à educação das crianças e informar sobre a necessidade do pai (no masculino e singular) em participar das reuniões escolares. De forma implícita no texto escrito, mas nítida na fotografia, incumbia-se à mulher mãe “acompanhar sempre” a educação de sua prole.

Sob a responsabilidade de educar, cuidar e formar os menores, habituando-os às normas e valores disseminados socialmente, as mulheres nos seus papéis estabelecidos – de mãe, esposa, professora ou enfermeira – carregavam uma função cívica para o desenvolvimento do Amapá e da mineradora. Nisso, a representação de Dona Sada segurando as mãos das crianças (representando o futuro) e seu corpo mais a frente destas, puxando-as e guiando-as ao mesmo tempo, como motor e exemplo.

Conceito que Margareth Rago (2000) desenvolve e descreve como a “mãe cívica”, sob a ideia de que pertence às mulheres a tarefa de moldar o futuro cidadão, coadjuvando e instruindo-o quanto aos princípios cívicos, tornando-se personagem determinante no futuro da pátria.

A educação tem um papel crucial na difusão das ideias de civismo e disciplinarização. Como exemplo, podemos observar dois elementos que corroboram para tal: a organização em fila das crianças e (para) o ato de hasteamento da bandeira, expressa ordem e amor à pátria. E no centro disso, a “família” como base fundamental de tais valores, sem a necessidade da presença

do pai, pois as entrelinhas justificam sua ausência com a presença no trabalho e garantia do sustento do lar. Funções bem delimitadas na perspectiva da *ICOMI-Notícias*, pois constantemente “reforçava os papéis de gênero socialmente construídos: os homens dotados de força e racionalidade cuidavam do desenvolvimento econômico e as mulheres como seres atenciosos ficavam responsáveis por educar e cuidar das pessoas” (SOUSA, 2018, p. 60).

Alinhados a tais concepções de progresso, civismo, disciplinarização e generificação dos papéis sociais para o coletivo, a religião possui seu peso, principalmente em se tratando do catolicismo. Dogmas religiosos sempre foram utilizados como ferramenta para disseminação de discursos conservadores, onde as mulheres são um dos principais alvos quando se trata de regulação e cerceamento de corpos (BADINTER, 1985).

Podemos observar a representação construída da mulher-mãe-religiosa na última fotografia da fotorreportagem da edição 31, na qual dedicaram cinco páginas (com 11 fotografias ao longo delas) para homenagear a família “icomiana” Sarges, composta por seis pessoas, sendo apenas duas mulheres: Dona Isabel Sarges e sua filha Marlene, de 9 anos.

A matéria nos apresenta as oportunidades únicas que a ICOMI proporciona a uma família amapaense – moradia, emprego e educação –, exaltando as facilidades e a boa infraestrutura das Vilas operárias, que lhes deu “sentido para a vida” (*ICOMI-Notícias*, p. 25, 1966).

A partir desses apontamentos, a Fotografia 28 (Figura 31), que selecionamos, ocupa todo o lado direito da página, do topo ao pé. Com um enquadramento panorâmico vertical, temos uma perspectiva alinhada dos elementos que a compõem, distribuídos em dois planos, não apenas por discernimento do que está mais à frente em relação ao que está mais ao fundo, mas em se tratando de um altar e posição passiva das duas pessoas, temos os dois planos bem definidos.

Começamos pelo que está próximo ao fotógrafo: na sua posição este registrou as costas de Dona Isabel e Marlene, ambas ajoelhadas nas escadas, eretas e com as cabeças direcionadas ao alta à sua frente. Em blusas e saias e corte de cabelo semelhante, uma ao lado da outra, se percebe a influência da mãe na vestimenta e forma de se portar.

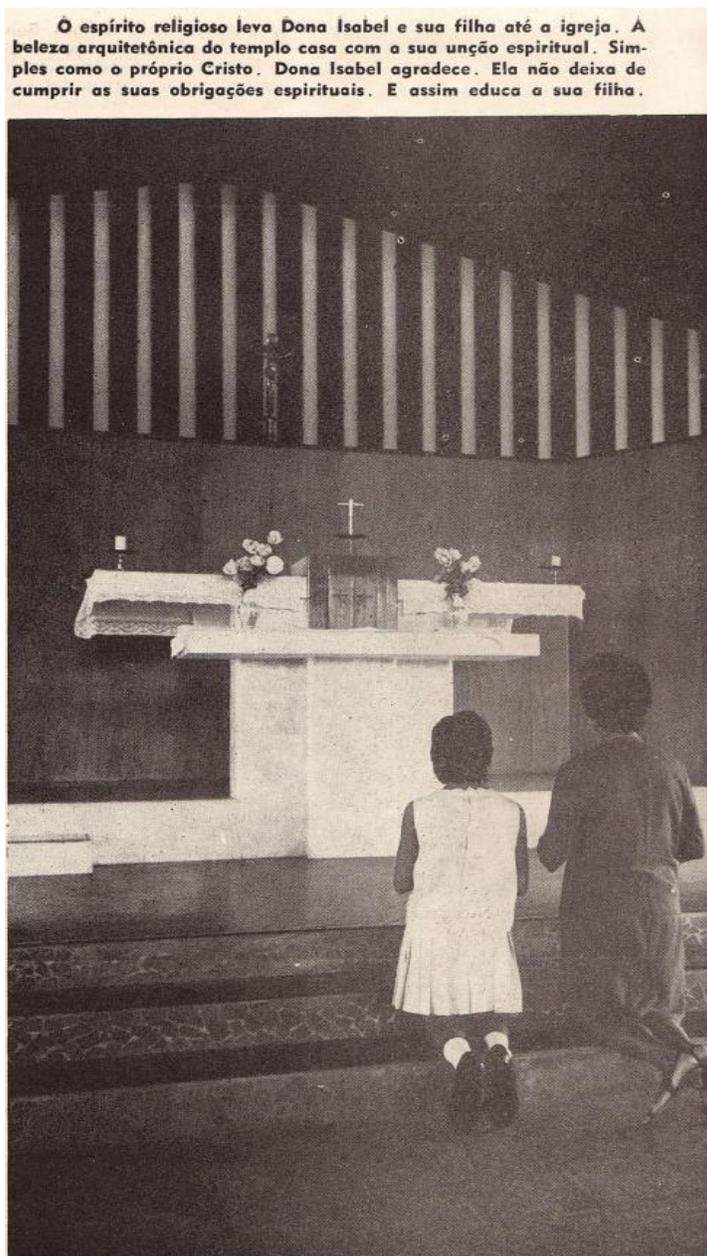
Todavia, consideremos a interferência do fotógrafo no registro, afinal trata-se de uma matéria extensa sobre as benfeitorias da mineradora na vida dessas pessoas. A materialidade da fé, constatada pela grandiosidade do altar e do cristo pendurado ao alto é imponente, o que as deixa pequenas diante de toda a estrutura.

Portanto, o que vemos é a construção da representação de uma mulher devota e de certa forma santificada, temente a Deus, pois encontra tempo para ir à igreja, ao passo que realiza a iniciação de sua menina, como uma mãe exemplar. Assim como na fotografia, onde vemos apenas as duas, o texto escrito também não menciona a presença dos demais filhos, de modo a induzir que apenas à filha importa os ensinamentos cristãos.

Novamente se vê a figura feminina entre paredes, que mais as definem do que o contrário, de modo que nos faz refletir sobre como as concepções de casamento e maternidade se encontram e convergem – também – dentro da igreja. Ainda mais quando consideramos a comparação atemporal da mulher/mãe/esposa ideal, com Maria, o que Badinter (1985) salienta ser uma forma de tornar gratificante o papel de mãe,

[...] pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado à religião (evoca-se freqüentemente a "vocaçãõ" ou o "sacrifício" materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno (BADINTER, 1985, p. 160).

Figura 31 – Fotografia 28



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 31, p. 29, agosto/setembro 1966.

A gratificação de ser mãe assume um caráter divino nos exemplos representados nas fotografias, que somados aos demais ideais de progresso por meio da modernização, patriotismo e família conjecturam e reforçam a imagem que a ICOMI deseja - e fiscaliza para isso – enxergar nas pessoas que servem a mineradora.

As séries de fotografias de mães sendo premiadas como reconhecimento por sua nobre função estão presentes em todas as edições, algumas em maior número, mas o modo de registro é

o mesmo. Pois trata-se da concessão, por meio da ICOMI e do seu alto escalão, o título/prêmio do que ela estabeleceu como ideal a ser atingido. Algo que os registros fotograficos estampam para apresentar ao público trabalho da empresa em “despertar” e reconhecer quem conseguiu

Porém, o momento de tais registros nem sempre estamparam as reações padrões que se tem nessas ocasiões. A fotografia 29 (Figura 32), última de um conjunto de fotografias pertencentes a matéria sobre o dia das mães icomianas, está localizada no topo da página seguinte, no canto direito, onde se dá continuidade à temática. Contudo, esta está ali, mesmo que pequena, possui algo também pequena, mas que nos chama atenção.

Figura 32 – Fotografia 29



Fonte: *ICOMI-Notícias*, n. 6, p. 5, junho 1964

Na vertical e em preto de branco, se vê duas mulheres em contraste, da direita para esquerda, a primeira mulher – identificada como Edna Seara – está gentilmente inclinada, em um

vestido estampado e cabelo bem penteado, sorri ao passo que entrega um presente (que aparentam serem dois potes) à segunda mulher – identificada como Coleta Guiomar dos Santos. Por sua vez, está última veste um conjunto simples de calça e blusa, em tom claro, não é possível definir a forma como está seu cabelo.

O que se sobressai na cena é a postura e expressão séria da Senhora Coleta Guiomar, seu olhar sério direcionado a Senhora Edna e a ausência de sorrisos ou de uma expressão mais afável destoa das muitas fotografias de premiações de mães. Ainda mais pelo motivo deste reconhecimento, afinal foi eleita a “mãe mais prolífera de Serra”.

Prolífera, define-se: “Que se multiplica; que faz prole; fecundante; prolífico.” (PROLÍFERA, 2020). A representação desta mãe de muitos filhos, sendo fotografada, premiada e aclamada socialmente por parir e exercer a maternidade no dia que Ihe é dedicado, se equipara a forma que o mesmo corpo editorial dá reconhecimento ao dia do trabalhador para os funcionários homens.

Porém, a expressão corporal e facial da Senhora Coleta não corresponde de forma exemplar, como o padrão dos registros de premiações. Mesmo destoando, ainda assim está fotografia foi selecionada para estar com as demais, mesmo que em menor tamanho, pois aquela é a mulher que contribuiu para o desenvolvimento desta terra ao seu modo, gerando mais filhos. Que, por consequência, poderiam a vir serem os novos braços progresso.

Considerando todos os esses apontamentos, objetivamos apresentar, descrever e analisar as representações de mulheres na/para a ICOMI-Notícias por meio das fotografias, onde apesar de não ser direcionada exclusivamente para o público feminino, verificou-se certa preocupação em transpor ideais, valores e representações de ser mulher bela, boa dona de casa e mãe dedicada.

Por fim, objetivamos apresentar, descrever e analisar as representações de mulheres na/para a *ICOMI-Notícias*, por meio das fotografias. Apesar de não ser uma revista direcionada exclusivamente para o público feminino, verificou-se certa preocupação em transpor ideais, valores e representações do que é ser mulher bela, boa dona de casa e mãe dedicada.

Todo o processo de catalogação e análise das fontes corroboraram para o entendimento de que as construções das representações alinham-se aos objetivos do Projeto ICOMI como todo: a beleza feminina associada e utilizada como propaganda do bem-estar social dentro das Vilas operárias através de diferentes concursos; as donas de casas que parecem perfeitas e felizes no

cuidado do lar cedido pela ICOMI; e as mães premiadas por assumirem o árduo compromisso com a educação da prole e o cuidado da família.

O que não está deslocado do contexto histórico temporal da revista, pois durante os anos 1950 o modelo ideal de uma bela mulher ainda era associado a virtudes relacionadas aos papéis esperados a serem por ela desempenhados: de esposa dedicada, mãe amorosa e cuidadora, dona de casa prezada e eficiente. Mas quando nos debruçamos sob as edições da *ICOMI-Notícias*, é possível ligar tais concepções à ideia de modernização que se almejava para a consolidação efetiva do Projeto ICOMI.

Por meio da educação do olhar e do reconhecimento que se oferecia através das publicações da Revista, a ICOMI buscou incentivar um novo modelo de vivência e família na região, onde eram descartadas as práticas sociais anteriores à inserção da mineração no Amapá, quando, mesmo com papéis sociais predefinidos, mulheres e homens das localidades mais interioranas viviam de uma forma particular e num tempo diferente do da grande produção e exploração capitalista.

A partir disso, as representações que discorremos, incubem a mulher ensinar seus filhos a serem bons cidadãos e futuros trabalhadores disciplinados. Elas deveriam dar sustentação afetiva aos seus maridos e também recaía sobre elas o dever de manter o patrimônio da ICOMI em bom estado de conservação.

Assim, a mulher bela, a mulher dona de casa e a mulher mãe representam, respectivamente, aquela que deve ser vista, aquela que desempenha um papel servil e aquela que assume responsabilidades de cuidado, seja com o marido, com as crianças ou com o patrimônio físico da mineradora.

Ao nos referirmos previamente à função educativa da Revista *Icomi-Notícias*, estamos aludindo ao conjunto de ideais modernizadores disseminados pela mineradora, os quais foram destacados ao longo desta pesquisa. Nesse sentido, todos os elementos que contribuíram para a solidificação do projeto, como as *Company towns*, como vilas artificiais, as ações sociais e a própria ICOMI-Notícias, se combinam e respaldam a (re)produção de uma imagem a ser adotada como um exemplo bem-sucedido do que é necessário para integrar esse novo modelo de vida na Amazônia em desenvolvimento.

Portanto, a estratégia educativa do olhar direcionada às mulheres, a partir das nossas análises, é um elemento que compõe o grupo de estratégias do projeto de progresso. A veiculação de uma revista em alta qualidade, acessível e quase que de exclusiva circulação interna, é uma comunicação clara e direcionada a exemplificar comportamentos tidos como referenciais para a ideia do que é ser a mulher na sociedade e, mais especificamente, na ICOMI.

De fato, a divulgação de imagens em meios midiáticos, como a *Revista ICOMI-Notícias*, era escassa no Amapá durante as décadas de 1960 e 1970, o que de certo modo exercia influência sobre as pessoas com acesso a ela. Entretanto, não podemos afirmar que as representações mencionadas foram integralmente absorvidas e reproduzidas apenas por meio do contato com as fotografias, uma vez que as experiências individuais dessas mulheres, vivenciadas na concretude da realidade, são uma resultante de diversos aspectos sociais compartilhados.

As fotografias fazem parte dessa concretude, logo possuem sua parcela, tanto que para dimensionar a importância da revista como instrumento pedagógico da mineradora, no acervo do CEMEDARHQ há um compilado de todas as edições da *ICOMI-Notícias*, reunidas num grande volume, encadernado com capa dura, impressão de alta qualidade em *off-set* brilhoso, detalhes coloridos (Anexos 1 e 2).

Nesse sentido, tornou-se necessária a fixação dos papéis de gênero a serem desempenhados por cada indivíduo nessa empreitada capitalista, em especial a delimitação da função das mulheres, para a garantia da manutenção deste sistema. Pois o trabalho não remunerado dessas mulheres, admitido através da assimilação de representações tidas como “naturais” ao feminino, é uma das bases que sustentam e possibilitam o desenvolvimento de Projetos como o da ICOMI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos compreender as representações imagéticas, através das fotografias que foram produzidas acerca e sobre as mulheres que, de variadas formas, participaram do projeto de mineração industrial da Indústria Comércio de Minérios – ICOMI, na década de 1960. A pesquisa evidenciou a forma com a qual essas mulheres foram fotografadas e os intuítos velados ou não por trás dessas fotografias publicadas no periódico *ICOMI-Notícias*.

As representações (re)produzidas pela revista se mostraram fundamentais como forma de consolidação e manutenção do Projeto ICOMI, primeiro por apresentar o modelo de família nuclear, onde a definição dos papéis a partir do gênero determina sua função social, e a constante afirmação de tais papéis, através da educação do olhar pelas fotografias, que intentam influenciar as mulheres a ocuparem um lugar na manutenção da vida dos “braços do progresso” (os homens), ao cuidar de seu lar e de seus filhos. Torna-se assim o esteio desse processo, onde atividades não remuneradas ganhavam reconhecimento social local por meio de premiações e fotografias (que mesmo assim muitas vezes não a identificava).

Diante do exposto, o fato de existir uma seção dedicada às mulheres (Femina) e outras matérias sobre mulheres nessas representações: mulher bela, mãe e dona de casa, fortalece a hipótese de que a apresentação de tais representações era necessária na formulação desta mulher icomiana. A Femina representa essa mulher moderna que estava sendo inserida no Amapá através do Projeto Icomi. Sai o roçado e entram o cuidado com a pele e os cabelos e desfiles de miss, saem as habitações nas beiras dos rios e entram as casas de alvenaria projetadas por um renomado arquiteto.

Porém sabemos que esse progresso e modernização em nada se espalharam para o restante do estado, e ficaram restritos aos trabalhadores do projeto e suas famílias enquanto foi de interesse da empresa mantê-los assim. E mesmo que tenha sido alterado o cotidiano dessas mulheres, em nada foi alterado seu papel de submissão aos homens daquela sociedade, pelo contrário, essas representações só criavam uma nova forma de manter o antigo. As opressões de gênero continuavam como há muito eram para aquelas mulheres, só que agora possuíam o intuito de beneficiar a empreitada capitalista em meio à floresta.

As fotografias eram utilizadas justamente para espalhar essa ideologia através das imagens, do olhar, já que muitas dessas mulheres possuíam pouca ou nenhum conhecimento das letras. Com a circulação da revista nas vilas, em pouco tempo a obediência e cooperação com os bons costumes que estas mulheres prestavam resultava em uma premiação material: a sua imagem eternizada em uma revista.

Uma revista tal qual aquelas onde apareciam as grandes artistas do rádio, as estrelas do cinema e da televisão, os grandes figurões do poder nacional; e de repente, estava lá uma Dona Maria da Amazônia e sua casa ou sua família. Não queremos aqui afirmar que todas as mulheres e homens que participaram do Projeto Icomi agiram de forma exemplar como esperava a empresa, pois certamente não foi o caso, e pesquisas recentes começam a apontar isso, como, por exemplo, os trabalhos dos pesquisadores amapaenses Marlos Matos (2022), Elke Nunes (2018) e Romulo Sousa (2018), apenas para ficarmos em pesquisas mais recentes. Por compreender essas dinâmicas neste estudo buscamos trazer à tona as capacidades e intencionalidades que as representações veiculadas em meios de comunicação possuem de construir subjetividade nos sujeitos.

A possibilidade desta pesquisa se concretizou graças a essas pessoas que mantiveram guardadas essas revistas como troféus há mais de cinquenta anos, após o fim de sua circulação. E ostentam com orgulho o fato do seu aparecimento nas páginas já amareladas pelo tempo, pois o que para nós pesquisadores são fontes, conceitos e dados, para estes sujeitos é algo muito mais importante, pois estas fotografias representam suas histórias de vida.

Esta pesquisa representa um primeiro passo em busca de entender todas as representações que a ICOMI buscava reproduzir sobre seus funcionários na atuação de seu projeto no Amapá. Gostaríamos que o presente estudo permitisse que novos olhares sejam lançados e sobre novas fontes. Destacamos a atuação do Centro de Memória, Documentação Histórica e Arquivo/Unifap e seu papel fundamental de repatriar um acervo documental ainda inexplorado sobre o Projeto Icomi, e esperamos que possa, em um futuro próximo, ser trabalhado para o aprofundamento ainda maior do entendimento da história de nosso estado e de nosso povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à internet. Tradução de M. C. Dias 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BUITONI, Dulcília H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAIXETA, Rodrigo Fonseca. **Concursos de beleza e socialização feminina nos "anos dourados"**. Viçosa, Minas Gerais, 2015.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. **O Brasil Republicano**: O tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo: Segunda República (1930-1945). 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 2, p. 110.

CASTRO, Paloma; DE JESUS, Lúcio; DE SOUSA, Gisele. As publicações institucionais e seus atributos valorativos: o contexto didático-pedagógico de produção da Revista Laboratório “RP alternativo” da UFMA. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019. Belém. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-13. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. (Memória e Sociedade)

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 1, p. 1. 1990.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Maria Paula. O corpo feminino e a construção da beleza na revista Claudia (1961-1985). **Espaço Plural**, ano XI, n. 22, 2010.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Amazônia e desenvolvimento à luz das políticas governamentais: a experiência dos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 19, p. 196-206, 1992.

DAMASCENO, Nara; MARCIANO, Rafaela; MENEZES, Nayara. As representações sociais da maternidade e o mito do amor materno. **Perspectivas em psicologia**, Uberlândia, v. 25, n. 01, p. 199-224, 2021.

DE BRITO, Daniel Chaves. A SUDAM e a crise institucional do desenvolvimento na Amazônia (Paper 096). **Papers do NAEA**, v. 7, n. 1, p. 16, 1998.

DEL PRIORE, Mary (org.); PINSK, Carla Bassanesi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

DRUMMOND, José Augusto. Investimentos privados, impactos ambientais e qualidade de vida num empreendimento mineral amazônico: o caso da mina de manganês de Serra do Navio (Amapá). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 6, p. 767, 2000.

DRUMMOND, José Augusto; PEREIRA, Mariângela de Araújo Povoas. **O Amapá nos tempos do Manganês**: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.144-148.

FAURO, D. I.; SOUZA, M. L. A. **Uma herança perigosa?** Projeto ICOMI: o impacto na saúde e no meio ambiente causado pelos resíduos de arsênico e manganês. Rio de Janeiro: Coordenação do Curso Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da FIOCRUZ, 2008. p. 24.

FONTES, Adriana; SORJ, Bila. O *care* como regime estratificado: implicações de gênero e classe social *In*: GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena. **Cuidados e cuidadoras**: as várias faces do trabalho e do *care*. 1. ed. São Paulo: ATLAS, 2019. p. 103-116.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1971.

FGV - Fundação Getúlio Vargas. **Curso de Planejamento Regional**. Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Rio de Janeiro, 1955.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 09, p. 95, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEITE, Miriam Moreira. Imagem e educação. *In*: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM NA PEDAGOGIA, [s. n., s. d.], Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro: UFF, 1996.

LOBATO, Sidney da S. **A cidade dos trabalhadores: Insegurança Estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. 239 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LOBATO, Sidney da Silva. Federalização da Fronteira: A criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 7, n. 1, jan.-jun., p. 272-286, 2014.

LUCIANO, F. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 141-189.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na Revista do Globo (Rio Grande do Sul, década de 1930)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

MARQUES, I. C. R. **Território Federal e mineração de manganês: gênese do Estado do Amapá**. 2009, 286 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2009. p. 39.

MATOS, Marlos Vinícius Gama de. **Modernização e condições de labuta na Amazônia setentrional: força de trabalho, acidentes e doenças tropicais na gênese de um projeto de extração mineral no Amapá (1948-1956)**. 2022. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amapá, Macapá. 2022. p. 19-20

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. **Tempo**, Rio de Janeiro, 1996.

MEYRER, Marlise Regina. Paraíso tropical: natureza e identidade brasileira nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro. **História em Revista**, 2012.

MICHEL, Jerusa; MICHEL, Margareth. Revistas institucionais e as customizadas: a identidade e a marca na comunicação organizacional. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos [...]**, São Paulo: Intercom, 2011. p. 1-13. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/trabalhos.htm>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MONTEGRO, Rosiran. Mulheres e cuidado: responsabilização sobrecarga e adoecimento. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16. 2018. Vitória. **Anais eletrônicos. [...]**, Vitória: Enpess, 2018. p. 1-19. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. A ICOMI no Amapá: meio século de exploração mineral. **Novos cadernos NAEA**, v. 6, n. 2, p. 130, 2003.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. Mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional. **Novos Cadernos NAEA**, v. 8, n. 1, p. 144-145, jun. 2005.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Leitura da fotografia. **Revista Estudos Feministas (REF)**, Santa Catarina, n. especial – Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec, p. 130–141, 1994.

NUNES, Elke Daniela Rocha. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 2001.

NUNES, Elke Daniela Rocha. **O controle social exercido pela ICOMI como estratégia de usos e ação sobre o território no Amapá**, de 1960 a 1975/ Elke Daniela Rocha Nunes – Macapá: UNIFAP, 2014.

NUNES, Elke Daniela Rocha. **Mineração de manganês no Amapá**: Controle de trabalho e memória de trabalhadores na ICOMI, de 1960 a 1973. 2018. 327 f. Teses (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História – Unidade Acadêmica de pesquisa e pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2018.

OLIVEIRA, Bárbara. **Mulheres Cuidadoras**: percepção e mudanças pessoais relacionadas a cuidar. Orientador: Diana Maria Lago. 2015. 20 f. TCC – Bacharelada em Enfermagem, Faculdade de Ceilândia/ Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. Corpo, beleza e gênero. rupturas e continuidades na observação de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa. (1950-1990). *In*: Simpósio Nacional de História, 23., 2005, Londrina. **Anais eletrônicos [...]**, Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 01 fev. 2023.

PASSOS, Delaíde Silva. A Icomi e a exploração mineral no Território Federal do Amapá. *In*: Congresso Brasileiro de História e Economia, XII; e Conferência Internacional de História de Empresas, 13ª, 2017, [s. l.], **Anais [...]**, [s.l.], 2017. p. 01-05.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. **Os mineiros da floresta**: sociedade e trabalho em uma fronteira de mineração industrial amazônica (1943-1964). 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2011. p. 22.

PAZ, Adalberto. Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do caboclo-operário no início da mineração industrial amazônica. 1ª. ed. Belém: **Paka-Tatu**, 2014. v. 1. 242p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo. Contexto. 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTO, Jadson. Os Territórios Federais e sua evolução no Brasil. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente** v. III, n. 15, 1999.

PRADO, Maria Emília. Os intelectuais e a eterna busca pela modernização do Brasil: o significado do Projeto Nacional-desenvolvimentista das décadas de 1950-60. **História Actual Online**, n. 15, p. 19, 2008.

RIBEIRO, Benjamin Adiron. **Vila Serra do Navio**: comunidade urbana na selva amazônica. São Paulo: Pini, 1992. p. 43.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica (DABAT, C. R.; ÁVILA, M. B., Trans.). Nova Iorque: Columbia University Press.

SILVA, Maura Leal da. Integração, nacionalização e povoamento nas margens do território nacional. In: AMARAL, Alexandre *et al.* **Do lado de cá**: fragmentos de história do Amapá. Belém: Açai, 2011. p. 96.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, 1997.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Companhia das letras, 2004.

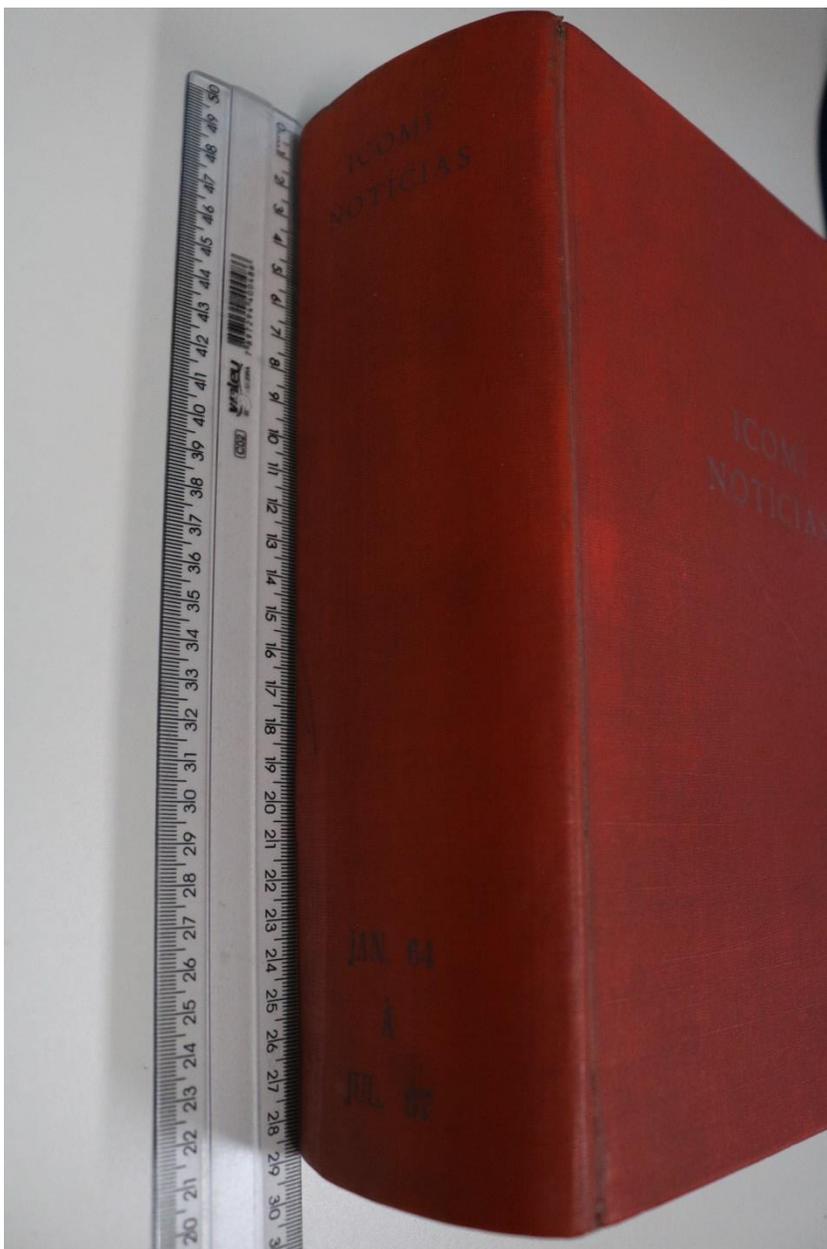
SOUSA, Rômulo Moraes de. **Experiências Femininas nos Mundos do Trabalho de Serra do Navio e Vila Amazonas/ Amapá** (1960-1985). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-graduação/Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e Representações Sociais: a Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora da UFPR', n. 34, p. 11-44, 2001.

ZAMPIER, Isabela Costa. **A Mulher de Claudia nos Anos 1960 e 2010**: Rupturas E Permanências. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Em Mídia E Cotidiano), Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

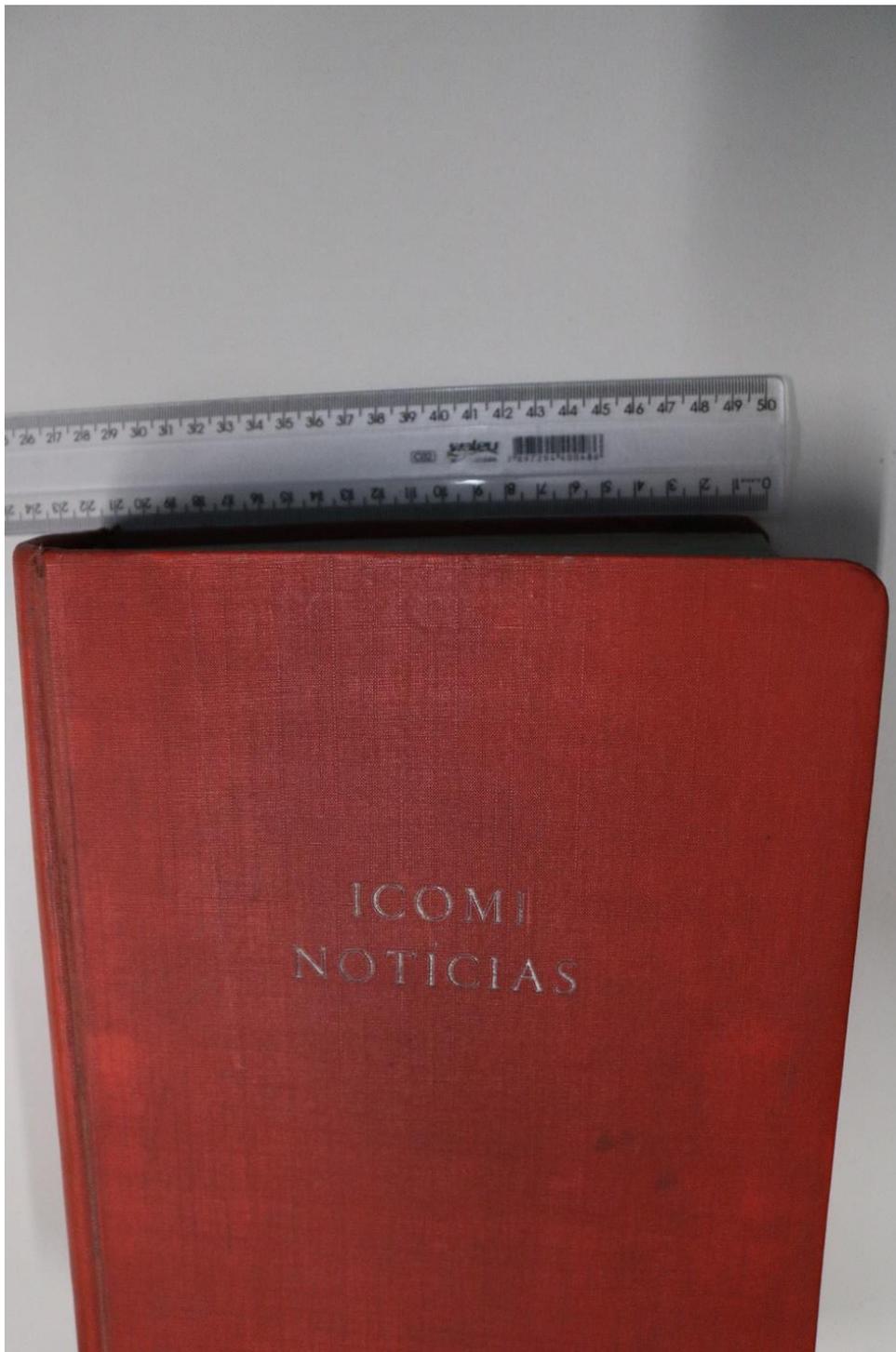
ANEXOS

ANEXO 1 – LIVRO COM TODAS AS EDIÇÕES DA REVISTA ICOMI-NOTÍCIAS



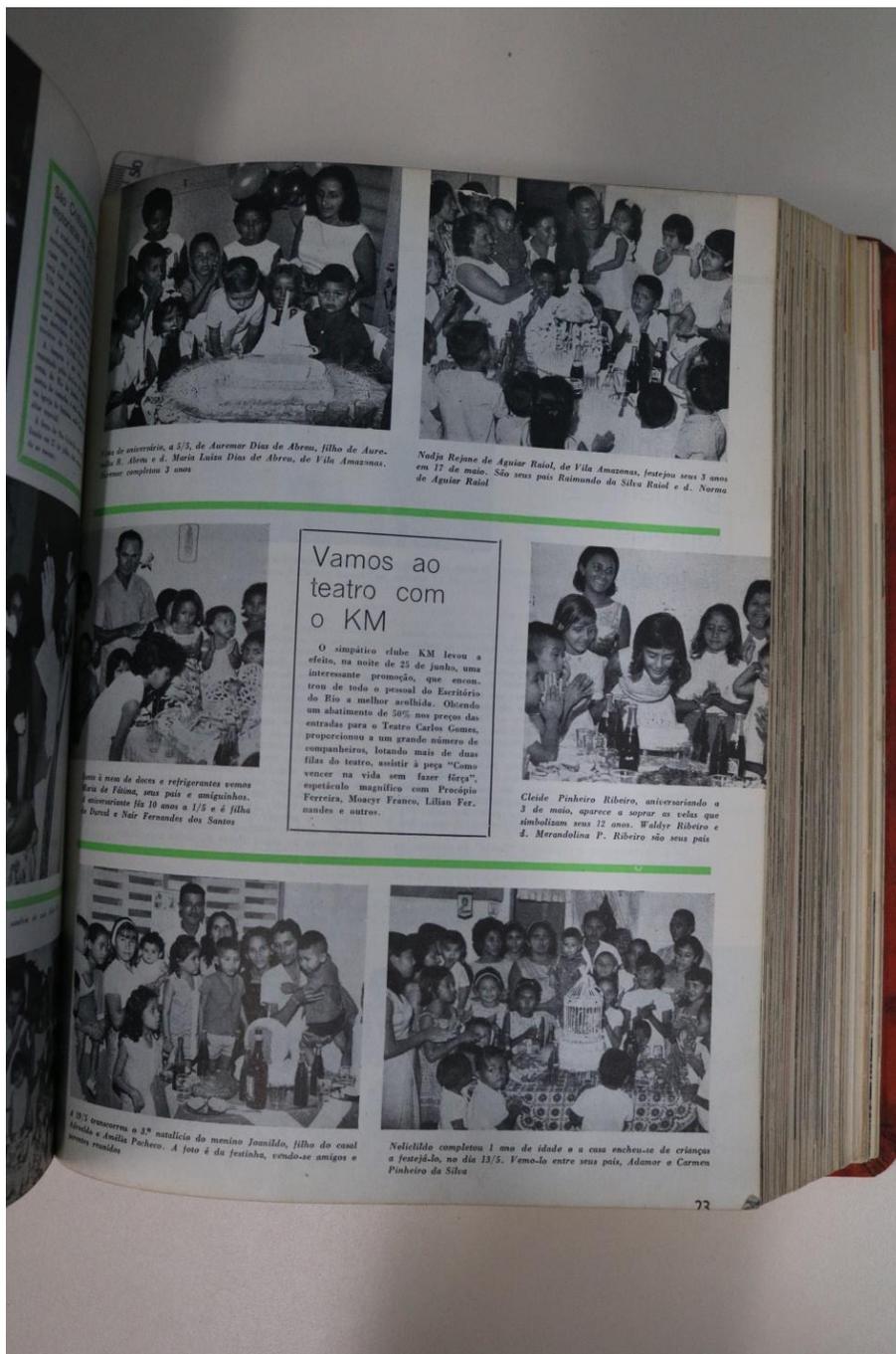
Fonte: Acervo do CEMEDHARQ UNIFAP

ANEXO 2 – LIVRO COM TODAS AS EDIÇÕES DA REVISTA ICOMI-NOTÍCIAS



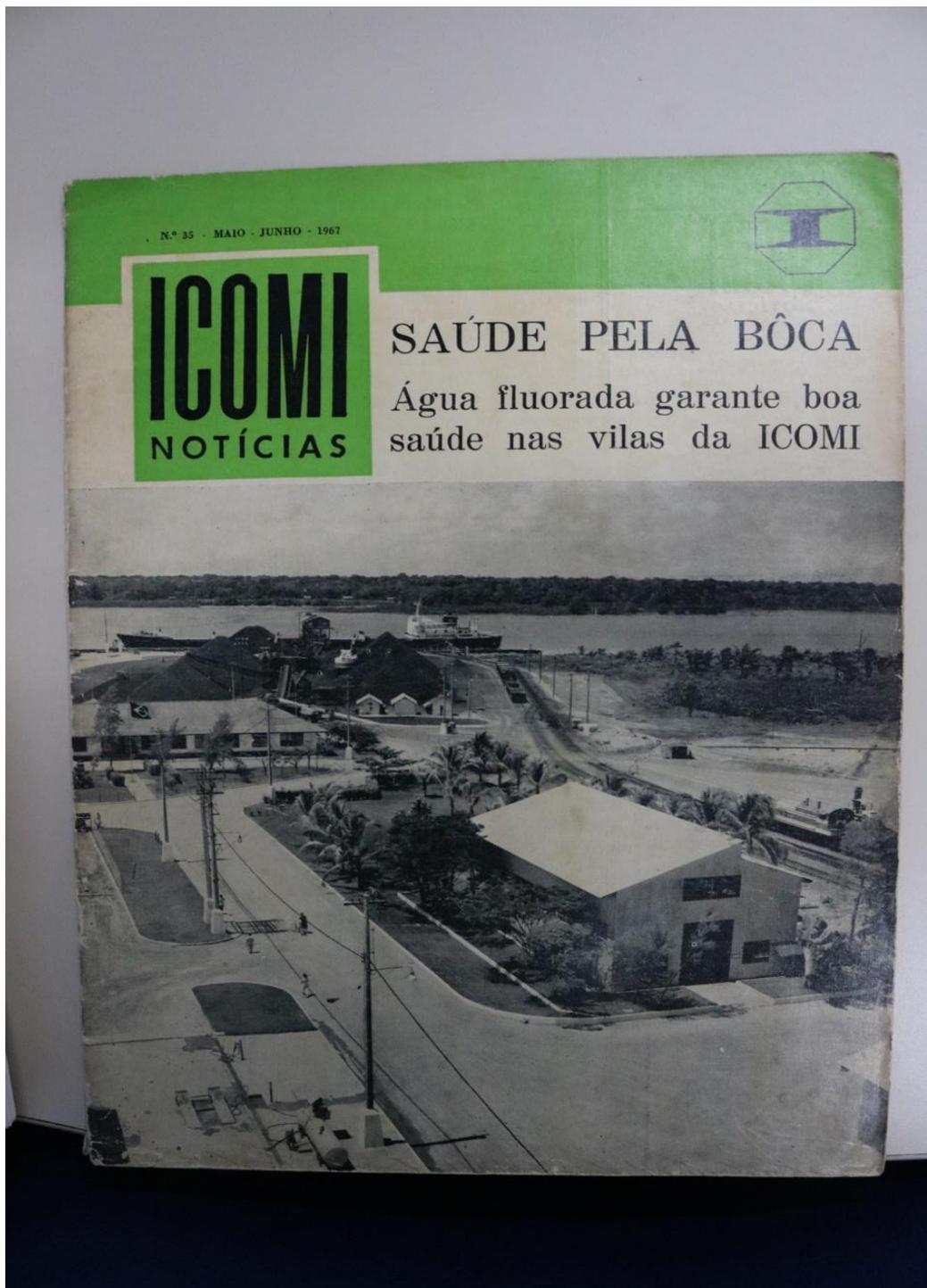
Fonte: Acervo do CEMEDHARQ UNIFAP

ANEXO 3 – LIVRO COM TODAS AS EDIÇÕES DA REVISTA ICOMI-NOTÍCIAS



Fonte: Acervo do CEMEDHARQ UNIFAP

ANEXO 4 – VERSÃO FÍSICA DA EDIÇÃO 35



Fonte: Acervo do CEMEDHARQ UNIF

ANEXO 5 – VERSÃO FÍSICA DA EDIÇÃO 35



Ponto Final



O trabalho de cada dia

NESTE número de "ICOMI Notícias" há um conteúdo especial sobre o que foi o fecho das "desconstruções" no Amapá. Para os que não estão dentro da Companhia, é bom que se explique a que quer dizer mesmo esse nome de "desconstruções" que, cada ano, um grupo de funcionários, conjunto, com orgulho, no dia 8 de maio. Mas, a explicação só é necessária para os "de fora", para os empregados do ICOMI sabem que aquilo é um título dado aos que, durante dez anos, estiverem dedicando seus esforços à construção de algo muito importante no Extremo Norte do país. E não necessitam de explicação.

Os "desconstruções", muito a propósito, recebem um selo gravado como símbolo do tempo de suas vidas que eles dizem a dinamização das atividades migratórias de Serra do Navio. Esse selo representa o momento de os novos tempos de trabalho constante no sentido de que o Amapá tenha, através da comercialização do minério, um caminho seguro para o emprego e melhoramento de sua economia. O que aqui é oportuno explicar aos funcionários que recebem essa religião comercial é o sentido mais amplo de seu trabalho de cada dia.

Há duas maneiras de encerrar a significação de um trabalho que se faz. A primeira é a de que aquele trabalho é necessário e recíproco de um

outro que, por sua vez, é necessário para o progresso individual. A outra é a de que o que se está fazendo, a cada instante, é necessário ao progresso de toda uma comunidade. Quando estas duas formas de definir a significação verdadeira do trabalho se conjugam, entretanto, é que se tem o sentido amplo e completo da razão de ser do homem em seu esforço diário de construção de alguma coisa, inclusive da sua própria comunidade. O que se faz no Amapá, dentro do ICOMI, dá origem a cada um dos tipos de interpretação e, por isso, serve maravilhosamente para que a conjugação final das duas interpretações seja compreendida em toda a sua evidência. Lá, o homem empregado no ICOMI tem oportunidade de trabalhar ao seu próprio progresso individual e oferecer melhores condições de vida para sua família e seus dependentes. Ao mesmo tempo, está bem sabido que esse esforço resultou que o sono de todos os trabalhadores iguais ao seu tem com relação ao progresso regional. O emprego do ICOMI, no seu ato-a-ato imediato, contribui e constitui. O seu trabalho, assim, tem uma significação maior do que se se restringe apenas aos termos de alguns cruzamentos (trabalho ou matéria) imediatos. A repercussão que tem seu trabalho sobre a comunidade regional abre oportunidades a outro tipo de avaliação: aquela que faz o pedreiro

alçar o prédio enorme em cuja construção havia trabalhado e dizer com orgulho: "Eu ajudei a erguer esse prédio". No Amapá, todos estão ajudando a erguer um prédio, que é o prédio do desenvolvimento de uma região até agora pouco alçada embora muito falado pelos que realmente deveriam cuidar de seu aproveitamento racional em favor do Brasil. E isso, evidentemente, dá uma dimensão mais estimulante ao esforço de cada dia que o trabalhador do ICOMI faz no Amapá.

Os "desconstruções" cumpriram esse tarefa, que é também em favor do seu País, e receberam, por isso, o selo que registra o tempo dedicado e o dedicar a tal tipo de colaboração com os objetivos mais altos da nacionalidade. A festa que a Companhia promove para marcar o fato de eles terem completado os anos de trabalho nos seus quadros adquire, assim, uma significação pessoal e comunitária, sem que uma coisa se distinga do outro. São dois anos dedicados à dinamização de uma riqueza que permeia sem oposição econômica, produzindo os seus efeitos, inclusive num sentido nacional mais imediato, que é o sentido que tem através do adocionamento de recursos para o empreendimento comercial brasileiro. Com a exportação do minério,



Acidente também tem causa numa "falha humana"

Os acidentes e "falhas humanas", têm muitas causas, 98% das quais devidas a falhas dos equipamentos, condições inadequadas do ambiente de trabalho, falta de material e acessórios de segurança. Apenas os 2% restantes podem ser lidos à conta de "causas imprevistas", incertezas, portanto, de serem evitadas. Dentro desse conjunto de causas, porém, a falha humana ocupa lugar de relevo, estimando os técnicos que são eles responsáveis por 60% dos acidentes ocorridos em trabalho. É por isso que recomendamos a criação de uma mentalidade "preventivista" entre os empregados de todo o comércio. "Para ter", diz uma publicação da CIPA, "é necessário que o empregado seja devidamente instruído sobre as regras de segurança no seu local de trabalho, bem como a maneira correta de executar as suas funções, sendo a pessoa mais indicada para fazer esse treinamento o supervisor imediato". E explica porque: "O supervisor conhece realmente os riscos de cada trabalho e a maneira correta de executá-lo, tem contato diário com o trabalhador e poderá corrigir suas possíveis falhas. Por outro lado, é o elemento que possui a medida e o cuidado para o empregado, que procura sempre moldar-se ao exemplo do chefe imediato. Que deverá não fazer? Aqui estão as regras para o chefe: (a) explicar, de modo claro, o trabalho a ser executado e os resultados desejados; (b) ensinar que o tarefa a ser executada exige o máximo de atenção e seriedade; (c) lembrar que todo trabalhador é responsável pela sua segurança e da dos companheiros; (d) mostrar que os acidentes não acontecem, são causados, e conseqüentemente podem ser evitados; e (f) procurar manter o grupo com urbanidade e respeito, de modo a obter reciprocidade. E os acidentes se evitam. Com a eliminação das "falhas humanas".

Fonte: Acervo do CEMEDHARQ UNIFAP